



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO

ANA RITA MONTEIRO CORREIA

A VISIBILIDADE FEMININA EM INICIATIVAS JORNALÍSTICAS
INDEPENDENTES NA INTERNET: UM ESTUDO DE CASO SOBRE OS PORTAIS
MULHER NO CINEMA E FEITO POR ELAS

FORTALEZA

2022

ANA RITA MONTEIRO CORREIA

A VISIBILIDADE FEMININA EM INICIATIVAS JORNALÍSTICAS INDEPENDENTES
NA INTERNET: UM ESTUDO DE CASO SOBRE OS PORTAIS *MULHER NO CINEMA* E
FEITO POR ELAS

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social - Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Kamila Bossato Fernandes.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C847v Correia, Ana Rita Monteiro.
A visibilidade feminina em iniciativas jornalísticas independentes na internet: : um estudo de caso sobre os portais Mulher no Cinema e Feito por Elas / Ana Rita Monteiro Correia. – 2021.
150 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2021.
Orientação: Profa. Dra. Kamila Bossato Fernandes .
1. Jornalismo independente. 2. Jornalismo feminista. 3. visibilidade. I. Título.

CDD 070.4

ANA RITA MONTEIRO CORREIA

A VISIBILIDADE FEMININA EM INICIATIVAS JORNALÍSTICAS INDEPENDENTES
NA INTERNET: UM ESTUDO DE CASO SOBRE OS PORTAIS *MULHER NO CINEMA E
FEITO POR ELAS*

Monografia apresentada ao curso de
Comunicação Social - Jornalismo do Instituto
de Cultura e Arte da Universidade Federal do
Ceará, como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Comunicação Social -
Jornalismo.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Kamila Bossato Fernandes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Rosane da Silva Nunes
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

À minha mãe e à minha avó, mulheres responsáveis por quem eu sou hoje.

AGRADECIMENTOS

Durante o processo de construção da monografia, lembrei de uma palavra dita pela minha mãe em momentos que lhe faltam ânimo: “coragem!”. Ao ser mencionada em voz alta, esse simples subjetivo lhe dá força e bravura para enfrentar as suas pequenas — e às vezes grandes — batalhas diárias. Em alguns momentos, eu repeti essa mesma palavra. Coragem. Confesso que escrever a monografia não foi tão fácil quanto eu imaginava. Mas todo o apoio que eu tive fez toda a diferença. Por isso, eu agradeço à minha mãe, Regina, meu porto seguro, por toda dedicação e amor, por acreditar em mim, por ser responsável pela minha formação e por quem eu sou hoje. Também não poderia deixar de agradecer à minha avó, Rita de Cássia, uma segunda mãe para mim, a mulher mais forte que eu já conheci. Passamos por momentos difíceis ano passado que somente nós duas sabemos. Infelizmente, eu te perdi. Mas eu tenho certeza que você está olhando e torcendo por mim de onde quer que esteja.

Agradeço ao Nilton, meu companheiro, amigo, parceiro e pessoa que eu gostaria de contar por toda minha vida. Nunca vou esquecer do dia em que fizemos a nossa mudança de curso juntos. Na época, parecia uma decisão arriscada, mas hoje vejo que foi a melhor de todas. Obrigada por todo amor, apoio, carinho e incentivo. Também agradeço à sua família, que sempre me apoiou e torceu por mim.

Agradeço à Lílian, minha melhor amiga, quase uma irmã para mim. Você também é uma das pessoas responsáveis por quem eu sou hoje. Talvez sem você, eu não estaria aqui escrevendo uma monografia sobre objetos que abordam assuntos da indústria cinematográfica. Obrigada pelos desabafos, angústias partilhadas e *cookies* comprados para mim. Também agradeço à sua mãe, Lidiane, que sempre me acolheu e me apoiou, inclusive no momento em que eu disse que gostaria de fazer Jornalismo.

À minha orientadora, Kamila Bossato. Não há palavras para agradecer toda paciência, acolhimento, disponibilidade e dedicação para oferecer qualidade a esta pesquisa. Também aproveito para agradecer a todos os professores do curso de Comunicação Social - Jornalismo que foram fundamentais para minha trajetória acadêmica, como Rafael Rodrigues, Ricardo Jorge, Diógenes Lycarião, entre outros.

Ao meu supervisor/chefe/amigo, Daniel Fonsêca, pelas orientações, apoios, correções, conselhos, empolgações e por deixar um ambiente de trabalho remoto muito mais agradável. Sem dúvidas, sou uma melhor profissional hoje por sua causa. Também agradeço a parceria constante da equipe da Ascom da DPU, profissionais importantes que passaram por

essa minha trajetória — Aline, Maria Rita, Glória, Érica e Roberta. É uma honra ter sido considerada uma ninja por vocês!

Ao Hermenão, Ana Victória, Gustavo, Leonardo, Lílian, Nilton, Rodrigo, Sabrina e Sofia por me apoiarem desde a época da escola. Vocês são minha segunda família. Também agradeço à Mateus e à Marília, que são pessoas essenciais para o grupo. E, por fim, agradeço às amigas da graduação que formaram minha rede de apoio, Clarice, Kelly, Vitória Rodrigues, Áurea, William, Vitória Queiroz, Mariana, entre outros. Obrigada por estarem comigo nesta caminhada.

“Não haverá igualdade até que existam tantas diretoras medíocres quanto existem diretores medíocres” – Gillian Armstrong.

RESUMO

O ambiente digital proporcionou não apenas o consumo de informações, como também o compartilhamento e a produção de conteúdos a partir de interesses de cada indivíduo (CASTELLS, 2003). Devido às transformações do jornalismo (ANDERSON, BELL E SHIRKY, 2013) e às lacunas encontradas na grande mídia convencional, novos formatos jornalísticos ganharam maior visibilidade no Brasil e no mundo por meio da internet. Dessa forma, esta pesquisa tem por objetivo analisar dois (2) portais jornalísticos autodenominados independentes, espaços de voz e visibilidade para grupos minoritários brasileiros. Por meio de uma abordagem qualitativa, foram estudados os *sites Mulher no Cinema* e *Feito por Elas* a partir do método de estudo de caso (YIN, 2001), em conjunto com a análise de conteúdo de Bardin (2011), entrevistas e uso de mecanismos de busca para melhor compreender as problemáticas levantadas. Ambos portais possuem uma proposta similar, uma vez que possuem um recorte de gênero em suas publicações, buscando, assim, levar informação de qualidade, democrática e plural sobre o universo cinematográfico, ambiente que também possui forte desigualdade de gênero. O objetivo é investigar como essas iniciativas conseguem potencializar a visibilidade da mulher, e em especial daquelas que estão presentes na indústria cinematográfica. Além do estudo de caso, também foram feitas entrevistas com as colaboradoras dos sites, assim como uma pesquisa bibliográfica sobre os conceitos de Jornalismo Independente e Jornalismo Feminista, relacionando com as propostas dos portais. Percebe-se que esses portais independentes servem como divulgação de análises e discussões da agenda cinematográfica a partir de uma perspectiva de gênero, garantindo novas formas de expressão pessoal e coletiva.

Palavras-chave: jornalismo independente; jornalismo feminista; *Mulher no Cinema*; *Feito por Elas*; visibilidade feminina.

ABSTRACT

The digital environment provided not only information consumption, but also content sharing and producing from each individual's interests (CASTELLS, 2003). Due to journalism transformations (ANDERSON, BELL, SHIRKY, 2013), and gaps found in mainstream media, new journalistic formats gained a bigger visibility in Brazil and in the world through the internet. In this context, the objective of this research is analyze two (2) journalistic portals self-denominated independent, speech space and visibility for Brazilian minority groups. Through a qualitative approach, the websites "Mulher no Cinema" and "Feito por Elas" were analyzed through the case study method (YIN, 2001) together with Bardin's content analysis (BARDIN, 2011), interviews and usage of search mechanisms for a better comprehension of the problems' raised. Both portals possesses similar proposals, once they bring a gender perspective into their posts, seeking to bring only democratic, plural and quality information about the cinematographic universe, an environment that also has strong gender inequality. The objective is to investigate how these initiatives manage to potentiate women's visibility, especially those women who are present into the cinematographic industry. In addition to the case study, interviews with the website collaborators was made, as well as an bibliographic research about the Independent Journalism concepts and Feminist Journalism, relating to the portals' proposals. It is noticed that theses independent portals serve as a dissemination of analysis and discussions of the cinematographic agenda, from a gender perspective, ensuring new forms of collective and personal expression.

Keywords: independent journalism; feminist journalism; *Mulher no Cinema*; *Feito por Elas*; female visibility.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|-----|
| Figura 1 - Página inicial do site Mulher no Cinema..... | 67 |
| Figura 2 - Página inicial do portal Feito por Elas..... | 71 |
| Figura 3 - Página de matéria sobre Festival de Gramado em portal Mulher no Cinema..... | 100 |
| Figura 4 - Cena de performance incluída no filme “Ana, sem título”, de Lucia Murat..... | 107 |
| Figura 5 - Cena do filme “A Primeira Morte de Joana”, de Cristiane Oliveira, uma das produções da Okna, de Aletéia Selonk..... | 110 |
| Figura 6 - Ferramenta de busca do Google (Cristiane Oliveira)..... | 111 |
| Figura 7 - Ferramenta de busca do Google (Aletéia Selonk)..... | 111 |
| Figura 8 - Cena do filme A Candidata Perfeita (2019)..... | 115 |
| Figura 9 - Cena do filme Meu Primeiro Verão, da australiana Katie Found..... | 117 |
| Figura 10 - Cena do documentário As Preces de Delfine (2021)..... | 118 |
| Figura 11 - Matéria sobre trailer divulgado com exclusividade pelo Mulher no Cinema..... | 124 |
| Figura 12 - Matéria sobre o festival Olhar de Cima no portal Feito por Elas..... | 126 |
| Figura 13 - Cena do documentário sobre a trajetória da ativista trans Indianara Siqueira..... | 128 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 - Códigos presentes no site Mulher no Cinema organizados em categorias..... | 84 |
| Tabela 2 - Códigos presentes no site Feito por Elas organizados em categorias..... | 89 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 15 |
| 1 JORNALISMO INDEPENDENTE NO BRASIL | 18 |
| 1.1. Contexto do jornalismo independente no Brasil | 20 |
| 1.2. O jornalismo independente no ambiente digital e suas particularidades | 23 |
| <i>1.2.1. As formas de financiamento</i> | <i>28</i> |
| 1.3. Jornalismo digital independente voltado para nichos específicos | 30 |
| <i>1.3.1. A cauda longa e a diversidade da mulher no jornalismo independente</i> | <i>32</i> |
| 1.4. Jornalismo independente sobre questões de gênero | 34 |
| 2 A INVISIBILIDADE DA MULHER NA MÍDIA..... | 39 |
| 2.1. Invisibilidade feminina no cinema | 42 |
| 2.2. Imprensa feminina | 46 |
| <i>2.2.1. Jornalismo cultural e imprensa feminina</i> | <i>49</i> |
| 2.3. Imprensa feminista | 51 |
| <i>2.3.1. A imprensa e os movimentos feministas no Brasil.....</i> | <i>54</i> |
| <i>2.3.2. A imprensa feminista como fator de mudança.....</i> | <i>55</i> |
| <i>2.3.3. A imprensa feminista e suas subjetividades</i> | <i>57</i> |
| 2.4. Por mulheres: iniciativas jornalísticas na internet com perspectiva de gênero | 58 |
| 3 SOBRE OS PORTAIS: MULHER NO CINEMA E FEITO POR ELAS | 63 |
| 3.1. Mulher no Cinema | 63 |
| 3.2. Feito por Elas | 68 |
| 3.3. Metodologia | 72 |
| <i>3.3.1. Estudo de caso</i> | <i>74</i> |
| <i>3.3.1.1. Documentos</i> | <i>76</i> |
| <i>3.3.1.2. Entrevistas</i> | <i>77</i> |
| <i>3.3.1.3. Mecanismos de busca</i> | <i>78</i> |
| 3.4. Análise de conteúdo: conceitos e método | 79 |

| | |
|--|------------|
| 3.5. Análise comparativa | 82 |
| 3.6. Códigos presentes nos conteúdos dos portais <i>Mulher no Cinema e Feito por Elas</i> | 84 |
| 3.6.1 <i>Mulher como protagonista</i> | 92 |
| 3.6.2. <i>Visibilidade</i> | 93 |
| 3.6.3. <i>Diversidade de causas abordadas</i> | 93 |
| 3.6.4. <i>Subjetividade no discurso jornalístico</i> | 94 |
| 3.6.5. <i>Agenda cinematográfica</i> | 95 |
| 4 ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS CATEGORIAS NOS PORTAIS <i>MULHER NO CINEMA E FEITO POR ELAS</i> | 97 |
| 4.1. <i>Mulher como protagonista nos portais Mulher no Cinema e Feito por Elas</i> | 97 |
| 4.2. <i>Visibilidade nos portais Mulher no Cinema e Feito por Elas</i> | 101 |
| 4.3. <i>Diversidade de causas abordadas nos portais Mulher no Cinema e Feito por Elas</i> | 113 |
| 4.4. <i>Subjetividade no discurso jornalístico nos portais Mulher no Cinema e Feito por Elas</i> | 119 |
| 4.5. <i>Agenda cinematográfica nos portais Mulher no Cinema e Feito por Elas</i> | 123 |
| 4.6. <i>Similaridades e diferenças: breve análise comparativa entre os portais</i> | 127 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 131 |
| REFERÊNCIAS | 136 |
| APÊNDICE A - LISTA DE CÓDIGOS ENCONTRADOS NAS MATÉRIAS ANALISADAS DO PORTAL <i>MULHER NO CINEMA</i> | 143 |
| APÊNDICE B - LISTA DE CÓDIGOS ENCONTRADOS NAS MATÉRIAS ANALISADAS DO PORTAL <i>FEITO POR ELAS</i> | 149 |

INTRODUÇÃO

A internet tem contribuído não apenas para o consumo de informações, mas também para o compartilhamento e a produção de conteúdos a partir de interesses de cada indivíduo (CASTELLS, 2003). Devido à disseminação de informações, ao surgimento de plataformas disponíveis pela internet e às transformações enfrentadas nas redações como demonstrado por Anderson, Bell e Shirky (2013), novos formatos jornalísticos ganharam maior visibilidade no Brasil e no mundo.

Neste cenário de mudanças, este trabalho tem como tema as iniciativas jornalísticas nativas da internet autodenominadas independentes, em especial aquelas que não são ligadas a grupos de mídia tradicionais, políticos, empresas ou outras organizações. São produções que surgiram pela internet, organizadas, geralmente, por projetos coletivos com objetivos distintos dos encontrados nas grandes mídias convencionais (BATISTA E PATRÍCIO, 2017).

Essa diferenciação pode ser encontrada desde a seleção de informações e de fontes até os mecanismos de divulgação das produções. São veículos difundidos pela iniciativa de um determinado indivíduo ou coletivo que busca propor um novo olhar de percepção da realidade. Sendo assim, potencializa-se uma maior visibilidade e representação de pessoas, lugares ou grupos sociais que não possuem o devido destaque na mídia convencional (PERUZZO, 2009). Além disso, as práticas autodenominadas independentes são representadas por uma comunicação mais livre e horizontal, propiciando a formação de uma audiência mais crítica e, conseqüentemente, gerando uma maior cobrança pela transparência das informações disseminadas (FERNANDES, 2014).

É importante ressaltar que as iniciativas jornalísticas independentes ou alternativas, como chamadas por Peruzzo (2009), não surgiram em razão da internet. No Brasil, por exemplo, esse tipo de comunicação se deu de forma acentuada na época da ditadura militar (PERUZZO, 2009), quando eram realizadas produções de cartazes, revistas, jornais ou *fanzines* contra hegemônicas, os quais concediam espaço e voz para grupos minoritários brasileiros (mulheres, negros e homossexuais, por exemplo). Segundo Nayara Sousa (2020), foi a partir da imprensa alternativa do século XIX que surgiram os estudos de Jornalismo Feminista.

A partir dessas reflexões, nesta pesquisa, também busco abordar brevemente estudos de Jornalismo Feminista, no qual a mulher aparece como protagonista – da repórter até a fonte. Para esta pesquisa, foram encontrados pelo menos 16 iniciativas jornalísticas com perspectiva de gênero e/ou feministas em atuação no Brasil, a partir de um levantamento feito pelo Mapa da Agência Pública (2016). Atualmente, são produzidos *podcasts*, reportagens

investigativas e produções audiovisuais que buscam superar estereótipos desenvolvidos na sociedade, aplicando uma comunicação mais democrática e igualitária.

Por meio desses estudos, foi constatado que há uma invisibilidade das mulheres na mídia, seja por conta da baixa presença delas em notícias ou devido à insistência de estereótipos e clichês (VECCHIO-LIMA; SOUZA, 2017). Essa invisibilidade não acontece somente no jornalismo, mas praticamente em todas as áreas, seja no cinema, literatura, música, política e esporte (LUSVARGHI; SILVA, 2019). Neste contexto, o trabalho em questão pretende mostrar como as iniciativas jornalísticas independentes podem surgir como uma estratégia para conseguir combater essa invisibilidade, inclusive, no mercado cinematográfico.

Nas iniciativas jornalísticas independentes com perspectiva de gênero há uma prioridade no uso da figura feminina como fonte, tema e enfoque, quando nos voltamos aos conteúdos, mas também podemos constatar que a própria organização dos projetos é majoritariamente feminina. Sobre os conteúdos, também se percebe uma prevalência de produções opinativas (SCHANDER, 2020), nos quais as mulheres expõem suas subjetividades, geralmente, por meio de uma linguagem pessoal. É partindo desse ponto que se situam os portais *Mulher no Cinema*¹ e *Feito por Elas*², objetos de estudo da pesquisa. Ambas são fundadas por mulheres que têm o objetivo de levar informação de qualidade, democrática e plural sobre o universo cinematográfico, ambiente que também possui um forte viés de patriarcalismo cultural (VECCHIO-LIMA; SOUZA, 2017), a partir de um recorte de gênero.

A partir desses pressupostos, este trabalho tem como objetivo verificar em que medida as ações dessas iniciativas jornalísticas independentes com perspectiva de gênero voltadas ao meio digital podem potencializar a visibilidade da figura feminina, compreendendo o atual contexto comunicativo e social. Dessa forma, estudaremos as publicações dos portais *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas* a partir do método de estudo de caso, em conjunto com uma análise de conteúdo e comparativa, para melhor compreender as problemáticas levantadas. Além disso, será feita uma reflexão de conceitos elencados sobre Jornalismo Independente e Jornalismo Feminista, relacionando-os com as propostas dos portais.

Também entrevistamos as editoras dos sites para discutir questões relacionadas aos objetivos dos portais, à rotina de produção e à busca pelo fim das representações estereotipadas de mulheres. Por meio das entrevistas, buscamos entender também as motivações das editoras para a criação dos sites, assim como os principais mecanismos de financiamento para os portais.

¹ Disponível em: <https://mulhernocinema.com>

² Disponível em: <https://feitoporelas.com.br>

Em relação à análise de conteúdo, foram selecionadas 25 matérias do *Mulher no Cinema*, com um recorte de período entre agosto a outubro de 2021, e 15 matérias do *Feito por Elas*, publicadas entre agosto a outubro de 2020. Essa distinção na quantidade de matérias, assim como na escolha dos diferentes períodos foram justificados na metodologia deste trabalho.

A monografia está dividida em quatro capítulos. O primeiro abrange um enquadramento teórico, de acordo com as conceituações do jornalismo independente e alternativo. São mencionadas as principais particularidades desse formato, a diversidade de características do jornalismo alternativo no meio digital, a presença do jornalismo independente voltado a nichos específicos e, também, a existência das questões de gênero no jornalismo independente.

A segunda parte traz uma reflexão sobre a invisibilização da mulher na mídia e, em especial, na indústria cinematográfica. Além disso, é feito um posicionamento teórico sobre as diferenças de conceituação entre a imprensa feminina e feminista no Brasil. Também traz uma reflexão sobre como a imprensa feminista surgiu na luta pela igualdade de gênero, a partir de uma reflexão sobre fatores motivacionais que levaram ao ato de criar iniciativas jornalísticas por mulheres, ou seja, projetos de jornalismo com perspectiva de gênero.

No terceiro capítulo, comentamos, de forma detalhada, sobre os processos metodológicos escolhidos para melhor responder as perguntas desta pesquisa. Dessa forma, a partir de uma abordagem qualitativa, a monografia utiliza como modelo metodológico o estudo de caso, aplicando uma diversidade de métodos, como entrevistas, documentos, mecanismos de busca, análise de conteúdo e análise comparativa. E, com base na análise de conteúdo de Bardin (2011), é exposta a primeira etapa de análise que, a partir dos materiais selecionados para formar o corpus, observamos os códigos encontrados em comum nos textos consultados, a fim de criar categorias que descrevem as particularidades de ambos os portais.

No quarto e último capítulo é realizada a análise das categorias definidas na fase anterior, incorporando os trechos das matérias analisadas dos portais *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas* com os referenciais teóricos sobre jornalismo independente e feminista, além de citações encontradas nas entrevistas realizadas pelas criadoras. Foram encontradas as categorias: mulher como protagonista, visibilidade, diversidade, subjetividade no discurso jornalístico e agenda cinematográfica. Nas considerações finais, são enfatizadas as principais particularidades da análise e da discussão dos resultados, refletindo sobre as limitações das produções jornalísticas com perspectiva de gênero realizadas pelos portais *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*.

1 JORNALISMO INDEPENDENTE NO BRASIL

Este capítulo tem por objetivo levantar considerações sobre as particularidades do jornalismo independente ou alternativo, denominação que varia de acordo com o posicionamento de cada autor como Peruzzo (2009), Carvalho (2014), Fernandes (2019), Oliveira (2008, 2009) e Batista e Patrício (2017, 2019). Por meio de uma revisão bibliográfica, pretende-se introduzir o assunto em relação ao contexto da história do jornalismo brasileiro. Entende-se que as mudanças e as adaptações do jornalismo independente são importantes para a contribuição na sociedade. Esse contexto inicial é útil para compreender as transformações existentes nesse tipo de fazer jornalístico que levaram ao aparecimento posterior de iniciativas de jornalismo independente na internet com perspectiva de gênero, a exemplo dos objetos de estudo desta pesquisa: *Mulher no Cinema e Feito por Elas*.

Para melhor compreendermos os conceitos das iniciativas jornalísticas que se autointitulam "independentes" ou "alternativas", é necessário discorrer brevemente sobre a temática, assim como abordar o próprio jornalismo, que se estabelece como uma profissão, mas também como uma série de valores e uma estrutura para cumprir uma determinada função social. De acordo com Marques de Melo (1991), o jornalismo teve origem com a industrialização da imprensa, a partir da urbanização e modernização, quando a sociedade passou a ter necessidade de se informar sobre os acontecimentos sobre política, clima e aplicações financeiras, por exemplo. Já para Dennis Oliveira (2008) e Cláudia Nonato (2013), o jornalismo surgiu sob os moldes dos ideais e pensamentos do Iluminismo, em meio ao processo de transição de poder para a burguesia. Além disso, Oliveira (2008) evidencia o caráter militante da época, no qual as pessoas utilizavam os meios de comunicação para expor suas ideias e opiniões, sendo a maioria de caráter revolucionário. Então, o jornalismo passou a ter um importante papel na sociedade, já que comentava sobre as revoltas sociais, políticas e econômicas.

Em relação às definições do jornalismo, Melo (1991) ressalta como particularidades essenciais na profissão: a atualidade, a periodicidade, a difusão e a universalidade. Segundo o autor, essas características fortalecem o mérito e a confiança do público na informação. Enquanto isso, Oliveira (2008) busca elencar duas particularidades: a veracidade de informações e a relevância pública. A primeira é definida pelo autor como uma reconstrução da realidade observada a partir de um ponto de vista, de um olhar, no qual se daria, assim, a autenticidade das informações. Já a segunda surge em razão do critério de noticiabilidade, pelo

qual os profissionais alinham o que deve ser definido ou não como relevante ao público (OLIVEIRA, 2008).

Ao longo do tempo, o jornalismo foi se modificando e se afastando do caráter revolucionário para se tornar um empreendimento comercial, acarretando mudanças no próprio discurso jornalístico com uma linguagem mais publicitária e menos crítica ou opinativa (OLIVEIRA, 2008). O profissional da imprensa também foi impactado pelas transformações, sejam elas estruturais, linguísticas, sociais e tecnológicas, sobretudo quando a lógica comercial se tornou predominante, fazendo com as notícias passassem a ser produtos à venda (MEDINA, 1978). Com a industrialização da chamada mídia mainstream, o jornalismo produzido e difundido nos grandes meios de comunicação passou, assim, a assumir certos padrões atribuídos a um profissionalismo que acabou por se estabelecer como o modelo hegemônico da produção jornalística contemporânea. Vale reforçar o conceito de mídia mainstream, que pode ser utilizado para se referir a comunicação em massa, mídia de massa, bem como a um jornalismo feito para atingir um público geral (PASSONI, 2019), por meio desses veículos massivos. Na diferenciação estabelecida em relação às práticas jornalísticas independentes ou alternativas, a literatura costuma atribuir ao jornalismo da mídia mainstream o nome de jornalismo tradicional ou convencional, porém, é importante ponderar que a ideia de convencional não é necessariamente sinônimo de jornalismo hegemônico, um modelo que se manifesta por meio do poder comercial. Nesta perspectiva, um projeto independente também pode se caracterizar por uma atuação que segue o modelo convencional (CARVALHO, 2014).

Assim, passaremos a refletir sobre os conceitos de jornalismo independente e alternativo. O jornalismo independente foi reconhecido a partir do surgimento de iniciativas que possuem como proposta de trabalho assuntos que vão além do que é produzido pelo jornalismo *mainstream* (CARVALHO, 2014). No entanto, o termo independente pode ser relacionado a também diversos sentidos, sejam eles econômicos, culturais, religiosos e políticos (MUNIZ JR, 2016, *apud* FERNANDES, 2019³), como definido a seguir:

O independente é usado tanto por grupos alheios às grandes empresas e com baixo financiamento, como por iniciativas que se enxergam como empreendedoras; tanto por grupos que atuam próximos de movimentos sociais, como por jornalistas que elegem temas que consideram pouco falados para gerar conteúdo e ampliar a pluralidade; tanto iniciativas vinculadas a ideologias radicais, como projetos que defendem a objetividade jornalística (FERNANDES, 2019, p. 128).

³ Muniz Jr., J. de S. **Os sentidos sociais da produção cultural independente:** usos e abusos de uma noção instável, 2016.

Alguns grandes veículos de comunicação se aproveitam do termo independente para se legitimar no campo jornalístico, comportando-se como um jornalismo profissional e de qualidade (CAVALCANTI, 2006, *apud* FERNANDES, 2019, p. 128⁴). Já o termo alternativo é utilizado em estudos comunicacionais, vinculando a ações que abordam assuntos de diversidade, vinculadas às ideias de liberdade de expressão, pluralidade de histórias e narrativas, sendo algumas ancoradas em movimentos sociais (CARVALHO, 2014). Porém, o termo é desconsiderado por integrantes de algumas iniciativas que possuem características dos estudos do jornalismo alternativo, sendo que a maioria prefere se autodenominar como um projeto independente (FERNANDES, 2019).

Em resumo, esse capítulo se dedica, inicialmente, a abordar o contexto do jornalismo independente⁵ no Brasil, passando pelas particularidades e características até chegar às mudanças decorrentes do avanço das tecnologias, seja para a produção de conteúdos no jornalismo independente digital, como para a reflexão sobre o surgimento de novas iniciativas jornalísticas voltadas para nichos específicos. Essas discussões serão essenciais para chegar ao objetivo principal deste trabalho, que é entender como as iniciativas jornalísticas independentes com perspectiva de gênero podem contribuir como um espaço de visibilidade para as mulheres.

1.1. Contexto do jornalismo independente no Brasil

Historicamente, o jornalismo independente se caracteriza pela sua diferenciação em relação aos meios convencionais, desde a seleção dos fatos que serão noticiados até os mecanismos de distribuição dos conteúdos — como jornais, revistas, panfletos, *fanzines* vídeos, *podcasts* e redes sociais (CARVALHO, 2014).

Porém, esse tipo de jornalismo não é uma novidade. Na Europa, as origens do jornalismo alternativo têm se apresentado desde o século XIX, segundo os pesquisadores Atton e Hamilton (2008). Os jornais conhecidos como alternativos eram voltados prioritariamente para a classe trabalhadora. As principais temáticas abordadas eram: questões trabalhistas, direitos humanos e situações de imigrantes (PASSONI, 2019). Na Inglaterra e na França, por exemplo, os chamados "jornais radicais independentes" ou "imprensa popular" determinaram a popularização dos jornais, devido à capacidade de influenciar a opinião pública, como a da classe trabalhadora. Além disso, os jornais alternativos surgiam de sindicatos ou associações.

⁴ Cavalcanti, J. R. **No “mundo dos jornalistas”**: interdiscursividade, identidade, ethos e gêneros, 2006.

⁵ Apesar das características do jornalismo independente e alternativo serem similares, utilizaremos na maior parte o termo “iniciativas independentes”, uma vez que os objetos de estudo desta pesquisa se autointitulam como “independentes”.

A linguagem era voltada para um caráter informativo, mas sempre de oposição política ao jornalismo tradicional, ou seja, um jornalismo comercial atual definido por Carvalho e Bona (2015, p. 5), como: “O que importa é a quantidade, ou seja, é preciso vender várias notícias fragmentadas para dar a impressão ao leitor de que ele está informado de tudo o que deve saber no dia”.

No Brasil, o jornalismo alternativo também não é uma novidade. O fenômeno se relacionou com a imprensa sindical do final do século XIX, com a imprensa partidária da primeira metade do século XX e, mais recentemente, com impressos como as revistas *Realidade* e *Caros Amigos*, e o jornal *Brasil de Fato*, entre outros. Durante o século XX, a comunicação alternativa e independente surgiu para se diferenciar dos conteúdos encontrados na grande mídia comercial brasileira. Essas divergências foram desde uma direção político-ideológica oposta, como também da proposta editorial, dos modos de organização — base popular e/ou coletiva —, formas de divulgação dos conteúdos e das estratégias de produção e ação, além de outros aspectos. Esse último é relacionado aos vínculos locais, à participação ativa, à liberdade de expressão e ao uso mobilizador (PERUZZO, 2009). Para Dennis de Oliveira (2009), alguns dos motivos que levaram à existência do jornalismo alternativo foram: a reformulação de contratos sociais estabelecidos na sociedade e o movimento contrário à tendência global de mercantilização. Ou seja, o autor entende que o estabelecimento de formas alternativas de estabelecer práticas alternativas serve como resposta à criação de espaços para a manifestação de novos atores sociais, que foram excluídos pelas grandes massas.

Durante o período do regime militar, o jornalismo alternativo entrou em efervescência. Kucinski (2003), por exemplo, entende que as publicações alternativas da época divergiam do discurso governista reproduzido pela mídia tradicional. Os periódicos tratavam de assuntos políticos, feministas, ecológicos e culturais, porém sob o olhar de oposição ao governo militar.

Peruzzo (2009) também discute a comunicação alternativa a partir da sua manifestação durante a ditadura militar no Brasil, na segunda metade do século XX. Nessa época, a prática de produção de boletins, panfletos e jornais significava grande risco de prisão e condenação política. Por isso, as produções e ações alternativas, na maioria, eram produzidas de forma clandestina, visto que havia controle estatal e censura. Em resumo, Peruzzo entende a comunicação alternativa como:

representa uma contracomunicação, ou uma outra comunicação, elaborada no âmbito dos movimentos populares e das “comunidades”, e que visa exercitar a liberdade de expressão, oferecer conteúdos diferenciados, servir de instrumento de conscientização

e, assim, democratizar a informação e o acesso da população aos meios de comunicação, de modo a contribuir para a transformação social (PERUZZO, 2009, p. 132).

A pesquisadora ainda destaca que o uso do termo “alternativo” foi se tornando pouco precisa, já que hoje esse termo pode se referir a jornais ou canais comunicativos independentes ou à comunicação popular e comunitária, além da comunicação sindical (PERUZZO, 2009). A partir dessas diferenças na forma de comunicação alternativa, Peruzzo as divide em: comunicação popular, alternativa e comunitária, e imprensa alternativa.

No caso desta pesquisa, dentre as divisões realizadas por Peruzzo (2009), a que mais se assemelha com os objetos a serem analisados neste trabalho é a forma de comunicação da imprensa alternativa, que engloba o jornalismo alternativo no contexto dos movimentos populares e que são comprometidos com as causas sociais. Segundo Peruzzo (2009), esse modelo se constitui como um jornal caracterizado como independente e não alinhado a governos e ao modo de funcionar da grande mídia. As mídias alternativas, assim, têm como objetivo colaborar na construção de uma comunicação mais plural e diversa, apresentando não apenas o jornalismo interessado em contribuir para a ampliação da cidadania, mas também estabelecendo relações de proximidade com a realidade relatada. Para Fernandes (2019), existem alguns valores associados às práticas jornalísticas alternativas ou independentes, que são: a rejeição por normas jornalísticas tradicionais (a exemplo da objetividade e da imparcialidade); a facilidade da participação do público; a possibilidade de visibilizar vozes e áreas que possuem espaços limitados nas mídias tradicionais; a atuação em oposição ao *mainstream*; o apoio às causas sociais; a busca pela transformação social; entre outros.

Alguns dos jornais independentes mais famosos durante a segunda metade do século XX foram: Pasquim (1969-1991), Posição (1969), Opinião (1972), Movimento (1975), Coojornal (1975), Versus (1974), De Fato (1975) e Extra (1984), entre outros. Eram produções feitas por jornalistas de esquerda, ligados à pequena burguesia e cansados do autoritarismo. O jornal Pasquim (1969-1991) teve um papel significativo na imprensa brasileira. Os jornalistas e escritores faziam matérias sobre a realidade do Brasil, em que se protegiam, na maioria das vezes, pelo anonimato. Os colaboradores faziam conteúdos sobre contestações políticas ou sociais, tornando-se alvo de censura e repressão, mesmo quando existia o anonimato nas publicações.

Após o período da ditadura militar, a imprensa alternativa enfraqueceu por um tempo (PERUZZO, 2009). Foi apenas no início do século XXI que ela se revigora e se reedita por meio de novos canais devido ao avanço tecnológico. No Brasil, as manifestações de junho

de 2013 aumentaram a visibilidade de veículos autodeclarados independentes. Inicialmente, os protestos eram em oposição ao aumento das tarifas de transporte público. Nessa época, por exemplo, comunicadores iam às ruas e gravavam as atividades dos movimentos populares ao vivo (PERUZZO, 2018). O coletivo Mídia Ninja⁶ foi um dos que tiveram notoriedade nacional devido às coberturas das manifestações em junho do mesmo ano (GOSCH, 2021).

Além disso, em razão de crises no impresso, por conta das demissões, jornalistas foram se desvinculando de grandes veículos da mídia convencional. Todos esses fatores se somaram a uma busca de nossas soluções, sendo uma delas a criação de iniciativas jornalísticas (GOSCH, 2021). A internet proporcionou a ampliação de possibilidades comunicativas e de participação social. A construção de blogs e *websites* se tornou cada vez mais acessível. Nesse cenário, também surgiram jornais e revistas digitais, *podcasts*, perfis em redes sociais, etc.

Podemos entender que esse tipo de jornalismo possui particularidades em relação ao jornalismo tradicional da grande imprensa. Eles possuíam como objetivo ser uma fonte de informação diferente das outras já existentes, visto que abrangiam a cobertura de temas ausentes da grande mídia por seu papel de oposição ao regime militar e, ainda, possuíam uma visão crítica constituída por jovens e intelectuais do Brasil, revolucionando a linguagem do jornalismo brasileiro com a criatividade dos profissionais da imprensa ligados ao humor (KUCINSKI, 2003).

1.2. O jornalismo independente no ambiente digital e suas particularidades

A partir do século XX, quando a lógica do capital foi incorporada na Comunicação, há uma compreensão melhor para entender as transformações ocorridas na sociedade e, também, no papel do jornalista na necessidade de interpretar e traduzir informações, atribuindo precisão e sentido (NONATO, 2013). Porém, no final do século XX, surgiram outras mudanças no mercado de trabalho e na profissão, em razão da inovação tecnológica, que levaram a um enxugamento das redações, uma mudança na organização da produção de conteúdo e uma informação transformada em mercadoria (NONATO, 2013). Houve, por exemplo, impactos nos investimentos de anunciantes e no perfil do consumidor de conteúdo. O site A Conta dos Passaralhos⁷, produzido pela agência Volt, identificou a demissão de 2.327 profissionais em 57 veículos de comunicação entre 2012 e 2018.

⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/midianinja/>. Acesso no dia 08/11/2021.

⁷ Fonte da pesquisa: <https://passaralhos.voltdata.info>. Acesso no dia 03/10/2021.

As mudanças podem ser vistas como uma forma do jornalismo se redefinir, devido a conflitos externos, sejam eles nas redações e na forma de trabalho do profissional. “Enquanto o jornalismo comercial se encontra em crise, o jornalismo alternativo observa oportunidades na internet” (CARVALHO, 2014, p. 128). Atualmente, as iniciativas jornalísticas na internet são um dos principais movimentos da atualidade. É um jornalismo que se relaciona com as adaptações, as plataformas e os processos de trabalho, além de buscar comunicar diferentes agentes sociais.

No entanto, a tecnologia não tem transformado apenas as práticas jornalísticas. A saída do analógico para o digital tem também refletido nas características da sociedade, nos comportamentos políticos e até na economia (BENSON AND NEVEAU, 2005, *apud* MESQUITA & FERNANDES, 2021, p. 24⁸). Até o arquivamento de informação tem sido modificado. Antes, os documentos eram arquivados em espaços físicos. Atualmente, essas informações são mais fáceis de serem resgatadas, por conta do armazenamento de dados em formatos digitais. Esse processo também exige que os profissionais da redação tenham conhecimentos avançados de informática para identificar e interpretar dados. São estratégias das empresas jornalísticas para a construção da informação (MESQUITA & FERNANDES, 2021). “No ambiente online, os jornalistas devem considerar não apenas o layout das páginas, mas também hashtags e elementos visuais que sejam suficientemente atraentes para serem acessados por sites de mídia social” (MESQUITA E FERNANDES, 2021, p. 25)⁹.

A comunicação vai se moldando às mudanças comportamentais que surgem decorrentes da era digital. Atualmente, o acesso à internet não está disponibilizado somente no computador, mas nas palmas das mãos de bilhões de pessoas que utilizam smartphones e tablets, seja para acessar diferentes mídias e plataformas, como para se comunicar. Essa interação pode ser realizada com palavras, expressões, *gifs*, imagens, emoticons ou códigos. São muitas inovações e várias possibilidades para se comunicar na internet.

Na primeira década do século XXI, o número de pessoas conectadas à internet em todo mundo aumentou de 350 milhões para mais de dois bilhões. No mesmo período, a quantidade de usuários de telefones celulares subiu de 750 milhões para mais de cinco bilhões [...] Até 2025, a maior parte da população mundial terá saído, em uma geração, de quase falta de acesso a informações não filtradas para o domínio de toda a informação do mundo através de um aparelho que cabe na palma da mão. Se o ritmo atual de inovação tecnológica for mantido, a maioria da população da Terra, estimada em oito bilhões de pessoas, estará online (SCHMIDT, COHEN, 2010, p. 12).

⁸ Benson, R., & Neveau, E. **Bourdieu and the Journalistic Field**. Cambridge: Polity, 2005.

⁹ Tradução (do inglês para o português): “In the online environment, journalists must consider not only the layout of pages but also hashtags and visual elements that are sufficiently appealing to be accessed via social media sites”.

Segundo informações da pesquisa TIC Domicílios 2019¹⁰, pelo menos 134 milhões de brasileiros acessam a internet. Apesar de ser uma quantidade grande de pessoas utilizando serviços online, ainda são acentuadas as diferenças de renda, gênero, raça e regiões. Os dados são de um levantamento sobre acesso à tecnologia da informação e comunicação, desenvolvido pelo Centro Regional para Desenvolvimento de Estudos sobre a Sociedade da Informação (Cetic.br), vinculado ao Comitê Gestor da Internet no Brasil.

Em porcentagens, o levantamento nacional mostra que, enquanto 74% dos brasileiros utilizaram serviços online de internet pelo menos uma vez nos últimos três meses, outros 26% permanecem desconectados. Em relação à busca por informação, do percentual total de usuários de internet, 51% dos usuários são mulheres e 43% dos usuários são homens¹¹. Com dados de indivíduos de 10 anos ou mais, a pesquisa não diz a respeito de diferentes identidades de gênero, como mulheres trans, homens trans, pessoas não binárias, por exemplo. Esses dados são importantes para entender que, apesar do avanço dos serviços online, ainda há uma desigualdade em relação ao acesso à informação.

A internet possui processos não lineares de produção, circulação e interação com o público (PEIXOTO, 2019, p. 48). Nesta perspectiva, há uma difusão de conteúdos e novos formatos jornalísticos. Hoje, é possível encontrar uma variedade de produções em formato de *Podcast*, além de perfis nas redes sociais que facilitam a possibilidade de entrega desses conteúdos para as pessoas. Por ser um espaço para formação de opinião rápida e gratuita, as iniciativas independentes na internet ganharam maior espaço, visibilidade e audiência. São produtos que exploram recursos multimídias e redes sociais para construir narrativas. “A internet lhe proporciona uma possibilidade de audiência imensurável de modo que a sua relevância social seja mais significativa” (CARVALHO, 2014, p.129).

O jornalismo independente se tornou tão presente no ambiente digital que surgiram, assim, projetos nascidos exclusivamente deste local, as iniciativas jornalísticas nativo-digitais. De acordo com Prensky (2001, *apud* GOSCH, 2021, p. 34¹²), a nomenclatura surgiu pela capacidade dos jovens da geração Z serem capazes de realizar múltiplas tarefas, uma das principais particularidades dessa geração. Nascidos entre 1997 e 2005, com um contexto da internet já existente, a geração Z possui de forma presente o acesso de ferramentas e de

¹⁰ Fonte da pesquisa: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>. Acesso dia 07/10/2021.

¹¹ Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br). Acesso no dia 07/11/2021.

¹² PRENSKY, M. **Digital Native, digital immigrants**. Digital Native immigrants, 2001.

plataformas a um alcance muito rápido. Segundo Lenzi (2020), ao se aproximar com as práticas jornalísticas, as iniciativas nativo-digitais devem ser entendidas como projetos que nasceram exclusivamente na internet, e não em um meio analógico para migrar para o ambiente online, como descrito a seguir:

[...] durante as primeiras décadas de presença na internet, veículos jornalísticos faziam basicamente a transposição dos conteúdos do meio original para o digital; depois passaram a utilizar algum complemento multimídia, mas ainda tendo o impresso como principal referência; e apenas em um cenário mais recente começaram a oferecer materiais noticiosos originais desenvolvidos especificamente para a rede (LENZI, 2020, p. 4).

Em relação ao jornalismo independente na era digital, Clarissa Peixoto (2019) adota o conceito de “jornalismo de novo tipo”. A autora define que este modelo busca experiências interessadas em produção e circulação de conteúdo jornalístico alternativo. Este termo surgiu pela equipe de pesquisadores do GPS/Jor, projeto de pesquisa-ação, parceria entre as Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Luterana de Santa Catarina (Ielusc). O projeto tem como missão “pesquisar e propor soluções para as crises do jornalismo contemporâneo” (GPS/JOR, 2021). O objeto de estudo utilizado pela pesquisadora foi o Portal Catarinas¹³, veículo de jornalismo multimídia, nativo digital e possui produções voltadas à temática de gênero, feminismo e direito das mulheres.

A pesquisadora entende que as circunstâncias, como crises no jornalismo, desemprego e múltiplas tarefas levaram a um conjunto de dificuldades encontradas no jornalismo. E, com o avanço da internet, abriu-se uma oportunidade de disputar outros espaços de produção e circulação de conteúdo (PEIXOTO, 2019, p. 49). Outro ponto importante é que a autora não considera que esse tipo de jornalismo seja apenas de interesse de profissionais de jornalismo, pelo contrário, por conta da facilidade de acesso, instituições e movimentos sociais estão buscando atuar na produção de conteúdos noticiosos de forma independente. Ou seja, uma modalidade que vem crescendo desde 2013 com os movimentos de comunicação livre (PEIXOTO, 2019).

De acordo com Peixoto (2019), o jornalismo de novo tipo é o mesmo que os chamados nativos digitais, ou seja, portais que já foram incorporados a uma linguagem digital, apostando na convergência de formatos para produção e distribuição de conteúdos.

O jornalismo de novo tipo reflete sobre os atuais paradigmas de produção de jornalismo de qualidade, a partir de uma lógica diferenciada do modelo lucrativo, em que os agentes sociais envolvidos - jornalistas, instituições e leitores - integram um

¹³ Disponível em: <https://catarinas.info>. Acesso no dia 06/10/2021.

conjunto de esforços para a sustentabilidade da atividade jornalística (PEIXOTO, 2019, p. 51).

Para a pesquisadora (2019), esses projetos jornalísticos ainda buscam formas de financiamento variadas, por exemplo algumas que incluem serviços de assinatura e, inclusive, publicidades. No caso do Nexo Jornal¹⁴, por exemplo, a iniciativa jornalística independente traz o serviço de assinatura para que as pessoas acessem o conteúdo produzido pelo portal. Além disso, o Nexo Jornal tenta se diferenciar de outras produções jornalísticas por serem isentos de publicidade. Apesar de Peixoto (2019) utilizar o termo "jornalismo de novo tipo", entendemos que as características se conectam com as particularidades já encontradas nas iniciativas de jornalismo alternativo e independente, descritos pelos autores Fernandes (2014, 2019), Batista e Patrício (2017, 2019) e Peruzzo (2009, 2018).

É importante destacar algumas das particularidades encontradas em relação ao público das iniciativas independentes presentes no ambiente digital. Para Carvalho (2014), uma delas está na possibilidade de o público-alvo das produções alternativas serem encontrados de forma rápida, fácil e gratuita. Atualmente, as iniciativas jornalísticas independentes garantem essa facilidade devido aos conteúdos estarem divididos em nichos específicos. Cada produção tem suas especificidades, como é o caso de produtos que possuem como particularidades as questões vinculadas a gênero, ou seja, pautas que indicam a busca pela igualdade de gênero, como os portais AzMina¹⁵, Revista Capitolina¹⁶, entre outros.

Segundo Fernandes (2019), além de potencializar as vozes dos sujeitos excluídos do *mainstream*, as iniciativas alternativas ou independentes na internet estimulam a participação dessas pessoas. Ou seja, outra característica atribuída nesses meios é justamente a participação do público, “seja na produção de conteúdo, seja no financiamento, seja ainda nas decisões editoriais” (FERNANDES, 2019, p. 115). De acordo com Carpentier (2011b *apud* Fernandes, 2019, p. 116¹⁷), de modo geral, o ambiente midiático digital estimula que se estabeleçam interações, porém há muitas vezes restrições. A interação pode ser, por exemplo, decisória, no sentido de permitir que o público escolha qual será o próximo produto a ser produzido, quando são permitidas sugestões de pauta.

Outra característica observada em alguns produtos independentes digitais é a página de transparência (BATISTA E PATRÍCIO, 2019). Essas páginas são responsáveis por conter

¹⁴ Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br>. Acesso no dia 06/10/2021.

¹⁵ Disponível em: <https://azmina.com.br>. Acesso no dia 10/10/2021.

¹⁶ Disponível em: <http://www.revistacapitolina.com.br>. Acesso no dia 10/10/2021.

¹⁷ Carpentier, N. **Media and Participation**: A site of ideological-democratic struggle, 2011.

informação sobre as despesas e os ganhos do projeto independente. No caso da pesquisa de Batista e Patrício (2019), eles analisaram a página de transparência da Agência Pública. Segundo a iniciativa, todos os recursos são usados para as próprias produções e projetos, sendo a maior parte investida no trabalho dos jornalistas. Algumas das principais despesas são com recursos humanos, salários para jornalistas conforme a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), despesas administrativas, viagens e impostos.

O jornalismo independente tem como particularidade as formas de financiamento para as produções e os portais continuarem presentes e ativos. A Agência Pública, uma das iniciativas mais pesquisadas e conhecidas, por exemplo, é financiada por recursos provenientes das fontes por meio de doações de instituições privadas nacionais e internacionais; patrocínio a projetos e eventos; editais e pelo próprio financiamento dos leitores. Em 2019, cerca de 58,7% dos recursos adquiridos vieram por meio de projetos¹⁸.

A proposta da Agência Pública difere da maior parte dos demais veículos de comunicação jornalísticos do Brasil. A iniciativa inclui reportagens que são pautadas a partir do interesse público. Além disso, o grupo de comunicação busca fortalecer o direito à informação e a promoção dos direitos humanos. As principais temáticas tratadas pela Pública são relacionadas aos direitos humanos, assim como questões acerca da Amazônia, Ditadura e Meio Ambiente (CARVALHO, 2014, p. 132).

Neste contexto, para melhor entendermos uma das principais particularidades que define o que é um portal independente ou alternativo, decidimos explorar melhor as questões sobre as formas de financiamento.

1.2.1. As formas de financiamento

Como foi visto, Peruzzo (2009) é uma pesquisadora que entende a comunicação alternativa como livre, no qual uma das particularidades é a “desvinculação de aparatos governamentais e empresariais de interesse comercial e político-conservador” (PERUZZO, 2009, p. 133). Dessa forma, as iniciativas de jornalismo independente buscam formas de financiamento para conseguir desenvolver seus projetos. Alves & Bitar (2017), em pesquisa, apontaram algumas formas de financiamento para a sustentação econômica do jornalismo independente sem fins lucrativos, encontradas em projetos de Brasil e Portugal.

¹⁸ Fonte: Página de Transparência da Agência Pública: <https://apublica.org/transparencia/>. Acesso no dia 01/10/2021.

Com a ascensão das ferramentas tecnológicas, as formas de financiamento no jornalismo também se ampliaram. Algumas das maneiras citadas pelos autores, estão: financiamentos de fundações filantrópicas ou entidades, editais, premiações, *crowdfunding*, doações, patrocínios corporativos, eventos, publicidade, prestação de serviço, entre outros.

No Brasil, algumas das maneiras mais comuns de se obter recursos é por meio da venda de produtos, serviços, da publicidade e da captação por *crowdfunding*, também conhecido por financiamento coletivo (FERNANDES, 2019, p. 199). A particularidade do *crowdfunding* é juntar dinheiro para viabilizar algum projeto a partir de doações de um grupo de pessoas. O Catarse¹⁹, o Padrim²⁰, a Benforia²¹ e a Vaquinha Online²² são algumas das plataformas especializadas nesse tipo de financiamento no Brasil. O apoio financeiro pode ser essencial para a compra de equipamentos, edição de vídeos/áudios, diagramação de uma revista ou livro, dependendo dos produtos oferecidos pelos projetos.

As iniciativas de jornalismo independente Catarinas²³, Jornalistas Livres²⁴ e Think Olga²⁵ são algumas que utilizam o financiamento coletivo como forma de sustentar seus trabalhos. O Catarinas, por exemplo, é um portal de jornalismo independente, fundado em 2016, que tem como temática o feminismo, a questão de gênero e os direitos humanos. Em seu financiamento coletivo, disponível no site Catarse²⁶, o projeto conseguiu R\$ 1.578 por mês, assinados por 66 pessoas (valor encontrado no dia 28 de outubro de 2021). Os assinantes podem doar valores de 10, 20, 50, 100, 300, 500, 1000 e até 3000 reais.

O setor publicitário e de anúncios também pode ser outra forma de se conseguir apoio financeiro. Até o século XX, os veículos tradicionais construíram uma relação de dependência com o setor publicitário para conseguir garantir a sustentação financeira dos jornais (ALVES & BITAR, 2017). Mas, apesar de ser um recurso comum em meios tradicionais, a publicidade pode aparecer em projetos jornalísticos independentes, sem deixar a característica alternativa de lado (FERNANDES, 2019).

A independência é uma característica essencial nos projetos alternativos e independentes, e são relacionados a uma oposição às relações comerciais com empresas ou governos. Dessa forma, o modelo sem fins lucrativos se encaixa como um dos principais valores

¹⁹ Disponível em <https://www.catarse.me>. Acesso no dia 28/10/2021.

²⁰ Disponível em <https://www.padrim.com.br/>. Acesso no dia 28/10/2021.

²¹ Disponível em <https://benfeitoria.com/campanhas/>. Acesso no dia 28/10/2021.

²² Disponível em <https://www.vakinha.com.br>. Acesso no dia 28/10/2021.

²³ Disponível em <https://catarinas.info>. Acesso no dia 28/10/2021.

²⁴ Disponível em <https://jornalistaslivres.org>. Acesso no dia 28/10/2021.

²⁵ Disponível em <https://thinkolga.com>. Acesso no dia 28/10/2021.

²⁶ Fonte em: <https://www.catarse.me/catarinas>. Acesso no dia 28/10/2021.

na prática do jornalismo independente ou alternativo. O site Jornalismo B²⁷, mídia alternativa de Porto Alegre, era uma das iniciativas que utilizava a publicidade como recurso financeiro. Porém, no caso deles, os anúncios são apenas de sindicatos ou organizações que compartilham dos mesmos valores e visões do jornal. Além da publicidade, o site também recebia recursos por meio de doações de pessoas jurídicas e do *crowdfunding* (ALVES & BITAR, 2017). Atualmente, o portal não está mais funcionando. Em 2018, foi aberta uma Vaquinha Online²⁸ no valor de R\$ 7.000 para o jornal continuar produzindo reportagens. O valor sugerido era essencial para impressões, pagamento de impostos (MEI), envio de assinantes e entre outros gastos menos.

O modelo de assinaturas individuais mensais ou anuais também é um modelo de financiamento utilizado, inclusive nos meios de comunicação tradicionais. Segundo Spagnuolo (2016), esse modelo pode diminuir ou eliminar a dependência da publicidade e outras gerações de receita, aumentando, assim, a independência dos conteúdos. No texto, o autor utiliza como exemplo o Nexo Jornal²⁹. Mas as iniciativas jornalísticas Fluxo³⁰ e Agência Democratize³¹ também utilizavam assinaturas (ALVES & BITAR, 2017). Atualmente, os dois portais acima se encontram indisponíveis.

Após essas discussões iniciais, é possível observar que, com o passar dos anos, os meios de comunicação alternativos ascenderam com maior força e influência. Dessa forma, o jornalismo independente na era digital tem explorado novos nichos de mercado. São realizadas reportagens investigativas que utilizam, por exemplo, o uso de recursos imersivos. Esses conteúdos são voltados, geralmente, para um público específico, ou seja, para aqueles que se interessam por política, saúde, direitos humanos, gêneros, entretenimento e até *games*. No próximo ponto será comentado sobre as iniciativas jornalísticas independentes digitais voltadas para nichos específicos.

1.3. Jornalismo digital independente voltado para nichos específicos

Com o objetivo de se estabelecer no mercado jornalístico, profissionais escolheram trabalhar com novos nichos para se manterem financeiramente, seguindo como autônomos na

²⁷ Site indisponível: <https://www.jornalismob.com>. Acesso no dia 28/10/2021.

²⁸ Fonte em: <https://www.vakinha.com.br/vaquinha/salve-o-jornalismo-b>. Acesso no dia 28/10/2021.

²⁹ Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br>. Acesso no dia 28/10/2021.

³⁰ Site indisponível: <http://www.fluxo.net>. Acesso no dia 28/10/2021.

³¹ Site indisponível: <http://democratizemidia.com.br>. Acesso no dia 28/10/2021.

profissão. Em 2014, segundo a Associação Brasileira de Startups (ABStartups)³², 5% dos projetos cadastrados na entidade eram voltados para as áreas de mídia e comunicação, de 2.580 projetos no total.

A grande demanda de conteúdos já vistos em meios tradicionais favorece a adequação de novos formatos jornalísticos pela busca de novos nichos, que trazem abordagens diferenciadas do convencional. Dessa forma, é perceptível a crescente procura de conteúdos jornalísticos alternativos das mais variadas temáticas. Em *A Cauda Longa*, de Chris Anderson (2006), podemos entender sobre a convergência digital, a reorganização da distribuição da audiência, que está sendo encontrada em nichos.

Anderson (2006) observou que, devido à democratização das ferramentas de produção, qualquer pessoa pode criar um blog de uma forma simples, rápida e fácil. Toda a facilidade de acesso à produção de conteúdo é por conta do advento de softwares e de serviços acessíveis que proporcionam a organização de conteúdo online. O exemplo dos blogs foi citado pelo autor, porém a internet possibilitou a facilidade de produção de conteúdos para qualquer pessoa, com alternativa de diversos formatos, como, por exemplo, os *podcasts*, e até a própria plataforma do *YouTube* para cada um poder compartilhar suas opiniões e conhecimentos. Em *A Cauda Longa*, o autor (2006) mostra como está sendo aplicado e transformado o mercado da mídia, visto que, em razão da convergência digital, existe uma reorganização da distribuição da audiência, que está sendo encontrada em diversos nichos de mercado.

Atualmente, é possível encontrar uma segmentação de conteúdo jornalístico independente mais profunda e especializada, por exemplo voltado para assuntos específicos de economia, política, direitos humanos, etc. Um exemplo disso é o portal O Joio e o Trigo³³, que faz reportagens de forma independente e investigativa sobre alimentação, saúde e poder. O portal produz reportagens semanais, episódios de podcast, livros e ainda realiza oficinas. É um nicho de mercado específico. O portal é considerado independente, visto que não há vínculos com a mídia convencional, governo e nem publicidade.

O jornalismo digital, então, é uma prática que surgiu por conta da internet e todas ferramentas que atualmente utilizamos em nosso cotidiano. Pensando nisso, esse tipo de jornalismo não pensa somente no impresso, na rádio ou na TV. Todo conteúdo produzido é pensado para as diversas plataformas, incluindo, as redes sociais. É uma forma de se conectar

³² Fonte da pesquisa: <https://abstartups.com.br>. Acesso no dia 07/10/2021.

³³ Disponível em <https://ojoioetrigo.com.br>. Acesso no dia 08/10/2021.

com seu público e também adaptar todos os conteúdos jornalísticos às diversas linguagens existentes na internet.

Entretanto, essa nova rotina tem causado uma sobrecarga na rotina profissional dos jornalistas. É tarefa de uma única pessoa pautar, pesquisar, apurar, produzir e editar. Isso sem levar em conta que algumas produções são realizadas em curtos espaços de tempo, dependendo da periodicidade e do objetivo do projeto jornalístico. Como fazer jornalismo na internet se tornou mais “fácil” e barato, profissionais acabaram saindo de seus próprios empregos tradicionais e se aventuraram na produção de conteúdo profissional e independente. O Poder 360³⁴, por exemplo, é uma empresa de capital fechado, não há sócios ou investidores externos. O faturamento vem da comercialização de *newsletters*, da venda de anúncios e de conteúdo patrocinado. O portal, apesar de ter um modelo antigo e tradicional em relação, se manifesta na esfera digital, com uso de recursos gráficos e interativos.

No caso do AzMina³⁵, um portal independente que traz informação de qualidade sobre tecnologia e igualdade de gênero, o modelo de negócio provém por meio de assinaturas e de *crowdfunding* anuais que pagam os financiamentos das séries de reportagens investigativas com abordagens feministas. O restante é completado com apoio de fundações, recursos de editais, projetos e prêmios. A iniciativa surgiu diante da necessidade de pautas relacionadas à mulher como protagonista social. Então, é neste sentido que chegaremos a comentar sobre iniciativas criadas por grupos de mulheres que elaboram materiais específicos para mulheres, abordando temáticas da esquerda e do feminismo. Neste contexto, a mídia independente surge como um espaço para o compartilhamento desses materiais.

1.3.1. A cauda longa e a diversidade da mulher no jornalismo independente

A pesquisa “A diversidade de representações da mulher na cauda longa do jornalismo independente de gênero”, de Andressa Dancosky e Paula Rocha (2018), tem como proposta analisar as iniciativas jornalísticas de autoria feminina, mais especificamente três sites: Maria Pauteira³⁶, Catarinas e AzMina.

O objetivo do estudo de Dancosky e Rocha (2018) é identificar o propósito dos projetos, das pautas e dos públicos a quem se destinam, assim como as representações de gênero nos discursos produzidos. As autoras possuem como hipótese que as jornalistas mulheres estão

³⁴ Disponível em: <https://www.poder360.com.br>. Acesso dia 10/10/2021.

³⁵ Disponível em: <https://azmina.com.br>. Acesso no dia 01/11/2021.

³⁶ Disponível em: <http://www.mariapauteira.com.br>. Acesso no dia 11/10/2021.

utilizando a diversidade para atingir públicos segmentados sobre as questões de gênero, como mulheres cientistas, mulheres adolescentes, mulheres feministas, mulheres negras etc. Para a pesquisa, as pesquisadoras utilizaram como referência teórica estudos de gênero e a discussão da teoria da Cauda Longa, de Anderson (2006), para abordar o jornalismo de nicho. Como metodologia, Dancosky e Rocha (2018) buscaram definir as características de cada site: descrição oficial postada na página; público alvo; linha editorial; equipe executora.

Além disso, também foram utilizadas as seguintes categorias, discutidas por Torres (2000 *apud* DANCONSKY E ROCHA, 2018, p. 397³⁷): pessoas na notícia (sexo, ocupação/posição, função na notícia, vítima, sobrevivente e fotografia); e análise (foco na mulher; igualdade/desigualdade; análises adicionais).

Como parte dos jornalistas perderam seus empregos, novas oportunidades estão sendo buscadas. Percebe-se um movimento de iniciativas de setores diversificados. A Agência de Reportagem e Jornalismo Investigativo Pública³⁸ realizou um “mapa” interativo para selecionar as iniciativas que são fruto de projetos coletivos e não ligados a grupos de mídia tradicionais, políticos, empresas ou organizações. Segundo mapeamento, a partir de 2004, já foram encontradas a abertura de pelo menos 86 sites de jornalismo independente no Brasil (DANCOSKY E ROCHA, 2018). As autoras, ao observarem o mapeamento dos sites disponibilizados pela Pública, encontram iniciativas independentes de conteúdo segmentado pela perspectiva de gênero, como Think Olga³⁹, Capitolina⁴⁰, Lado M⁴¹, Cientista que Virou Mãe⁴² e Papo de Homem⁴³.

De acordo com as pesquisadoras (2019), os portais de jornalismo independente voltados para o público feminino colocam as mulheres em determinado espaço social em relação não apenas ao sexo oposto, mas em hierarquia estratificada, ou seja, em determinada classe em oposição à outra.

As mulheres não podem ser tomadas de forma genérica. As negras, operárias, adolescentes, feministas, entre outras estão inseridas em uma sociedade concreta e em transformação, por isso, gênero e representação feminina são categorias importantes para analisar os sites em um modelo de convergência do jornalismo (Dancosky e Rocha, 2018, p. 393).

³⁷ Torres, C. **Gênero y comunicación:** el lado oscuro de los medios, 2000.

³⁸ Disponível em: <https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/sobre/>. Acesso no dia 16/10/2021.

³⁹ Disponível em: <https://thinkolga.com>. Acesso no dia 17/10/2021.

⁴⁰ Disponível em: <http://www.revistacapitolina.com.br>. Acesso no dia 17/10/2021.

⁴¹ Disponível em: <https://medium.com/lado-m>. Acesso no dia 17/10/2021.

⁴² Disponível em: <https://cientistaqueviroumae.com.br>. Acesso no dia 17/10/2021.

⁴³ Disponível em: <https://papodehomem.com.br>. Acesso no dia 17/10/2021.

Como observado por Chris Anderson (2006), a Cauda Longa busca analisar a cultura de nicho e seus impactos na economia do século XXI. O estudo auxilia na compreensão das diversas segmentações que surgiram a partir da produção e do consumo do jornalismo independente. Para Anderson (2006), a cultura e a economia estão se afastando de alguns *hits* e, assim, avançando em direção a uma grande quantidade de nichos. Esses estão relacionados à formação de comunidades de consumo por gostos em comum.

A partir das análises das pesquisadoras, os portais apontaram para um “jornalismo com perspectiva de gênero”, buscando reconhecimento de múltiplas mulheres, do empoderamento feminino e polifonia de fontes.

São iniciativas incipientes, gestadas por profissionais jovens, de jornalismo independente, que utilizam a linguagem multimídia, com uma lógica de produção própria, caracterizada pela relação tempo e espaço diferenciada da imprensa diária, contudo ainda não consolidaram uma autonomia financeira (DANCOSKY E ROCHA, 2018, p. 407).

Em relação ao público-alvo encontrado nos portais analisados, elas comentam que: “Os portais não discriminam explicitamente estratificações de público, contudo os próprios temas das pautas atendem interesses específicos, com abordagens distintas da lógica pregada pela mídia convencional” (DANCOSKY E ROCHA, 2018, p. 406).

No caso deste estudo em questão, reforçamos o interesse sobre o jornalismo independente que luta por um conteúdo diferente do que é noticiado na mídia tradicional brasileira. Especialmente, aquele que busca a luta por direitos de uma minoria ou pela visibilidade dessa minoria, como é o caso dos portais *Mulher no Cinema*⁴⁴ e o *Feito por Elas*⁴⁵, objetos de estudo dessa pesquisa. A partir dessas reflexões, apontamos a seguir os estudos de Jornalismo Feminista em relação às iniciativas independentes com perspectiva de gênero, no qual a mulher aparece como protagonista nas produções (SOUSA, 2020).

1.4. Jornalismo independente sobre questões de gênero

A internet representa uma conquista para a comunicação humana. Ela passou a ser um espaço que auxilia na criação da identidade dos jovens por meio das conexões feitas a partir dos interesses de cada um. Além de ser um espaço de interação, a internet ainda permite o compartilhamento de opiniões e de valores entre família, amigos ou pessoas que procuram

⁴⁴ Disponível em: <https://mulhernocinema.com>. Acesso no dia 19/10/2021.

⁴⁵ Disponível em: <https://feitoporelas.com.br>. Acesso no dia 19/10/2021.

interesses em comum (CASTELLS, 2003). Apesar da grande significância do ambiente digital, é importante destacar que a internet também possui conteúdos produzidos e difundidos de forma irresponsável, com desinformação (*fake news*) e falas de ódio (FERNANDES, 2019). Existem, inclusive, iniciativas jornalísticas autointituladas independentes, com tendências políticas e ideológicas distintas das que estão sendo caracterizadas nesta pesquisa, que adotam a prática da disseminação de mentiras para alcançar objetivos, geralmente, políticos. Porém, em suma, grande parte das iniciativas declaradas independentes ou alternativas produzem conteúdos situados e engajados em lutas sociais, funcionando, especialmente, pela necessidade e vontade de criar conteúdos a partir de um interesse pessoal ou coletivo.

De acordo com relatório da ONU Mulheres⁴⁶, as mulheres enfrentaram diferentes impactos no contexto pandêmico em relação aos homens, por exemplo, “as mulheres são mais afetadas no trabalho não-remunerado, no aumento da violência doméstica e na diminuição dos serviços de saúde sexual e reprodutiva” (SOUSA, 2020, p. 2). Por esse motivo, as mulheres necessitam de maior atenção especial na cobertura jornalística, visto que constituem uma população vulnerável (SOUSA, 2020).

Schander (2020) contextualiza a história do movimento feminista, marcado pela presença dos meios de comunicação. Foi a partir da luta pela visibilização das mulheres na sociedade brasileira que surgiu o estudo do jornalismo feminista no século XIX. Para Nayara Sousa (2020), uma das particularidades do jornalismo feminista é a oposição à mídia tradicional, ou seja, um jornalismo produzido fora do *mainstream*, no qual inclui grupos minoritários e temáticas pouco abordadas. São iniciativas que surgiram como um espaço de maior diversidade e pluralidade de pautas e fontes, a fim de preencher lacunas existentes na mídia convencional.

Neste sentido, esta pesquisa de conclusão de curso busca entender como as iniciativas independentes que surgiram no Brasil potencializam a visibilidade das mulheres, a partir das produções com foco na figura feminina. É válido ressaltar que as iniciativas citadas neste capítulo que surgiram a partir de um coletivo de mulheres, como Catarinas e AzMina, não são ligadas a grupos de mídia, políticos ou empresas. Sousa (2020) teve como metodologia a análise comparativa com abordagem qualitativa, a partir dos dados coletados em entrevista semiestruturada. A autora lista alguns pontos da entrevista e apresenta o que cada jornalista diz a respeito de sua opinião.

⁴⁶ Relatório “Gênero e COVID-19 na América Latina e no Caribe: dimensões de gênero na resposta”. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERESCOVID19_LAC.pdf. Acesso no dia 07/11/2021.

A produção com perspectiva de gênero dessas jornalistas mantém semelhanças com aquelas verificadas em portais especificamente feministas, desde a escolha das pautas, o contato com as fontes e a abordagem dos temas, que são questões atravessadas pela interseccionalidade (SOUSA, 2020, p. 12).

A sociedade, ao usufruir da tecnologia, em especial, das redes sociais, tem exercido um papel de construção de espaços de atuações políticas que, assim, produzem desafios para a ação coletiva (ESCOSTEGUY, 2019). No Brasil, movimentos, organizações e coletivos feministas foram se expandindo consideravelmente. “A participação de jovens, tanto dos estratos médios quanto dos populares, com formação acadêmica ou não, da mulher negra, da periferia e do campo vêm revitalizando e ampliando as práticas políticas feministas” (ESCOSTEGUY, 2019, p. 16). Então, o movimento feminista percebeu, desde muito cedo, a importância do uso dos meios de comunicação na sociedade. Ele tratou de compreender o uso da mídia como um mecanismo de ação política.

Vecchio-Lima e Souza (2017) apresentam cinco iniciativas de jornalismo digital que buscaram preencher a lacuna da cobertura jornalística tradicional sobre questões femininas. Os pesquisadores utilizaram conceitos de Vieira e Souza (2014) para discutir sobre a visibilização da mulher na mídia alternativa online, referindo a figura feminina como sujeita social autônoma. Em suma, entende-se que as iniciativas jornalísticas respeitam os princípios do jornalismo e vão além da feminização das mulheres, elas estabelecem novas formas de representação das mulheres, como portadoras de direitos e de participação político-social (VECCHIO-LIMA E SOUZA, 2017, p. 9). Na análise foram feitos quadros com características de cada iniciativa jornalística. Foram apontados: ano de lançamento; público mensal do site; perfil do público; alcance nas mídias; se estão presentes nas redes sociais; quantas mulheres compõem a equipe; se há espaço para publicidade; se possui loja virtual.

Ao analisar, foi entendido que essas iniciativas surgiram com uma necessidade de cobrir narrativas que são consideradas falhas na mídia hegemônica, devido à quantidade de estereótipos, preconceitos ou até mesmo por conta da presença de coberturas superficiais e distorcidas. Além disso, foi observado que, mesmo com pautas relacionadas à mulher, também há outras temáticas produzidas nesses sites, como, por exemplo, direitos humanos, literatura, política, raça, educação, etc.

Na pesquisa, os autores (2017) procuraram dividir em algumas categorias para facilitar a análise das iniciativas jornalísticas. Foram elaboradas sete categorias analíticas para que pudessem dialogar com o objetivo proposto, são elas: Título e subtítulo (elas evidenciam mulheres?); tipo da matéria (notícia, perfil, reportagem, notícia, entrevista); autoria; temática e

enfoque; fontes; recursos imagéticos e corpo da matéria (VECCHIO-LIMA E SOUZA, 2017, p. 12). Foram analisadas 25 matérias das cinco iniciativas jornalísticas.

A partir desses levantamentos encontrados e da análise das cinco iniciativas de jornalismo alternativo com perspectiva de gênero, Vecchio-Lima e Souza (2017) concluíram que os portais analisados absorvem práticas positivas no jornalismo hegemônico e, ainda, fazem a utilização do discurso democrático e igualitário. Também entendem que esses portais independentes da internet podem ser importantes na visibilidade das mulheres e de seu empoderamento. Foi entendido, então, a importância do incentivo e da ampliação de iniciativas que são de enfrentamento à opressão e às desigualdades históricas sobre as mulheres. Foram observadas preferências de mulheres nas fontes, nas ilustrações e nas imagens utilizadas.

Em resumo, trata-se de um jornalismo produzido por mulheres com conteúdos opinativos e informativos destinados a mulheres, lutando contra preconceitos e estereótipos culturais machistas. Os autores entendem ainda que as iniciativas analisadas podem ser consideradas pontos de atenção para futuras pesquisas. Essas iniciativas são uma via importante para a divulgação de questões feministas (VECCHIO-LIMA E SOUZA, 2017).

Nesse sentido, ao longo deste primeiro capítulo, é feita uma breve discussão do contexto do jornalismo independente no Brasil, partindo-se depois para as principais particularidades do jornalismo alternativo e independente, por meio das definições de Peruzzo (2009), Batista e Patrício (2017, 2019), Dennis de Oliveira (2008, 2009), Carvalho (2014) e Fernandes (2019). Em seguida, faz-se a discussão do jornalismo independente na era digital, com os conceitos de Peixoto (2019), onde refletimos que o jornalismo digital independente pode estar se voltando para nichos específicos. Por último, trouxemos o exemplo da cauda longa, conceito de Chris Anderson (2006), relacionando-se com a diversidade da mulher e as iniciativas jornalísticas com perspectiva de gênero.

A temática foi a escolha deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), visto que, ao observar os dois portais a serem analisados, foi possível compreender que esses objetos são projetos de vida, feitos por mulheres que acreditam em um mundo mais democrático. São espaços de conversas, debates, questões, opiniões e divulgações. Além disso, foi observado uma lacuna existente nas pesquisas voltadas à jornalismo independente com perspectiva de gênero, já que foram poucas referências encontradas. Discutiremos, portanto, sobre dois portais independentes, *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*, sites que surgiram a partir da percepção de que havia uma disparidade de informações relacionadas à figura feminina e masculina na indústria cinematográfica, ambiente que também enfrenta desigualdades de gênero. Ao fazer a pesquisa, também podemos entender que iniciativas jornalísticas com perspectiva de gênero na

internet como Think Olga, Catarinas e Jornalistas Livres, buscam servir como divulgação de análises e discussões da agenda feminista, garantindo novas formas de expressão pessoal e coletiva, que podem interagir com iniciativas políticas, culturais e sociais.

No próximo capítulo terá uma breve reflexão de como é a representação das mulheres na mídia, seja no jornalismo ou no cinema. Também será feito um posicionamento teórico acerca das definições entre imprensa feminina e feminista no Brasil. Ao longo do segundo capítulo, haverá reflexões sobre a luta pela igualdade de gênero, a partir da criação de iniciativas jornalísticas por perspectiva de gênero e das subjetividades das fundadoras. O capítulo será fundamental para compreender melhor os objetos desta pesquisa que são dois projetos de jornalismo independente, com recorte de gênero.

2 A INVISIBILIDADE DA MULHER NA MÍDIA

A prática jornalística é fortemente influenciada pelos padrões e pelas desigualdades sociais que são ainda sustentados pelo sistema capitalista e patriarcal (GARCEZ E SILVEIRINHA, 2020). Mesmo com os avanços das atuações dos movimentos feministas, como as conquistas por espaço e visibilidade, as mulheres continuam sendo submetidas aos impactos da cultura patriarcal. Então, devido à persistência desta visão, ainda há certa "invisibilidade" da mulher na mídia (VECCHIO-LIMA; SOUZA, 2017). Alguns padrões da figura feminina, persistentes da sociedade patriarcal e conservadora, são mais privilegiados que outros em notícias, imagens e ilustrações, além de haver matérias na mídia que persistem no uso de expressões preconceituosas, estereotipadas e clichês, tal como discutido por Vecchio-Lima e Souza (2017). Dessa forma, assim como outras minorias políticas, as mulheres ainda são sub-representadas nas redações e nas reportagens jornalísticas (GARCEZ; SILVEIRINHA, 2020).

A invisibilidade das mulheres na mídia é confirmada por diversos estudos, como a pesquisa GMMP (2015) que mostra que, naquele país, há uma regressão da representação das mulheres nos meios de comunicação: 24,1% em 2015, contra 28,3% em 2010; e que os homens formam 83% dos especialistas consultados pela imprensa, assim como constituem 83% das fontes citadas diretamente e 70% dos porta-vozes (VECCHIO-LIMA; SOUZA, 2017, p. 132-133).

A América Latina tem avançado no número de mulheres jornalistas e na forma como elas aparecem nas notícias (VECCHIO-LIMA E SOUZA, 2017, p. 5). No entanto, segundo relatório do Projeto de Monitoramento Global dos Meios⁴⁷ (GMMP, em inglês), de 2005, enquanto os homens são valorizados por sua experiência, as mulheres são pela sua idade, ou seja, juventude. Em 2020, o Instituto Reuters⁴⁸ coletou dados de 200 empresas de comunicação, incluindo países como México, Alemanha, Japão, Estados Unidos e Brasil. Na amostra, foram encontrados apenas 23% de mulheres que são editoras-chefes no mundo todo, apesar disso, o número de jornalistas mulheres atuando em redações chega a 40%, em média. No Brasil, não foi diferente. A presença de mulheres jornalistas chega a quase 50%, no entanto, apenas 22% ocupam cargos mais elevados. O homem ainda é o responsável pelo cargo mais elevado dentro de uma instituição de comunicação, causando consequências na escolha das

⁴⁷ Disponível em: <https://whomakesthenews.org/gmmp-2010-reports/>. Acesso no dia: 09/11/2021

⁴⁸ Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/women-and-leadership-news-media-2020-evidence-ten-markets>. Acesso no dia 10/11/2021.

pautas, temáticas, fontes e até na edição das matérias (SOUZA, 2014 *apud* VECCHIO-LIMA E SOUZA, 2017⁴⁹).

A partir do letramento do público feminino, os jornais foram os primeiros materiais importantes para as mulheres exprimirem seus pensamentos e ideais (DUARTE, 2017a). Porém, o acesso a essas produções ainda era muito restrito, sendo majoritariamente para mulheres de alto poder aquisitivo. E, quando o jornal era para o público feminino, o projeto editorial era de um homem, como é o caso do *O Espelho Diamantino*, criado por um jornalista (DUARTE, 2017b). Então, podemos entender a partir dos dados acima que a falta de autonomia e representatividade ainda é comum nos dias de hoje.

Mesmo que o número de mulheres nas redações ocupe a metade dos cargos, a presença de jornalistas mulheres na profissão não significa que houve alterações em relação à representação da mulher no jornalismo *mainstream*. Um bom exemplo disso é revelado na pesquisa a seguir. Desde 1995, a cada cinco anos, o Projeto de Monitoramento de Mídia Global analisa as representações de gênero nos meios de comunicação do mundo. Em 2020⁵⁰, 80 voluntários brasileiros contribuíram para a coleta e análise das matérias dos principais veículos do país. O gênero feminino aparece com 27%, enquanto o gênero masculino se estabelece com 73% como fator de presença em assuntos e fontes de notícias em jornais, televisão e rádio. O número em relação a porta-voz é destoante, enquanto mulheres são apenas 16%, homens são 84%. Ainda de acordo com o relatório, atualmente, quatro em cada dez matérias na mídia tradicional são relatadas por mulheres. Essa 6ª edição, lançada em junho de 2021, mostra que a baixa representação das mulheres na mídia pode levar pelo menos 67 anos para ser equilibrada⁵¹.

Se a presença de mulheres é considerada insuficiente para mudanças nas representações, ser mulher e negra é sofrer duplamente no Brasil (GALDINO, 2018). Melissa Galdino (2018), em olhar crítico e sensível para a temática, comenta sobre a baixa participação de mulheres negras na bancada de programas televisivos. De acordo com pesquisa, "Desigualdade de gênero no Jornalismo" (SINDICATO, 2017), pelo menos 84% dizem acreditar que as mulheres negras têm menos oportunidades na área do jornalismo. "O fato de

⁴⁹ Souza, J. **A invisibilidade das mulheres nos media:** quando a representação de gênero define o sexo da notícia, 2014.

⁵⁰ Fonte em: https://whomakesthenews.org/wp-content/uploads/2021/08/GMMP2020.ENG_FINAL.pdf. Acesso no dia: 09/11/2021.

⁵¹ Fonte em: <http://www.abi.org.br/representacao-de-mulheres-na-midia-levara-67-anos-para-ser-equilibrada-diz-relatorio/>. Acesso no dia 09/11/2021.

que negros representarem 54% da população no Brasil não muda a realidade de desigualdade e exclusão dessa população” (GALDINO, 2018, p. 48).

Melissa Galdino (2018) ainda acredita que, apesar de modernizações nos setores da comunicação em relação às formas e conteúdos, ainda são visíveis os estereótipos que ainda não foram superados. A autora também afirma que: “Ainda não é possível afirmar que os telejornais contemplam a diversidade na cobertura e na maior presença de profissionais que não se enquadram no padrão criado pelo telejornalismo brasileiro” (GALDINO, 2018, p. 36).

A invisibilidade é ainda mais evidente em mulheres negras, trans, lésbicas e de classe média baixa, tal como afirmado por Almeida (2021). “O silenciamento de mulheres é um peso histórico carregado por negras, indígenas, brancas, lésbicas, bissexuais, transsexuais e tantas outras” (ALMEIDA, 2021, p. 285). A invisibilidade das mulheres no discurso público se torna existente pela reprodução de paradigmas políticos e de construções discursivas, que são resultados de uma linguagem patriarcal, como discute a autora Juliana Souza (2014, *apud* (Vecchio-Lima e Souza, 2017)). Por isso, a urgência de repensar práticas de um jornalismo que combate a desinformação, mas também tenha um comportamento ético e responsável (GARCEZ E SILVEIRINHA, 2020).

Veiga da Silva (2014, *apud* SCHANDER, 2020⁵²) apresenta a produção jornalística brasileira como tendo sido criada a partir de lógicas masculinistas (capitalista, racista, heterossexista e ocidentalista). A autora (2014) ainda comenta sobre a ideia de notícia, ao defender que este é um conceito que deve ser entendido a partir das visões de mundo estabelecidas nos valores encontrados na sociedade. Sendo assim, nas produções de notícias, é necessária a diversificação e a pluralidade de temas e fontes, ou seja, que haja múltiplos sentidos. Já Raquel Thormann (2020), em *A representação da mulher no jornalismo*, realizou uma análise comparativa entre as versões online do jornal *Folha de S. Paulo* e do jornal português *Público*, por meio da perspectiva de estudos feministas de mídia. Para análise, a autora definiu algumas categorias, como, por exemplo: vitimização, estereótipos, dominação masculina, feminismo, discriminação e visibilidade. Nesta última categoria, Thormann (2020) buscou incluir matérias positivas e que são significativas para a visibilidade do movimento feminista, assim como para o papel da mulher na sociedade. Alguns exemplos encontrados pela autora, foram: ações do movimento feminista e maior número de mulheres ocupando cargos públicos. No caso do jornal *Folha de S. Paulo*, as matérias com a presença da visibilidade foram cerca de 37,27%, ou seja, 82 de 220 notícias analisadas. Porém, concluiu-se também uma maior

⁵² VEIGA DA SILVA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias**, 2014.

quantidade de matérias negativas do que positivas, cerca de 54,99%. As temáticas eram relacionadas com “violência, discriminação, dominação masculina e estereótipos” (THORMANN, 2020, p. 39). Esses dados reforçam a ideia defendida por Garcez e Silveirinha (2020), Vecchio-Lima e Souza (2017) e Veiga da Silva (2014, *apud* SCHANDER, 2020), referentes à representação das mulheres na mídia.

Para isso, utilizaremos este capítulo para abordar, primeiramente, a invisibilidade das mulheres na mídia como um todo, em especial na imprensa, como já apresentamos. Além disso, também discutiremos a ausência da presença de mulheres da indústria cinematográfica, uma vez que os objetos de estudo desta pesquisa têm como temática principal essa indústria. Em seguida, este capítulo trará uma breve abordagem bibliográfica a respeito dos conceitos de imprensa feminina e imprensa feminista, contribuindo para a disseminação do contexto histórico e suas principais particularidades. A importância desse capítulo surge pela vontade de se compreender as desigualdades encontradas na imprensa e no cinema, assim como entender as motivações e influências da existência de uma iniciativa jornalística com recorte de gênero e feminista, como o caso dos dois objetos desta pesquisa.

2.1. Invisibilidade feminina no cinema

Como vimos, pesquisas indicam que prevalece uma certa invisibilidade das mulheres na mídia, seja por conta da baixa presença delas em notícias ou devido à presença de estereótipos e clichês (VECCHIO-LIMA; SOUZA, 2017). A “invisibilidade”, discutida neste capítulo, não se restringe somente à mídia jornalística, mas é um esquecimento que, quando se trata do gênero feminino, acontece também “na arte, literatura, cinema, ciência, história, esporte e política” (LUSVARGHI; SILVA, 2019, p. 66). Desde o surgimento do cinema, as mulheres têm contribuído com suas participações. No entanto, até hoje, elas ainda possuem suas presenças minimizadas na história, bem como ocupam espaços reduzidos na indústria cinematográfica (WITTMANN, 2019).

Em *Mulheres no Cinema*, livro organizado por Luiza Lusvarghi e Camila Vieira da Silva (2019), é apresentada a história de Yasmin Thayná. Ela foi a primeira diretora brasileira a participar do Festival Internacional de Roterdã, em fevereiro de 2017, que contava com a presença dos diretores Barry Jenkins e Chales Burnett, entre outros nomes importantes do cinema negro mundial. Porém, nenhum meio de comunicação e nem mesmo a Ancine noticiaram esse fato (OLIVEIRA, 2019). O curta-metragem de Yasmin Thayná, intitulado *Kbela*, foi estreado em setembro de 2015. Dois anos depois, em junho de 2017, o filme havia

alcançado mais de 85 exibições em todo Brasil, além de festivais internacionais nos Estados Unidos e na Europa. Entretanto, mesmo com esse alcance, “o filme ficou de fora das seleções dos grandes festivais de cinema nacionais” (OLIVEIRA, 2019, p. 48).

Exemplos como este mostram como ainda há uma permanência da exclusão da presença feminina tanto nas representações midiáticas como na indústria do cinema. Em 2020, as diferenças entre salários de homens e mulheres em Hollywood foram motivo de críticas nas redes sociais. De acordo com a Forbes⁵³, Ben Affleck, por exemplo, se encontra no quarto lugar da lista dos atores mais bem pagos de Hollywood, ficando acima de Sofia Vergara, Angelina Jolie e Gal Gadot. Conhecida pela série de televisão *Modern Family*, a colombiana Sofia Vergara entrou no primeiro lugar da lista de mulheres mais bem pagas, faturando cerca de 43 milhões de dólares em 2020. Enquanto isso, Dwayne Johnson é o ator mais bem pago de Hollywood, recebendo o dobro de Vergara. A invisibilidade das mulheres, sejam negras, latinas, brancas e asiáticas ainda é presente, seja dentro da tela ou fora dela.

O portal Women and Hollywood⁵⁴, criado por Melissa Silverstein, em 2017, busca “educar, defender e debater a diversidade e a inclusão de gênero em Hollywood e na indústria global de cinema” (WOMEN AND HOLLYWOOD, 2017)⁵⁵. O site traz dados sobre a presença feminina no cinema anualmente, além de notícias com recorte de gênero. De acordo com um levantamento do Women and Hollywood⁵⁶, as porcentagens de mulheres que estiveram nos bastidores de filmes *indies* exibidos em festivais dos Estados Unidos entre 2019 e 2020, foram:

As mulheres se saíram melhor como produtoras (40%), seguidas por diretores (38%), escritores (35%), produtores executivos (33%), editores (28%) e cineastas (16%). No geral, a porcentagem de mulheres que desempenham papéis importantes nos bastidores (diretores, escritores, produtores, produtores executivos, editores, cineastas) foi de 34% (WOMEN AND HOLLYWOOD, 2020)⁵⁷.

No Brasil, o cenário não é diferente e é ainda mais desafiador. Segundo dados do Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual, vinculado à Agência Nacional do Cinema

⁵³ Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/maddieberg/2020/10/02/the-highest-paid-actresses-2020-small-screen-stars-like-sofia-vergara-ellen-pompeo-and-elisabeth-moss-shine/?sh=6f178af62598>. Acesso no dia 09/11/2021.

⁵⁴ Disponível em: <https://womenandhollywood.com>. Acesso no dia 10/11/2021.

⁵⁵ Tradução livre feita pela autora. “educates, advocates, and agitates for gender diversity and inclusion in Hollywood and the global film industry”.

⁵⁶ Disponível em: <https://womenandhollywood.com/resources/statistics/2020-statistics/>. Acesso no dia 10/11/2021.

⁵⁷ Tradução livre feita pela autora. “Women fared best as producers (40%), followed by directors (38%), writers (35%), executive producers (33%), editors (28%), and cinematographers (16%). Overall, the percentage of women working in key behind-the-scenes roles (directors, writers, producers, executive producers, editors, cinematographers) was 34%”.

(Ancine)⁵⁸, em 2019, dos 167 filmes brasileiros lançados de forma comercial em salas de exibição no país, apenas 36 foram dirigidos por mulheres. Os números de desigualdade de gênero são impactantes e, mesmo havendo essas diferenças de números, as mulheres se desafiaram no cinema, contando narrativas em diferentes formatos – sejam esses documentais ou ficcionais (BESSA, 2019).

Em relação à presença de mulheres negras, o número é ainda mais desigual. De acordo com o Informe Diversidade de Gênero e Raça nos Lançamentos Brasileiros, da Ancine, em 2016, dos 142 filmes nacionais lançados de forma comercial, 97,2% foram dirigidos por pessoas brancas. Se o recorte for para gênero, 19,7% dos filmes foram dirigidos por mulheres, mas nenhuma era negra.

Adélia Sampaio foi responsável por ser a pioneira no cinema negro nacional, com o longa *Amor Maldito*, lançado em 1984. Já Viviane Ferreira foi a segunda mulher negra a lançar um filme *Um dia com Jerusa*, em 2018. Ou seja, há um intervalo de 34 anos entre os dois filmes dirigidos exclusivamente por mulheres negras no Brasil. “A distância temporal entre as produções simboliza a ausência de representatividade que marca a história das mulheres negras brasileiras nesse setor do audiovisual brasileiro” (OLIVEIRA, 2019, p. 38). É necessário preservar filmes e obras que representem a mulher negra sem estereótipos, em busca, assim, do fim dessa invisibilidade, como afirma Oliveira (2019). “Vencer os obstáculos à preservação da memória do cinema negro no Brasil é parte fundamental do processo de pôr fim à invisibilidade dessas obras” (OLIVEIRA, 2019, p. 40).

O Oscar, prêmio mais importante do cinema mundial, tem sofrido críticas por conta da falta de diversidade em suas premiações. Em 2016, por exemplo, a campanha #OscarsSoWhite, na tradução literal "Oscar tão branco", chegou a um ápice após nenhum ator ou atriz negro (a) ou latino (a) ter sido indicado nas principais categorias da noite. Neste contexto, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas tem, desde então, observado seus conceitos para tornar a premiação mais inclusiva.

Em 2020, a Academia⁵⁹ anunciou novas regras com o intuito de haver mais representatividade e inclusão nas produções que irão concorrer à estatueta de Melhor Filme a partir de 2024. Pelas novas regras, o longa-metragem terá que atender, no mínimo, dois dos quatro padrões para poder ser incluído na competição. Os padrões envolvem grupos sub-

⁵⁸ Fonte em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-no-cinema-nacional-elas-contam-suas-historias/>. Acesso no dia 11/11/2021.

⁵⁹ Disponível em: <https://www.oscars.org/news/academy-establishes-representation-and-inclusion-standards-oscars-eligibility>. Acesso no dia 12/11/2021.

representados, como mulheres, pessoas LGBTQI+, pessoas com deficiência, grupos étnicos (latino-americanos, negros, asiáticos, indígenas, entre outros). As novas regras serão válidas a partir de 2024, no entanto, para 2022 e 2023, os estúdios devem indicar produções para Melhor Filme que estejam de acordo com os Padrões de Inclusão. É válido lembrar que, mesmo que a Academia busque se tornar mais inclusiva, ainda está longe de se tornar de fato, uma vez que os membros são homens brancos com mais de 50 anos. Porém, é importante lembrar que quanto maior a diversidade e a inclusão em curtas e longas metragens, também é ampliada a diversidade de narrativas com as quais o público tem contato (WITTMANN, 2019).

Apesar dos produtos documentais terem iniciado no Brasil no início dos anos 1900, os primeiros registros de documentários dirigidos por mulheres surgiram apenas nos anos de 1960, segundo o catálogo Documentário Brasileiro⁶⁰, do PPGCine (UFF). Nesta época, foram apenas 11 documentários assinados por mulheres, porém em 1970, isso se multiplicou exponencialmente: 183 títulos registrados (HOLANDA, 2019, p. 66). “Aumentou não só o número de diretoras no país, como a quantidade de filmes, que abordam temas caros a esse feminismo. As mulheres produzindo mais, o ponto de vista passa a ser delas também” (HOLANDA, 2019, p. 71). Nas primeiras décadas citadas, a maioria dos documentários não tinha um viés feminista explícito, no entanto, alguns eram realizados a favor dessas causas (HOLANDA, 2019, p. 72).

São esses e outros acontecimentos que escancaram as desigualdades ainda existentes na indústria cinematográfica. Dessa forma, o ativismo feminista surge para alcançar a visibilidade que até então não é totalmente ascendida pelas mulheres. Nele, é uma forma de identificar a “identidade pública” ou a “memória popular” do movimento feminista, colaborando, assim, para a compreensão de reflexões, mitos e preconceitos (SARMENTO, 2019).

Wittmann (2019) comenta algumas iniciativas que buscam trazer mulheres para os holofotes, ou seja, resgatam a história do cinema feminino que foi invisibilizada, como observado a seguir:

Diversos relatos de mulheres pioneiras no cinema, não apenas diretoras, mas também outras profissionais, podem ser conferidos, por exemplo, no documentário *E a Mulher Criou Hollywood* (2016), dirigido por Clara Kuperberg e Julia Kuperberg. No Brasil, o livro *Feminino e Plural – Mulheres no Cinema Brasileiro* (HOLANDA; TEDESCO, 2017), traz artigos que recontam parte da história do nosso cinema destacando o trabalho das mulheres, do cinema mudo ao contemporâneo. Além dele, foi lançado em 2019 o *Mulheres Atrás das Câmeras – As cineastas brasileiras de 1930 a 2018*, organizado por Luiza Lusvarghi e Camila Vieira (WITTMANN, 2019, p. 159).

⁶⁰ Fonte: DOCUMENTÁRIO E FRONTEIRAS. **Catálogo do Documentário Brasileiro**. Disponível em: <<http://documentariobrasileiro.com.br/catalogo/>>. Acesso em: 10 set. de 2021.

Este trabalho mostrará iniciativas de jornalismo que buscam potencializar a visibilidade de mulheres que fazem parte da indústria cinematográfica. Apesar de ainda existir a invisibilidade das mulheres no cinema e na mídia, existem projetos independentes que buscam preencher essas lacunas. “São iniciativas de jornalismo não-hegemônico que indicam formas de buscar, em alguma medida, a superação das problemáticas e restrições de atuação, e estratégias de luta pela visibilidade da mulher” (VECCHIO-LIMA; SOUZA, 2017, p. 134).

Ao assumir que esses projetos independentes auxiliam na visibilidade das mulheres — em especial, as cineastas e diretoras — será avaliada a baixa presença das mulheres em conteúdos das notícias em grandes portais e jornais do Brasil, enquanto nos portais *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*, a visibilidade dessas mulheres é potencializada devido a presença de notícias sobre elas. Com o objetivo de preencher lacunas, as iniciativas jornalísticas na internet com perspectiva de gênero surgiram como uma forma de ser uma estratégia de visibilidade para as mulheres. Porém, antes de apresentar os objetos de pesquisa, será feita uma breve contextualização sobre as diferenças entre a imprensa feminina e feminista do Brasil.

2.2. Imprensa feminina

A partir do século XIX, as mulheres tiveram acesso ao letramento formal no Brasil e, assim, foram surgindo as primeiras produções jornalísticas voltadas às mulheres (GUSTAFSON, 2019a). Foram os jornais, mais do que os livros, os principais veículos da produção letrada feminina (DUARTE, 2017a).

Por meio dessas produções femininas, são encontrados textos sobre a tradição literária das mulheres, da profissionalização das primeiras jornalistas e da conscientização feminina, além da formação de um novo público leitor. Para melhor entender a produção intelectual das mulheres e as especificidades do movimento feminista, Duarte (2017a) abarcou, em sua pesquisa, a produção literária feminina como um todo, o que incluiu não apenas textos ficcionais e poéticos, como também crônicas, ensaios, memórias.

A falta de trabalhos encontrados sobre a imprensa feminina e feminista também foi uma das principais motivações para a realização da pesquisa de Duarte (2017b). “Basta examinar os principais estudos sobre a história da imprensa brasileira para constatar a quase invisibilidade do periodismo feminino” (DUARTE, 2017b). Em seu livro *Imprensa feminina e feminista no Brasil*, Constância Lima Duarte busca apresentar 143 títulos de revistas e jornais

que são femininos e feministas, que estiveram presentes no país ao longo do século XIX. São produções ricas e com múltiplas diversidades.

Há os assumidamente feministas; os assumidamente conservadores; os que não se comprometem; os que se limitam ao passatempo; os que visam certos segmentos, como a jovem, a mãe de família, a adolescente, a estudante; e os que se dedicam a temas específicos: literatura, educação, política, lazer, moda, humor. Há também os que trazem um pouco de tudo em suas páginas: poesia, romance, charadas e escritos militantes (DUARTE, 2017b, p. 23).

De acordo com Duarte (2017a), alguns ideólogos do patriarcado brasileiro, como filósofos, jornalistas e médicos, utilizavam em suas escritas pensamentos que o melhor destino das mulheres era "viver a feminilidade", ser "boa mãe" e "esposa exemplar". Jornais, como *A mai de família* (1879-1888), eram empenhados em fazer manipulação ideológica para convencer as mulheres — em especial as de elite, para serem mães dedicadas. Neste contexto, nas publicações eram utilizados argumentos de divisão social entre homens e mulheres. “Funções femininas e masculinas era um fenômeno natural e biologicamente determinado” (DUARTE, 2017b, p.230). Algumas das seções eram voltadas para ensinar as mães a criarem seus filhos de forma saudável, como, por exemplo, “Farmácia Doméstica”, “Palestra do Médico”, entre outros. As temáticas que se tornaram evidentes entre o público e o privado são as relações de trabalho e as implicações para o cuidado da vida doméstica e das crianças. “As implicações psicológicas e das pressões sociais foram trazidas à tona. Agora, dizem alguns textos, elas precisavam lidar com uma ‘dicotomia’: ‘ou você é boa mãe ou você é profissional’” (SARMENTO, 2019, p. 349).

De acordo com Bandeira (2015), o jornalismo feminino, desde a década de 1950, se manifesta como um segmento de público. É um produto direcionado, inicialmente, às mulheres para abordar questões que são vistas pela sociedade como "tipicamente femininas". Alguns dos assuntos abordados eram: moda, beleza, maternidade, sexo e carreira profissional (BANDEIRA, 2015). Para Buitoni (1990), a chamada imprensa feminina é uma definição sexuada. "O sexo de seu público faz parte de sua natureza (...) A começar do nome, a maioria das publicações, programa de rádio e TV femininos indicam claramente para quem se dirigem” (BUITONI, 1990, p.7).

Buitoni (1990) também caracteriza o jornalismo feminino como um segmento jornalístico mais voltado à vida cotidiana e aos desejos do seu público-alvo, no caso, as mulheres. A moda e a literatura foram as principais temáticas comentadas nesse segmento, porém, ao longo da história, com as transformações na sociedade, outros temas também foram sendo abordados, principalmente após os anos 1950. Foi a partir dessa época que temas como

sexo, educação e carreira profissional tiveram mais destaques. *O Espelho Diamantino*, *O Correio das Moças*, *O Espelho Fluminense*, *Revista Feminina* foram alguns dos periódicos que se encaixavam nesse segmento de jornalismo feminino (DUARTE, 2017b).

O Espelho Diamantino (1827-1828), por exemplo, surgiu no Rio de Janeiro pelo jornalista Pierre Plancher, editor francês, e foi considerado o primeiro jornal voltado ao público feminino no Brasil (DUARTE, 2017b). Dedicado às senhoras brasileiras, o periódico trabalhava temas de política, literatura, belas artes, teatro e moda. Em publicações sobre negócios, o jornal buscava preparar as mulheres como “mediadoras capazes de apaziguar os ânimos ou auxiliar nos momentos de crise” (GOMES, 2009, *apud* DUARTE, 2017b, p. 42⁶¹). Outro periódico destinado para o público feminino, *O Espelho Fluminense* (1843) foi uma publicação de Henrique e Eduardo Laemmert, irmãos conhecidos no mercado editorial brasileiro no século XIX. O jornal, em seu primeiro editorial, mostrou ser uma produção inovadora voltada para o entretenimento, instrução e moral da família (DUARTE, 2017b).

Segundo Duarte (2017a), alguns jornalistas consideravam a imprensa como uma escola em potencial, uma vez que poderia fornecer informações úteis às mulheres sobre elas mesmas e o contexto em que viviam. "A partir daí os jornais se sucedem e se posicionam ideologicamente, ora mais tradicional, louvando as virtudes domésticas e as qualidades femininas; ora de caráter progressista, defendendo os direitos das mulheres" (DUARTE, 2017a, p. 100). De acordo com o primeiro Censo Demográfico (IBGE), realizado em 1872 no país, o Brasil tinha 81,43% da sua população livre analfabeta e, do total, apenas 11,5% das mulheres eram alfabetizadas. "Diante de tal quadro, compreende-se porque os liberais defendiam a melhoria do sistema de ensino, pois viam a educação como necessária ao progresso do país" (DUARTE, 2017a, p. 100).

A imprensa feminina no Brasil surgiu em razão de influências das transformações europeias, em especial da França (BUITONI, 1990). Ao comparar com países da Europa e da América do Norte, os jornais produzidos no Brasil surgiram mais tarde. Enquanto nos outros países, o aparecimento da imprensa feminina se deu entre o fim do século XVII e início do XVIII, no Brasil, a participação feminina na produção jornalística aconteceu somente na primeira metade do século XIX. O jornalismo considerado "feminino" buscava ser "menos preocupado" com assuntos mais factuais e, dessa forma, dedicava-se a conteúdos do cotidiano para as mulheres. Em suma, a produção ocorria em torno dos temas referentes à moda e à literatura (BANDEIRA, 2015). Em seu livro *Mulher de papel*, Buitoni (2009) entende a

⁶¹ GOMES, Gisele Ambrósio. **Entre o público e o privado: a construção do feminino no Brasil do oitocentos**, 2009.

imprensa feminina do século XIX de duas maneiras. A primeira é a "tradicional", que busca influências da mulher na vida doméstica, e a outra é uma imprensa "progressista", que atua diretamente na defesa dos direitos femininos.

No Brasil, por volta de 1940, o jornal *O Estado de S. Paulo* publicava uma página feminina durante às sextas-feiras (BANDEIRA, 2015). Na década seguinte, a página se transformou em uma seção feminina, com um total de 16 páginas em formato tabloide. Anos depois, a *Capricho*, da Editora Abril, foi lançada, em 1952. O conteúdo da revista era voltado a adolescentes e mulheres jovens. Com o sucesso de vendas, a Editora Abril também lançou as revistas femininas *Claudia*, em 1961, e *Nova*, em 1973. A partir dos anos 70, houve uma expansão de literatura voltada ao eixo feminino que foi se multiplicando em jornais e revistas femininas (BANDEIRA, 2015). De acordo com Buitoni (1990), a busca pela tendência é uma característica marcante na imprensa feminina. Os lançamentos de maquiagem, roupas e acessórios que viraram moda são motivos para se tornar pauta. Assuntos que eram recorrentes nas matérias das revistas *Capricho* e *Claudia*, por exemplo.

A fim de parecer sempre atual, usa-se o novo. O atual pressupõe uma relação de presença efetiva no mundo histórico. O atual pode ser descoberto ou estimulado, mas não pode ser criado. (...) Bem trabalhada, a novidade é uma qualidade capaz de revestir qualquer objeto (BUIIONI, 1990, p. 13).

Duarte (2017b, p. 28) faz uma reflexão que, atualmente, as produções voltadas para o público feminino são representadas por meio das revistas especializadas, como a *Marie Claire* e a *Capricho*. “Cada uma com sua personalidade, seu público, seu nicho no mercado editorial” (DUARTE, 2017b, p. 28). Entre os assuntos encontrados nessas revistas, estão: decoração, astrologia, casamento, beleza, moda e saúde. É importante deixar evidente que essa reflexão é voltada ao setor de revistas impressas em uma visão de 2017, ano que foi lançada a pesquisa de Duarte (2017b). Passados poucos anos, as revistas impressas têm sido modificadas, inclusive com a substituição do impresso pelo digital. É um universo que tem sido transformado.

2.2.1. Jornalismo cultural e imprensa feminina

A cultura é tudo o que as pessoas comem, vestem, produzem e fazem (TEMER E NUNES, 2011). Para melhor entender, a cultura não é apenas a soma de hábitos encontrados

em uma sociedade. Ela é mais que isso. “[Ela] passa por todas as práticas sociais e suas inter-relações”. (WOLF, 1987, p.94, *apud* TEMER E NUNES, 2011, p. 104⁶²).

Como uma forma de estabelecer definições entre jornalismo e cultura, criou-se o conceito de jornalismo cultural. Freitas (2020) entende o jornalismo cultural como uma capacidade de traduzir eventos nas áreas de literatura, arte, cinema, por exemplo, para as massas, por meio de uma linguagem simples, descomplicada e acessível. Além disso, o jornalismo cultural pode ser entendido para orientar padrões de consumo (TEMER E NUNES, 2011).

Temer e Nunes (2011) estabelecem uma relação entre a imprensa feminina e o jornalismo cultural. Segundo as pesquisadoras, os veículos de jornalismo feminino buscavam utilizar seu espaço para temáticas culturais, como divulgação de poesias e textos em prosa. Além disso, os materiais abordavam tendências da moda, receitas culinárias e assuntos como cuidados do lar e educação dos filhos.

Inicialmente, o acesso às produções continuava restrito entre as mulheres (COSTA, 2018). Os materiais eram destinados às mulheres das classes dominantes, que buscavam entretenimento cultural por meio das páginas. No entanto, de acordo com Temer e Nunes (2011), "a imprensa feminina brasileira foi, pouco a pouco, se democratizando, quase sempre em um ritmo que acompanhava o aumento do poder de compra do público feminina" (TEMER E NUNES, 2011, p. 102).

Ao entender o conceito de cultura, descrito acima, é possível entender que as iniciativas voltadas para o público feminino são espaços para uma diversidade de representações culturais. "Uma mega-vitrine esteticamente manipulada das culturas desejadas ou desejáveis para os públicos que se pretende atingir" (TEMER E NUNES, 2011, p. 105). Por meio das revistas femininas, a cultura de um determinado grupo social pode ser entendida, assim como esses costumes podem ser influenciados (TEMER E NUNES, 2011). Segundo as pesquisadoras, o jornalismo cultural, bem como a imprensa feminina, são conhecidos por serem "jornalismo de serviço". Em relação aos programas culturais de televisão veiculados no Brasil sob a perspectiva da mulher, analisados por Temer e Nunes (2011) estão: *A Revista Feminina*, com Lolita Rios, *Com a mão na massa*, com Hebe Camargo e *TV Mulher*.

Na década de 1980, foi lançada a *TV Mulher*, da emissora Globo. O programa incluía acontecimentos culturais, além de orientações sobre sexo e educação. Naquela época, o jornalismo cultural tinha espaço na televisão por meio dos programas femininos (TEMER E

⁶² WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**, 1987.

NUNES, 2011). Inclusive, as matérias de comportamento também presentes nesses programas são consideradas temáticas do jornalismo cultural, de acordo com Temer e Nunes (2011), visto que são assuntos da própria cultura humana. Neste sentido, os programas femininos de televisão realizavam de forma plural as representações de cultura, buscando diversas abordagens para públicos diferenciados (TEMER E NUNES, 2011).

A imprensa feminina e a imprensa feminista foram duas contribuições diferentes para "a formação intelectual das mulheres e para a construção de suas identidades" (COSTA, 2018, p. 89). Então, neste capítulo, trabalharemos também as diferenças entre esses dois conceitos. Buitoni (2009) considerava as publicações da imprensa feminina como uma colaboração para a conservação de padrões, enquanto a feminista surgiu para diluir os conflitos sociais. Neste sentido, continuaremos a discussão com as definições de imprensa feminista, que surgiu na busca pela atuação dos direitos das mulheres.

2.3. Imprensa feminista

Enquanto a imprensa feminina era considerada um conceito mais “sexuado” (BUITONI, 1990), a imprensa feminista surgiu na busca pelos direitos das mulheres, não sendo necessariamente políticos (COSTA, 2018). Nos Estudos de Gênero, a noção de sexo vem sendo desconstruída, passando por novas significações e reafirmações de normas (BUTLER, 2015, *apud* GUSTAFSON, 2019a⁶³). Em 1970, o termo “gênero” surgiu como uma forma de “distinguir e separar” sexo de gênero. Esse termo é compreendido como uma dimensão que traz aspectos históricos, sociais e políticos que implicam na análise relacional. Somente em 1980 que a disseminação do termo gênero ocorreu, porém em estudos anteriores o termo utilizado era “mulher” (ESCOSTEGUY, 2019). Mais de dez anos depois, em 1990, apesar de o termo já ser conhecido e estar presente em estudos da mídia, é possível perceber que não há ainda uma grande densidade conceitual. Ele acaba funcionando somente como uma mera etiqueta. Na primeira década do século XXI, há uma controvérsia entre o "fim" do feminismo e a sua popularização. Os estudos da mídia revelam a introdução de uma crítica ao pós-feminismo. Em seguida, a imprensa feminista passa por umas transformações em razão dos impulsos das novas mídias digitais e da chamada "Primavera Feminista", período que surgiram movimentos feministas, como a Marcha das Margaridas, das Mulheres Negras etc (ESCOSTEGUY, 2019).

⁶³ BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero** – feminismo e subversão da identidade, 2015.

Ao pensar na figura da mulher brasileira, são encontradas as múltiplas experiências vividas por essas mulheres, interseccionando gênero com raça. "É levar em consideração que a vida das mulheres é marcada não apenas pelo gênero, mas pela raça, sexualidade, classe, geração e etnia" (COSTA, 2018, p. 34). Kimberlé Crenshaw (2004) é uma das autoras que formula o conceito de interseccionalidade, abordagem presente em algumas iniciativas independentes de abordagem feminista. Segundo ela, "homens e mulheres podem experimentar situações de racismo de maneiras especificamente relacionadas ao seu gênero" (CRENSHAW, 2004, p. 9). Em outras palavras, a autora entende que "a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação" (CRENSHAW, 2002, p.177). Além da experiência de gênero, central para um projeto jornalístico feminista, as questões de classe, raça, etnia, assim como a de sexualidade são necessárias para análise crítica das produções. O conceito de interseccionalidade é importante para entrarmos nas particularidades da imprensa feminista, em especial quando formos tratar de iniciativas femininas atuais que buscam utilizar o conceito para a produção de reportagens.

No Brasil, a partir de 1870, houve um aumento de periódicos feministas em apoio às mulheres para que se tornassem sujeitos pensantes, dotadas de capacidade crítica e, assim, fizessem da escrita a sua resistência (DUARTE, 2017a). "Enquanto a imprensa feminina é pensada e dirigida para mulheres, a feminista, dirigida também ao mesmo público, se distinguiria por defender as causas das mulheres" (SCHANDER, 2020, p. 5).

Os periódicos *O Sexo Feminino* (1873-1889), *A Mulher* (1881-1883), *A Mensageira* (1897-1900) foram alguns dos veículos que divulgavam os ideais feministas no Brasil, contestando o patriarcado e o comportamento das mulheres que apenas "serviam" para seu lar, seus filhos e seu marido. Segundo Duarte (2017a), alguns dos jornais procuram preencher as lacunas que persistem na história da mulher brasileira na busca por seus direitos e na construção de sua identidade e dicção literária própria. Lançado em 7 de setembro de 1873, *O Sexo Feminino* teve como fundadora a autora Francisca Senhorinha da Motta Diniz. O objetivo principal do periódico era retratar a luta em defesa da educação, da instrução e da emancipação da mulher. Um dos temas mais recorrentes também era a defesa do casamento civil.

Naquela época, apesar desses veículos apresentarem ideias mais contestadoras, os veículos jornalísticos feministas não eram diferentes do que era já tratado na imprensa feminina (BUITONI, 1990). "Todos traziam literatura, moda e entretenimento. Os órgãos feministas não deixavam de lado a distração, conseguindo, deste modo, garantir a simpatia do público" (BUITONI, 1990, p.53). Foi a partir do século seguinte, com a conquista do voto feminino, que

a imprensa feminista se tornou mais reivindicatória, ganhando mais força e espaço (RIBEIRO, 2013).

Os três aspectos — literatura, imprensa e consciência feminista — surgiram praticamente ao mesmo tempo no Brasil, no início do século XIX (DUARTE, 2017a), a partir do acesso ao letramento por parte das mulheres.

Independente de serem poetisas, ficcionistas, jornalistas ou professoras, a leitura lhes deu consciência do estatuto de exceção que ocupavam no universo de mulheres analfabetas, e da condição subalterna a que o sexo estava submetido, possibilitando o surgimento de escritos reflexivos e engajados, tal a denúncia e o tom reivindicatório que muitos deles ainda hoje contêm (DUARTE, 2017a, p. 98).

Ao alcançarem o letramento, as mulheres passaram a fazer denúncias e críticas por meio da própria escrita, independentemente se eram poetisas, ficcionistas, jornalistas ou escritoras (COSTA, 2018). A partir do século XIX, as mulheres entenderam seus lugares dentro da sociedade machista e patriarcal (COSTA, 2018). Essa percepção foi entendida a partir da inclusão das mulheres no mercado de trabalho, em especial nas indústrias. Antes, de acordo com Duarte (2017a), o senso comum era de que a mulher apenas servia para “batizar, casar e enterrar”. Então, a desigualdade encontrada foi motivo para o surgimento do jornalismo feminista, que seguindo autores, como Costa (2018), tinha como base a defesa dos direitos das mulheres. Esses veículos se concentravam em protestar pela opressão vivida pelas mulheres, buscando, assim, a defesa dos direitos civis e políticos. No Brasil, para Duarte (2017a), a imprensa e a consciência do que é o feminismo surgem juntos. Muzart (2003) é uma das autoras que também abordam as características da imprensa feminista, como podemos ver a seguir:

Uma das razões para a criação dos periódicos de mulheres no século XIX partiu da necessidade de conquistarem direitos. Em primeiro lugar, o direito à educação; em segundo, o direito à profissão e, bem mais tarde, o direito ao voto. Quando falamos dos periódicos do século XIX, há que se destacar, pois, essas grandes linhas de luta. (Zahidé Muzart, 2003, p. 226).

Costa (2018) entende que, no século XIX, a atuação feminista em veículos jornalísticos teve como principal objetivo criticar as condições das mulheres, além da busca por mais participações nas lutas feministas. Enquanto isso, de acordo com Costa (2018), no século XX, a imprensa feminista tem como objetivo atingir a mídia, porém, especialmente, denunciar a criação de estereótipos presentes nesses materiais. Para entender o impacto do feminismo no contexto brasileiro, vamos entender quais foram as principais particularidades dos movimentos

feministas no Brasil, a partir de 1920 até os dias atuais, por meio de conceitos de Sarmento (2019) e Escosteguy (2019).

2.3.1. A imprensa e os movimentos feministas no Brasil

A compreensão história do movimento feminista é necessária para que se possa refletir as representações e os papéis da mídia nos dias de hoje (THORMANN, 2020). De acordo com Sarmento (2019), a primeira fase do movimento feminista brasileiro ocorreu entre 1921 a 1959. Corresponde ao Brasil da Primeira República, que vive um processo crescente de urbanização, além do estabelecimento do voto feminino na Constituição em 1934. Sarmento (2019) sustenta a importância de proteger as mulheres em assuntos de jogo político.

A ditadura militar marcou a transição da década de 1960 para a de 1970 e o clima de repressão também abrangeu a esfera moral. Para Sarmento (2019), essa é a segunda fase do movimento feminista. Segundo Silveirinha (2004, *apud* THORMANN, 2020), nos anos 60, a partir da segunda onda do feminismo, surgiram estudos mais aprofundados referentes à mulher nos meios de comunicação. O período é marcado pela ditadura militar vivenciada no país e também, na segunda metade dos anos 80, pela abertura democrática. A maioria das produções eram focadas na cultura popular, marcadas por críticas e resenhas de filmes, peças de teatro e livros, por exemplo, que mobilizaram personagens feministas (SARMENTO, 2019). Para Escosteguy (2019), o movimento feminista surgiu a partir da modernização da sociedade, como também de influências da contracultura vindas do exterior. “Na década de 1970, o feminismo amalgamou esse paradoxo: ao mesmo tempo em que se organizava em defesa da especificidade da condição da mulher, estabeleceu uma profunda ligação com a luta contra a ditadura militar” (ESCOSTEGUY, 2019, p. 65).

Segundo Escosteguy (2019), o movimento feminista se tornou mais ativo e presente por conta da participação engajada de professoras universitárias, fossem elas das áreas das ciências sociais, do direito, da psicologia, das letras e da história, além de profissionais liberais. A partir desse viés intelectualizado, tornou-se mais ativo o desenvolvimento do feminismo acadêmico. Nos anos de 1970 e 1980, o pensamento feminista era disseminado e, assim, pautas sobre o movimento atingiram seu auge. Segundo Barbara Popadiuk e Karina Woitowicz (2018, *apud* SCHANDER, 2020⁶⁴), algumas das pautas abordadas na época foram: saúde e direitos reprodutivos, violência contra a mulher, trabalho, participação política, movimento feminista,

⁶⁴POPADIUK, Barbara Maria; WOITOWICZ, Karina Janz. **Diálogos entre jornais alternativos e lutas sociais: Retrato dos temas predominantes na imprensa feminista brasileira (anos 1970-80)**, 2018.

direitos sexuais e liberdade, raça, situação política, creche, papel familiar, educação, representação da mulher, direitos das mulheres e outros. Além disso, na segunda onda do feminismo, as críticas em relação aos estereótipos das mulheres na mídia chamaram a atenção. Por meio desse descontentamento, foi necessária a criação de um discurso próprio, no qual as mulheres questionavam e pediam mudanças (WOITOWICZ; PEDRO, 2010).

A terceira fase do movimento feminista brasileiro se deu entre o início dos anos 90, seguindo até 2016, como afirma Sarmiento (2019). Em 1990, foi um período de um chamado "feminismo difuso", uma vez que, apesar de alguns sinais de mudanças, ainda não existiam homens e mulheres que se identificassem com as demandas da militância nem se chamavam de "feministas" (SCHMIDT, 2000, *apud* ESCOSTEGUY, 2019⁶⁵). Nesta década, há certas ambiguidades e ainda há pesquisas sobre uma forte crítica ao feminismo brasileiro em relação ao seu caráter de classe média, branco, intelectualizado e heterossexual. Apesar desses novos estudos e críticas, o feminismo vai contribuir para assumir um sujeito político, que é diversificado e multifacetado, incluindo a compreensão de identidades LGBTs (ESCOSTEGUY, 2019).

A construção dos movimentos feministas também teve como base os estereótipos de gênero e a falta de uma representatividade legítima da mulher na mídia. Nos últimos anos, há uma excessiva quantidade de notícias referentes à violência contra a mulher (THORMANN, 2020). Com a virada do século, o estudo de "feminismo" foi fragmentado em dimensões, como econômica, política e cultural, abarcadas por suas distintas pautas (ESCOSTEGUY, 2019). Neste período também é possível observar uma ascensão e visibilidade do feminismo negro como prática política. O estudo ganha mais força no contexto nacional e vai adquirindo mais potência apenas recentemente, por conta do compartilhamento de ideias a partir do uso das redes sociais (SARMENTO, 2019). E é, nesse contexto, que marca a quarta fase do feminismo, "impulsionada pelas novas mídias digitais e pelos movimentos sociais negros, de favelas e de diversidade sexual" (ESCOSTEGUY, 2019, p. 110).

2.3.2. A imprensa feminista como fator de mudança

O olhar feminista pode ter contribuído para abrir a possibilidade de romper com abordagem excludente e invisibilizada da mulher na mídia, ainda que essa abordagem siga

⁶⁵ SCHMIDT, Simone Pereira. **O feminismo nas páginas dos jornais: revisitando o Brasil dos anos 70 aos 90**, 2000.

sendo reproduzida em grande medida em materiais jornalísticos. Nos últimos anos, a influência do movimento feminista dentro e fora da academia tem impactado o conteúdo apresentado em revistas femininas (GUSTAFSON, 2019b), seja nas capas, nas escolhas das personagens ou na angulação das matérias, como foi visto na pesquisa de Gabrielle Bittelbrun (2018, *apud* GUSTAFSON, 2019b⁶⁶), que articula o racismo e o sexismo ao analisar capas e matérias de revistas femininas contemporâneas brasileiras. No entanto, ainda é explícito um padrão predominante de corpos brancos e magros, que são privilegiados em capas e matérias principais, sendo que mais da metade da população brasileira é autodeclarada negra (GUSTAFSON, 2019b). “É na presença de corpos brancos e magros que se faz possível perceber a ausência dos corpos negros e gordos nestes meios de comunicação” (GUSTAFSON, 2019b, p. 215).

Bittelbrun (2018) encontrou uma cultura sexista e machista compartilhada nas revistas de sua análise. Como contraponto, a autora analisa uma revista de jornalismo independente digital, a *AzMina*, lançada em 2015. Em resumo, diferente das revistas impressas, as produções são mais atentas a debates atuais e, assim, buscam maior igualdade. “*AzMina* consegue, a partir de sua perspectiva feminista, ampliar e subverter a abordagem de temas, com um enfoque interseccional em que as mulheres negras não figuram como exceção” (BITTELBRUN, 2018, *apud* GUSTAFSON, 2019b, p. 216).

A imprensa feminista, portanto, traz questionamentos referentes aos direitos das mulheres, espaços na política e na ciência, por exemplo. Não possuem apenas artigos de opinião “revolucionários” a respeito do estudo de gênero (RIBEIRO, 2013). Iniciativas da mídia online como *AzMina* e *Nós, mulheres na periferia* debatem questões comuns já debatidas na imprensa feminista, como mulheres no mercado de trabalho e sexualidade, por exemplo. No entanto, o diferencial encontrado está na abordagem, ou seja, na angulação da temática e na linguagem utilizada (RIBEIRO, 2013). O ativismo feminista aparece nas esferas ampliadas de visibilidade, principalmente no jornalismo. Nele, é uma forma de identificar a “identidade pública” ou a “memória popular” do movimento feminista, colaborando, assim, para a compreensão de reflexões, mitos e preconceitos (SARMENTO, 2019). De acordo com Sarmento (2019), a partir dos anos 2000, além da produção de livros e filmes, houve o crescimento do acesso à internet. Era uma época em que os *blogs* estavam em ascensão, no qual era possível encontrar um acúmulo de resenhas e análises críticas de filmes, de livros e de álbuns. A partir dessas escritas era possível perceber a subjetividade, ou seja, suas próprias vivências e experiências, a partir de uma linguagem pessoal.

⁶⁶ BITTELBRUN, Gabrielle. **Cores e Contornos: Gênero e raça em revistas femininas do século 21**, 2018.

2.3.3. *A imprensa feminista e suas subjetividades*

Nas práticas jornalísticas tradicionais, seja na representação feminina ou no próprio conteúdo, é perceptível encontrar uma desigualdade em relação ao gênero (GARCEZ; SILVEIRINHA, 2020). Dessa forma, é introduzido o conceito de objetividade, no qual entende-se, no geral, que um dos seus objetivos é reproduzir o senso comum, relacionando com a presença de grupos hegemônicos, conservadores e patriarcais. Segundo Garcez e Silveirinha (2020), a objetividade é uma das características mais importantes no jornalismo tradicional. Para elas, o conceito se manifesta pela veracidade dos fatos, sem a interferência da opinião dos profissionais. Porém, o significado de objetividade jornalística recebe críticas e dúvidas até hoje.

As críticas a esse ideal têm crescido, principalmente entre pesquisadores dos media (O'Donnell, 2019), mas também entre jornalistas, tanto pela impossibilidade de ser aplicado na prática, mantendo-se como uma promessa, como por maquiagem posicionamentos, visões de mundo e ideologias, sob a aparência de um discurso objetivo (FERNANDES, 2019, p.64).

A objetividade jornalística, no geral, foi concedida a partir de um conjunto de regras, normas e valores. Então, essa particularidade não se define como uma oposição à subjetividade, como é discutido por Traquina (2012, *apud* FERNANDES, 2019⁶⁷). Para Moretzsohn (2001, *apud* GARCEZ; SILVEIRINHA 2020⁶⁸), a subjetividade no texto jornalístico não é indicada como um discurso da realidade, mas sim um discurso sobre a realidade. Neste sentido, a subjetividade surge como um posicionamento ético e deontológico, como também estilístico (CARPENTIER, 2005, *apud* FERNANDES, 2019⁶⁹).

Para Fernandes (2019), a subjetividade se manifesta a partir de elementos presentes nas lutas sociais que são difundidas pelas mídias digitais e, assim, compartilhadas, inclusive, nas notícias. Essa particularidade acontece, justamente, na prática jornalística alternativa por sua característica horizontal e colaborativa (FERNANDES, 2019). No caso de Garcez e Silveirinha (2020), a objetividade no jornalismo não está representando, de fato, a realidade, uma vez que não observa as desigualdades existentes na sociedade. Pensando nisso, as autoras acreditam que o ideal de objetividade caracterizado como “senso comum” replica os ideais determinados pela elite, geralmente formada por homens brancos heterossexuais. De acordo

⁶⁷ Traquina, N. **Teorias do Jornalismo**, 2012.

⁶⁸ Moretzsohn, S. **Profissionalismo e objetividade**: o jornalismo na contramão da política, 2001.

⁶⁹ Carpentier, N. **Identity, contingency and rigidity** - The (counter-)hegemonic constructions of the identity of the media professional. Journalism, 2005.

com as autoras, um ponto de vista feminista ou com perspectiva de gênero é importante. Porém, não deve ser restrito somente a um nicho ativista ou militante, visto que deve ganhar visibilidade e destaque também na mídia convencional. Por fim, é questionado se seria necessário a ideia de remover a objetividade jornalística, com o objetivo de que as notícias sejam relatadas a partir do olhar das mulheres, com o objetivo de reduzir as desigualdades entre gêneros. “Repensar as práticas para que o novo jornalismo, por forma a combater, por exemplo, a desinformação, seja mais responsável e ético, não somente dentro das suas práticas já estabelecidas” (GARCEZ; SILVEIRINHA, 2020).

Para o autor Muñoz-Torres (2012, *apud* GARCEZ E SILVEIRINHA, 2020⁷⁰), uma seleção de um fato ou uma informação é realizada por uma pessoa, ou seja, a partir de um ponto de vista específico, que se relaciona com valores pessoais e normas objetivas. Ele entende que, ao hierarquizar um texto jornalístico, alguns dos princípios da objetividade são utilizados, porém há também a presença de critérios da subjetividade individual do jornalista. É entendido, então, que os conceitos se completam, e não se separam.

Alguns autores utilizam o ideal de subjetividade como o rompimento das particularidades da objetividade, como uma quebra dos princípios de neutralidade e impessoalidade. Mas é importante ressaltar que a subjetividade não significa rejeitar a objetividade. Elas podem ser complementares, como descrito por Muñoz-Torres (2012, *apud* GARCEZ E SILVEIRINHA, 2020). A subjetividade aparece como o oposto da objetividade, porém é necessário ter cuidado, uma vez que a definição é mais ampla e complexa (SANTOS; TEMER, 2016). Essa particularidade está associada à ideia de sujeito, relacionando com as vivências e as experiências de cada autor. O ideal de subjetividade é se atentar às posições de classe, gênero, raciais, geográficas (MORAES, 2019b, *apud* SCHANDER, 2021⁷¹).

Na imprensa feminista, a subjetividade surge não como oposição à objetividade, mas sim como complemento, uma vez que as lutas pelos direitos das mulheres, assim como as desigualdades sociais ainda persistentes são elementos que incorporam uma subjetividade feminina, um olhar para esses fatos que são, geralmente, invisibilizados. Por isso, as iniciativas com perspectiva de gênero utilizam de linguagens mais pessoais e acessíveis, além de denunciarem a opressão a partir de uma perspectiva crítica.

2.4. Por mulheres: iniciativas jornalísticas na internet com perspectiva de gênero

⁷⁰ Muñoz-Torres, J. M. **Truth and objectivity in journalism**. Journalism Studies, 2012.

⁷¹ MORAES, Fabiana. **Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral**, 2019.

A "Primavera das Mulheres" iniciou em 2015, por meio de uma série de manifestações nas redes sociais e de manifestações pelas ruas do Brasil (COSTA, 2018). Entre as principais pautas desse movimento estiveram: o combate ao assédio e a violência sexual; o direito ao corpo; o respeito às diferenças entre mulheres — incluindo a participação de mulheres trans e travestis nos movimentos — e, além disso, a valorização das pautas das mulheres negras. O movimento é importante para contextualização, uma vez que as redes sociais têm exercido um papel de construção de espaços de atuação política, como aborda Escosteguy (2019):

Ao longo da presente década, movimentos, organizações e coletivos feministas se expandiram consideravelmente na sociedade contemporânea como um todo. Fenômeno muito visível, também, no Brasil. A participação de jovens, tanto dos estratos médios quanto dos populares, com formação acadêmica ou não, da mulher negra, da periferia e do campo vêm revitalizando e ampliando as práticas políticas feministas (p. 16).

Vecchio-Lima e Souza (2017) discutem sobre como o processo de feminização das redações não acompanhou as pautas em veículos jornalísticos sobre a mulher, mesmo que haja avanços, e como isso impulsionou o surgimento de projetos jornalísticos alternativos para superar essa defasagem. A pesquisa tem como título “Espaços alternativos na internet como formas de visibilizar as mulheres no jornalismo brasileiro” e apresenta cinco iniciativas jornalísticas com perspectiva de gênero: *AzMina*, *Cientista que virou Mãe*; *Nós, Mulheres da Periferia*; *Think Olga*; *Capitolina*. Trata-se de uma reflexão de um “novo jornalismo”, sendo este um que busca superar preconceitos, permitindo a visibilidade e o empoderamento das mulheres. Os pesquisadores (2017) entenderam que essa comunicação independente com perspectiva de gênero possibilitou novas dinâmicas para representar as mulheres. Como concluem, isso pode acontecer devido às novas formas de produção e interatividade (VECCHIO-LIMA E SOUZA, 2017, p. 9).

Em mapeamento realizado, em novembro de 2021, para esta pesquisa, foram encontrados 16 portais que têm como proposta assuntos relacionados a gênero e ao feminismo no Brasil. Para a seleção das iniciativas, foi utilizado como referência o trabalho feito pela Agência Pública, em 2016, que construiu um levantamento intitulado Mapa do Jornalismo Independente, composto por iniciativas jornalísticas independentes no Brasil. As iniciativas selecionadas são organizações que nasceram nas redes, projetos coletivos, que produzem primordialmente conteúdo jornalístico e que não são ligados a grandes grupos de mídia, políticos ou empresas.

Os portais encontrados no Mapa da Agência Pública são feitos por mulheres, possuem como proposta a perspectiva de gênero, visto que buscam potencializar a visibilidade desse grupo social que ainda sofre com estereótipos na mídia tradicional. A iniciativa *Blogueiras Negras*⁷², por exemplo, é feita por mulheres negras e afrodescendentes que possui como proposta tratar de questões sobre negritude, feminismo e produção de conteúdo jornalístico. A iniciativa foi criada como um espaço para contar estórias de luta e resistência, que são continuamente negadas devido à sociedade discriminatória e desigual em que vivemos. Os principais objetivos são produzir e publicar materiais nos mais diversos formatos e linguagens (blog, vídeos, livros, áudios), visando visibilizar e compartilhar conteúdos feitos por mulheres negras com cunho feminista e antirracista.

É a invisibilidade que naturaliza o racismo em suas diversas modalidades. Não estamos nas capas de revista, nas bancadas dos jornais, nos laboratórios, nos cargos políticos. E apesar de algumas conquistas, ainda somos sub-representadas e estereotipadas nos discursos de beleza e moda. Prevalece o desinteresse em mostrar nossos rostos, nossos corpos, as questões que nos afetam, as tradições e manifestações culturais que nos representam (BLOGUEIRAS NEGRAS, quem somos).

Além disso, a escrita das pautas é pensada a partir do combate ao racismo, sexismo, lesbofobia, transfobia, homofobia e gordofobia. A iniciativa também é um espaço para acolhimento, empoderamento e visibilidade da mulher negra e afrodescendente. São trocadas vivências, experiências e opiniões por meio dos debates realizados em suas produções independentes.

Outra iniciativa com perspectiva de gênero e feita por mulheres é a *Nós, Mulheres da Periferia*⁷³. A empresa jornalística é fundada e autogestionada por oito jornalistas e uma designer, majoritariamente negras e moradoras de bairros da periferia do município de São Paulo (SP). Desde 2014, o site jornalístico se dedica ao compartilhamento de estórias e de opiniões de mulheres negras e periféricas, uma vez que busca a construção de uma sociedade plural, antirracista e não patriarcal. As produções são centradas nas discussões sobre classe, raça, gênero e território, temáticas que são invisibilizadas na imprensa tradicional.

O portal *Cientista que virou mãe* também está presente na lista das 16 iniciativas com perspectiva de gênero. Este foi o primeiro portal jornalístico brasileiro produzido exclusivamente por mulheres mães e financiado de maneira independente. Criado em 2010 por Ligia Moreira, doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Santa Catarina - ela é

⁷² Disponível em: <http://blogueirasnegras.org>. Acesso no dia 27/11/2021.

⁷³ Disponível em: <http://nosmulheresdaperiferia.com.br/>. Acesso no dia 28/11/2021.

cientista, escritora e produtora de conteúdo digital. O objetivo da iniciativa é promover uma reflexão sobre a realidade das mães e da infância. Os principais assuntos abordados são: empoderamento feminino, maternidade, saúde das mulheres e das crianças, impactos da violência sobre a saúde e educação sem violência. “São cientistas, jornalistas e demais produtoras independentes de conteúdo que afirmam produzir o tipo de informação que as mulheres precisam” (COSTA, 2018, p. 96). Desde 2019, o site tem como foco a produção de conteúdo, livros, cursos e palestras online ministradas por Ligia Moreira.

Além desses portais descritos acima, o Mapa da Agência Pública contou com outras iniciativas jornalísticas com perspectiva de gênero, por exemplo: *Frida Diria*⁷⁴; *Think Olga*⁷⁵; *Revista Capitolina*⁷⁶; *Las Abuelitas*⁷⁷; *Revista Geni*⁷⁸; *Mulher no Cinema*⁷⁹; *Catarinas*⁸⁰; *Mães de Peito*⁸¹; *Lado M*⁸²; *Revista DR*⁸³; *Cientista que virou mãe*⁸⁴; *AzMina*⁸⁵; *Ovelha Mag*⁸⁶; *Nós, Mulheres na Periferia*⁸⁷; *Blogueiras Negras*⁸⁸ e *Gênero e Número*⁸⁹.

Ao observar os portais acima, podemos perceber diferentes formas de atuação, porém tendo alguns pontos em comum: são iniciativas jornalísticas com perspectiva de gênero interseccional. Neste contexto, esta principal particularidade pode ser entendida como uma “tentativa de ruptura com os sentidos produzidos pela mídia tradicional, que ainda aborda as temáticas que envolvem as mulheres de maneira essencial, privilegiando as vozes de mulheres brancas, de classe média e heterossexuais” (COSTA, 2018, p. 100).

Pensando nisso, esta pesquisa tem como objetivo verificar em que medida as ações dessas iniciativas jornalísticas independentes com perspectiva de gênero voltadas ao meio digital podem potencializar e influenciar na visibilidade da figura feminina, compreendendo o atual contexto comunicativo e social. Dessa forma, estudaremos os portais *Mulher no Cinema*

⁷⁴ Disponível em: <http://www.fridadiria.com/>. Acesso no dia 28/11/2021.

⁷⁵ Disponível em: <http://thinkolga.com/>. Acesso no dia 28/11/2021.

⁷⁶ Disponível em: <http://revistacapitolina.com.br/>. Acesso no dia 28/11/2021.

⁷⁷ Disponível em: <http://www.lasabuelitas.com>. Acesso no dia 28/11/2021.

⁷⁸ Disponível em: <https://revistageni.org>. Acesso no dia 28/11/2021.

⁷⁹ Disponível em: <http://www.mulhernocinema.com>. Acesso no dia 28/11/2021.

⁸⁰ Disponível em: <http://catarinas.info/>. Acesso no dia 28/11/2021.

⁸¹ Disponível em: <http://www.maesdepeito.com.br>. Acesso no dia 28/11/2021.

⁸² Disponível em: <http://www.lado-m.com/>. Acesso no dia 28/11/2021.

⁸³ Disponível em: <http://www.revistadr.com.br/>. Acesso no dia 28/11/2021.

⁸⁴ Disponível em: <http://www.cqvm.com.br/>. Acesso no dia 28/11/2021.

⁸⁵ Disponível em: <http://azmina.com.br/>. Acesso no dia 28/11/2021.

⁸⁶ Disponível em: <http://ovelhamag.com/>. Acesso no dia 28/11/2021.

⁸⁷ Disponível em: <http://nosmulheresdaperiferia.com.br/>. Acesso no dia 28/11/2021.

⁸⁸ Disponível em: <http://blogueirasnegras.org>. Acesso no dia 28/11/2021.

⁸⁹ Disponível em: <http://www.generonumero.media/>. Acesso no dia 28/11/2021.

e *Feito por Elas*⁹⁰, dois portais que possuem como foco notícias da indústria cinematográfica, setor em que mulheres também lutam pelo reconhecimento e pela visibilidade. A pesquisa será realizada a partir do método de estudo de caso para melhor compreender as problemáticas levantadas. Além disso, será feita uma reflexão de conceitos elencados sobre jornalismo independente e as particularidades da imprensa feminina e feminista, relacionando com as propostas dos portais.

⁹⁰ Disponível em: <https://feitoporelas.com.br>. Acesso no dia 29/11/2021.

3 SOBRE OS PORTAIS: *MULHER NO CINEMA E FEITO POR ELAS*

Em virtude da persistência das desigualdades de gênero no atual contexto social, existem iniciativas jornalísticas que buscam representar as mulheres como protagonistas, diferenciando-se da representação, na maioria das vezes, estereotipada da figura feminina noticiada pelos grandes meios de comunicação. Posto isto, em concordância com as temáticas desta pesquisa, os objetos empíricos a serem estudados são dois (2) portais autodenominados independentes que atuam a partir da perspectiva de gênero feminino e que buscam divulgar os trabalhos de mulheres que fazem cinema, para colocar o público em contato com os produtos realizados por essas cineastas. O primeiro é o portal *Mulher no Cinema*⁹¹ e o segundo é o *Feito por Elas*⁹². Ambos são projetos idealizados para abordar notícias e críticas sobre filmes produzidos por mulheres ou centrados na figura feminina, além de divulgar pesquisas e levantamentos acerca das produções de cinema no Brasil e no mundo.

Os *sites* são responsáveis pela publicação de entrevistas, reportagens, notícias, críticas e estudos relacionados ao tema, além de oferecer indicações de filmes e eventos. Os espaços buscam potencializar a visibilidade das mulheres que fazem cinema e, ainda, informar os grupos interessados pela temática. Portanto, o *Mulher no Cinema* e o *Feito por Elas* são iniciativas jornalísticas de nicho que procuram ampliar o discurso cinematográfico focado na figura feminina, ainda pouco abordado pela grande mídia tradicional. Este trabalho, portanto, busca refletir sobre esses dois portais que têm como proposta serem espaços de informação e de formação — não apenas sobre audiovisual, mas também sobre o feminismo.

Para iniciar este capítulo, são apresentados brevemente os objetos de estudo, abordando como foi o surgimento, quem é/são a/as criadoras e quais são as propostas das iniciativas. Em seguida, expõem-se os procedimentos metodológicos que são utilizados durante esta pesquisa, necessários para o entendimento de como é feita essa visibilização das mulheres no cinema pelos dois portais e se, de fato, isso acontece de maneira eficiente. Como aporte metodológico, serão apresentadas as definições do Estudo de Caso, da Análise do Conteúdo e da Análise Comparativa.

3.1. Mulher no Cinema

⁹¹ <https://mulhernocinema.com>

⁹² <https://feitoporelas.com.br>

Criado em 2015, o portal *Mulher no Cinema* é escrito pela jornalista Luísa Pécora, que passou por experiências profissionais no portal *iG* e na revista *Cult*. Além disso, a jornalista colaborou com matérias para o *Filme B*, *FilmMaker*, *Getúlio* e *Diálogos & Debates*. Luísa também integra o Elviras - Coletivo de Mulheres Críticas de Cinema, grupo que tem representantes em todas as regiões do país para trocar experiências e discussões sobre a produção audiovisual no Brasil e no exterior.

Formada em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero, Luísa Pécora iniciou a carreira jornalística na cobertura de assuntos referentes à política e ao mundo. Em 2009, após o lançamento do filme *Guerra ao Terror*, da diretora Kathryn Bigelow, a jornalista se interessou pela temática, pelas obras da diretora e se atentou às representações das mulheres na indústria cinematográfica, como ela descreve na entrevista, realizada para esta pesquisa sobre o desenvolvimento do portal:

A vida inteira eu gostei de cinema, mas eu me atentei para esse dado, né? De que as mulheres por trás das câmeras eram tão pouco representadas [...] quando eu comecei a ler sobre ela [Kathryn Bigelow], clicou, assim, em alguma coisa, acho que de eu mesma também deveria começar a rever, a pensar sobre as minhas próprias referências, que diretoras que eu gostava, que filmes que eu gostava, né? (PÉCORA, 2021).

Em 2013, no portal *iG*, Luísa foi transferida para o setor de entretenimento. Durante a sua passagem, ela sugeriu fazer uma série de reportagens sobre mulheres no cinema. Nessa época, a jornalista percebeu dois fatos: o primeiro é que, entre 2009 e 2013, ela havia acumulado conhecimento e paixão sobre cinema e o lugar da mulher nesse setor; e o segundo é que existiam outras pessoas também interessadas sobre o assunto. Em 2015, Luísa Pécora percebeu que a temática estava ganhando ainda mais destaque fora do Brasil, o que foi mais um estímulo para a criação do site. Durante as suas pesquisas e estudos, ela também sentiu falta de conteúdos sobre o assunto em português, visto que a maioria dos portais encontrados sobre a temática eram na língua inglesa.

Eu ficava falando assim 'alguém tem que criar algum site, muita coisa para ser falada e precisa ser em português', porque não tinha veículo ou, pelo menos, assim, eu não conhecia, né? Um veículo de notícias mesmo. Eu senti muita falta disso, de ser em português para democratizar essa discussão, né? (PÉCORA, 2021).

Devido à insuficiência de matérias que buscam promover a igualdade de gênero no setor cinematográfico (SANTOS; TEDESCO, 2017), a jornalista fundou o *Mulher no Cinema* com o objetivo de divulgar e discutir o trabalho de profissionais de cinema, voltado para a

visibilidade de mulheres que atuam na indústria cinematográfica, sejam elas cineastas, diretoras ou atrizes. O portal reúne notícias, vídeos, entrevistas, críticas e pesquisas.

Nestes seis anos de conteúdos publicados, o site buscou utilizar essas discussões e levantamentos de estudos a respeito da desigualdade de gênero no cinema. Um exemplo disto é a matéria, em homenagem à morte de Halyna Hutchins, sobre a bolsa de estudos para diretoras de fotografia. Nela, é citada a pesquisa da San Diego State University:

A fotografia é uma das áreas do cinema em que as mulheres enfrentam mais obstáculos. Elas representaram apenas 5% de todos os profissionais que trabalharam como diretores de fotografia nos 250 filmes de maior bilheteria nos Estados Unidos em 2019, de acordo com estudo da San Diego State University (MULHER NO CINEMA, 2021a⁹³).

Com o portal, Luísa ampliou sua rede de conexões, participando de grupos de debates e discussões acerca do cinema feito por mulheres. Atualmente, suas principais motivações são a criação de uma ponte entre os dois públicos, quem assiste cinema e quem faz cinema, ou seja, estimular os leitores a conhecerem o trabalho dessas mulheres. Outro ponto de motivação é continuar debatendo sobre igualdade de gênero no setor cinematográfico, uma vez que a desigualdade é ainda persistente na sociedade.

Eu gostaria que existisse um dia que tudo fosse tão igualitário que nem fizesse sentido ter o Mulher no Cinema, porque não precisaria mais fazer esse recorte, mas isso tá muito longe do seu caso, né? Acho que por mais que o debate tenha aumentado, a gente esteja falando mais sobre isso, ainda tem muita coisa [...] Essa vontade de dentro da minha micro atuação, que é micro, né? É poder contribuir de alguma forma para essa mudança que eu mesma quero ver (PÉCORA, 2021).

O conteúdo produzido pelo *Mulher no Cinema* é totalmente gratuito e realizado de forma independente. Dessa forma, em relação às formas de financiamento, o portal possui uma rede de apoiadores, por meio do site Apoia-se. Por meio de contribuições mensais — que começam em R\$ 3,00 e podem chegar a R\$ 50,00 — os apoiadores, dependendo do valor escolhido para a contribuição, podem receber conteúdos exclusivos produzidos pelo Mulher no Cinema, como: newsletters quinzenais; sorteios periódicos de livros, ingressos e pôsteres; listas exclusivas e personalizadas do desafio #52FilmsByWomen⁹⁴; além de produtos exclusivos em áudio e vídeo atuais e relevantes sobre igualdade de gênero nas telas.

⁹³ MULHER NO CINEMA. Halyna Hutchins dará nome a uma bolsa de estudos para diretoras de fotografia, 2021. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/noticias/halyna-hutchins-dara-nome-a-uma-bolsa-de-estudos-para-diretoras-de-fotografia/>. Acesso em: 10 nov. 2021.

⁹⁴ O desafio foi lançado em 2015 pelo portal *Women in Film* que tem como objetivo assistir um filme por semana durante um ano, totalizando 52 filmes.

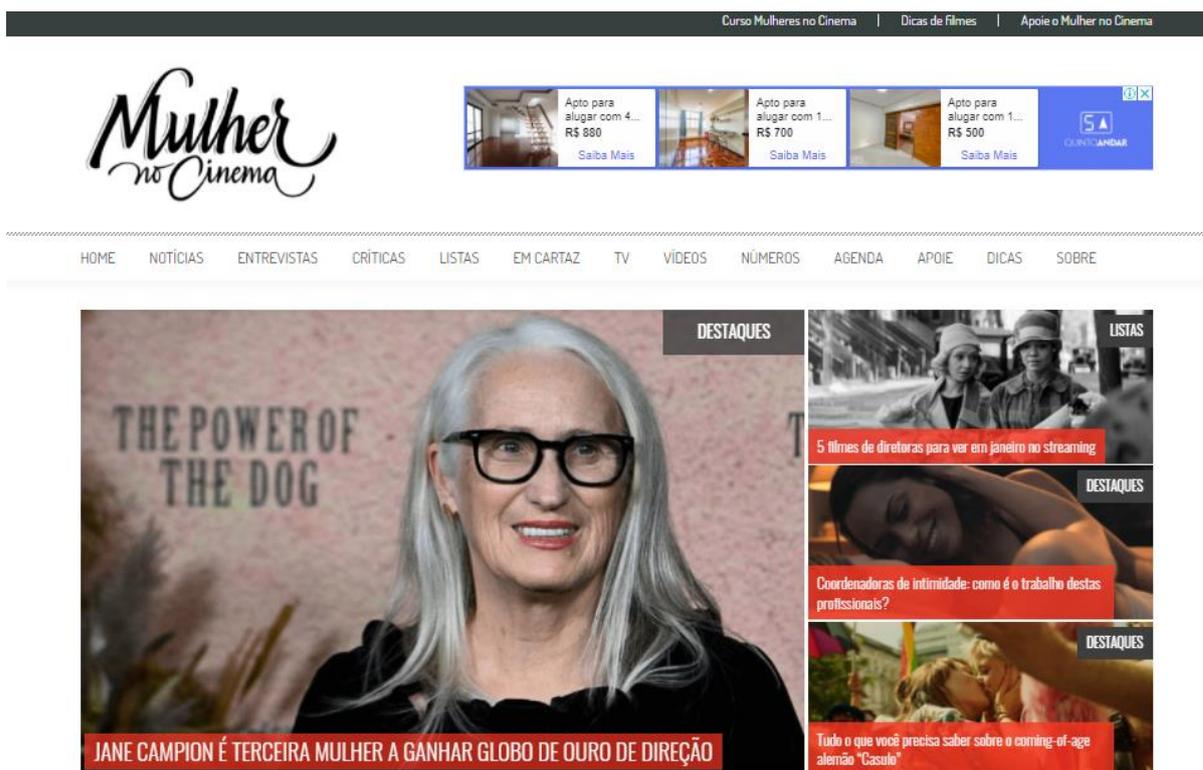
Além do financiamento coletivo, o *Mulher no Cinema* também trabalha com conteúdo patrocinado de forma pontual. Um dos parceiros foi o Telecine, que contratou o portal para produzir conteúdo para as redes sociais e para escrever sobre filmes de diretoras mulheres no catálogo do streaming Telecine Play. Sobre essa temática, Luísa Pécora acredita que as parcerias escolhidas para o portal não a limitam, uma vez que ela sempre preza pela seletividade.

Por um lado a gente dá uma sofrida para conseguir financiar, mas por outro lado a gente tem liberdade também para escolher. Que tipo de parceria quer fazer, né? Eu não me sinto obrigada a aceitar nada por sorte, né? Eu tenho essa condição de poder escolher se eu quero fazer uma parceria com essa marca e se eu quero fazer essa pauta ou não, né? [...] Desde que também esteja claro, tanto na rede social, quanto nas matérias, que o texto é patrocinado. Acho que isso é a coisa principal. É o mínimo do jornalismo, você identificar que aquele conteúdo é pago (PÉCORÁ, 2021).

A jornalista Luísa Pécora tem outras fontes de renda que surgiram devido ao seu trabalho reconhecido no *Mulher no Cinema*. Entre eles estão: uma coluna no Itaú Cultural; realiza cursos que abordam obras de cineastas de diferentes épocas, países e estilos em colaboração com Joyce Pais, do Cinemascope; além de ser convidada para fazer a curadoria de festivais, mediar debates e/ou *lives*.

Atualmente, o *Mulher no Cinema* conta com o portal de notícias e perfis nas seguintes redes sociais: Instagram, Facebook, Twitter, YouTube e Spotify. No portal, as editorias que estão em vigência no momento são as de "Notícias", "Entrevistas", "Críticas", "Listas", "Em cartaz", "TV", "Videos", "Números", "Agenda", "Apoie", "Dicas" e "Sobre", como pode ser observado a seguir:

Figura 1 - Página inicial do site Mulher no Cinema



Fonte: Reprodução/Mulher no Cinema

Luísa Pécora também realiza entrevistas com cineastas brasileiras e internacionais, que fazem parte do cinema *mainstream* ou independente. Algumas das artistas entrevistadas pela jornalista são: Ana Katz, Anna Jadowska, Betsy West, Claire Atherton, Dominga Sotomayor, Emma Seligman, Katie Found, Laura Carmichael, Lucrecia Martel, Pamela B. Green, Renata Pinheiro, Tata Amaral, Tatiana Lohmann e Teresa Villaverde.

De acordo com dados disponibilizados pela a criadora do portal, o perfil de leitores do site do Mulher no Cinema corresponde a 65% de mulheres e 35% de homens. Em relação à idade, jovens entre 18 a 24 anos e 25 a 34 anos correspondem a maioria, com 24% e 27%, respectivamente. Os dados foram levantados pela jornalista em abril de 2021, por meio do *Google Analytics*.

O *Mulher no Cinema* também é ativo nas redes sociais, em especial, no *Instagram*. O perfil @mulhernocinema conta com um total de 31,4 mil seguidores. Os destaques do perfil correspondem a “Entrevista”, “Listas e dicas”, “Cannes”, “Oscar”, “Pioneiras”, “Vídeos”, “Recados”, “Eventos”, “#POI”, “Cursos”, “WW84”, “#52FilmsByWomen”, “Por aí”, “2019”, “Aves de Rapina”, “CCXP 2019”, “Apoie”, “Agnès V.”, “2018”, “No set”, “CCXP18”, “Chantal A.”, “Mostra 2018”, “Roma”, “Sorrento” e “Lisboa”. A maior parte do conteúdo das publicações no *Feed* são voltadas para indicações de filmes e séries de televisão; estréias de

filmes no cinema no Brasil e no mundo; aniversários de cineastas, atrizes e diretoras; chamadas para as matérias do site; vídeos de entrevistas e dicas de eventos e festivais de cinema. Sobre o perfil dos leitores no *Instagram*, segundo dados divulgados pela Luísa Pécora para esta pesquisa, mulheres representam 81%, enquanto homens 19%. Além disso, jovens-adultos entre 25 a 34 anos equivalem à maior parte do público, com cerca de 43%. Os dados também foram levantados em abril de 2021 pela ferramenta do *Google Analytics*. No *Twitter* e no *Facebook*, a jornalista compartilha notícias e indicações de filmes realizados por mulheres. Além disso, o *Mulher no Cinema* tem um perfil no *YouTube* em que disponibiliza os vídeos das entrevistas com as diretoras e cineastas. No *Spotify*, a jornalista faz playlists temáticas.

3.2. Feito por Elas

O *Feito por Elas* é um portal que possui uma similaridade em relação ao conteúdo produzido pelo site *Mulher no Cinema*, uma vez que tem como objetivo também promover a igualdade de gênero na indústria cinematográfica. Em 2016, o podcast Feito por Elas surgiu e, apenas em março de 2019, foi lançado o portal com o mesmo nome, que engloba a criação e a curadoria de conteúdo, a fim de dar visibilidade para mulheres que trabalham em diversas áreas do cinema.

Isabel Wittmann, uma das fundadoras do *site*, fez graduação em Arquitetura pela Universidade Federal de Santa Catarina, mas, atualmente, é doutoranda em Antropologia, trabalhando com Estudos de Gênero e Corpo. Desde 2009, ela tem um blog pessoal, em que escrevia sobre filmes, livros e videogames. A partir de 2013, Isabel entrou no portal Cinema em Cena⁹⁵, em que o cinema apareceu como seu principal foco de interesse. Devido à sua pesquisa de mestrado também em Antropologia Social pela Universidade Federal de Amazonas (UFAM), em 2016, surgiu uma inquietação em Wittmann sobre questões de gênero em filmes, e todos os seus textos passaram a tratar o assunto.

Em 2015, ao ser inspirada pelo desafio da *hashtag* #52FilmsByWomen, do *Women In Film*, organização dedicada a promover igualdade de oportunidades para mulheres, ela lançou o *Feito por Elas* com colegas de trabalho. “O *Feito por Elas* surgiu como um podcast e para abordar o trabalho de diretoras, mas o meu desejo sempre foi que fosse mais que um podcast, que a marcasse também críticas em texto, cobertura de festivais, entrevistas e tudo

⁹⁵ Disponível em: <https://www.cinemaemcena.com.br>. Acesso no dia 23 de dezembro de 2021.

mais” (WITTMANN, 2021). Hoje, a equipe é formada por Isabel Wittmann, Stephania Amaral, Camila Vieira, Kel Gomes e Rosana Íris.

Isabel Wittmann (2019) entende a importância da diferença da experiência e da subjetividade de cada uma que compõem a equipe do *Feito por Elas*, uma vez que, assim, de acordo com suas diversas bagagens, para uma é capaz de construir a sua análise crítica cinematográfica. Stephania Amaral foi a primeira a integrar a equipe ao lado de Isabel. Stephania é doutoranda em Estudos de Linguagem pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) e estuda filmes brasileiros de terror dirigidos por mulheres. Em seguida, Camila Vieira passou a participar da equipe, ela é mestra em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e estuda cinema brasileiro contemporâneo. Em seguida, Kel Gomes entrou para participar da equipe. Ela tem formação em Enfermagem e Produção de Moda e, atualmente, se dedica à obtenção de uma nova graduação em Jornalismo na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Por fim, Rosana Íris é formada em Cinema pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e pós-graduada em Gestão Cultural pelo Senac. O *Feito por Elas* é um projeto em que a equipe é integralmente composta por mulheres. Além disso, algumas das colaboradoras atuais ou que já passaram pela iniciativa moram ou moravam em quatro das cinco regiões do Brasil, deslocando o projeto do eixo Rio-São Paulo.

Nós temos uma diversidade de regiões, né? Uma diversidade geográfica dentro do projeto. Só nunca tivemos ninguém do centro-oeste (risos), da equipe, todas as outras regiões já passaram pelo projeto ou estão no projeto. Nós também temos uma diversidade de orientação sexual e étnico racial, né? Então já é algo assim que eu sei que para um projeto pequeno e só cinco pessoas, eu considero uma pequena vitória. Mas claro que sempre poderia melhorar, né? (WITTMANN, 2021).

Desde então, elas produzem episódios de podcasts, fazem a cobertura de festivais e premiações, realizam entrevistas com profissionais, produzem críticas e ainda redigem *newsletters* para os apoiadores do projeto independente. Apesar de haver um espaço para notícias, em virtude de demandas, falta tempo para redigir adequadamente os textos pela equipe. Então, a maior parte do conteúdo é relacionado à crítica e à divulgação de filmes, como comentado por Isabel a seguir:

Se é para fazer um conteúdo, que ele seja um conteúdo de qualidade para quem está consumindo, seja em termos de informação, de análise, o que for. Então, acaba que a gente não produz notícias, especificamente, pela dificuldade que a gente tem de tempo para fazer essa cobertura. Então, o foco acaba sendo, realmente, na crítica e na divulgação. No caso da divulgação, ela tá focada mais nas redes sociais, né? (WITTMANN, 2021).

Apesar das limitações encontradas por ser um projeto independente e paralelo, uma vez que as colaboradoras também possuem outras atividades, Isabel acredita que, em cinco anos, o portal conseguiu contribuir com a visibilidade de diversas cineastas.

Acho que a gente já conseguiu fazer muita coisa, assim, de dar visibilidade, abordar diversas filmografias, né? Trazer para a discussão muitas diretoras sempre tendo cuidado de pegar de várias épocas diferentes, de lugares diferentes, de origens diferentes, né? Claro que o cinema europeu e estadunidense, acaba tendo uma facilidade maior da gente acessar, né? Mas o nosso foco também está no cinema brasileiro, né? [...] Então, acho que nesses 5 anos de trabalho a gente conseguiu trazer muita coisa já. E assim a minha minha perspectiva é que a gente possa continuar crescendo (WITTMANN, 2021).

Em termos de atividades, cada colaboradora contribui da forma que consegue, uma vez que o projeto não tem um retorno financeiro. Para a produção de um episódio de *podcast*, a equipe assiste ao filme, pesquisa sobre a diretora, lê e assiste às entrevistas, consulta livros e, dependendo da diretora, vai atrás de algum material bibliográfico disponível. Os programas são quinzenais e semi-roteirizados, então há um trabalho de escrita e de organização das ideias. A edição dos programas é terceirizada devido ao apoio do financiamento coletivo. As redes sociais são mantidas com conteúdos diariamente, contando com um calendário de programação.

O início dos programas de podcast do *Feito por Elas* era marcado por uma diversidade de continentes. “A gente tem um Excel com uma lista das diretoras separadas por continentes, então assim, o programa vai ser da Ásia, da África, da América ou da Oceania. A gente ficava intercalando” (WITTMANN, 2021). Atualmente, os programas são divididos entre diretoras históricas e contemporâneas, ou seja, as que tiveram um marco na história dos anos 80 para trás e as que fizeram sucesso dos anos 90 até os dias atuais. Quando não há um tema fechado, a equipe manda uma enquete por e-mail para os apoiadores votarem.

Como é um projeto independente, o *Feito por Elas* possui uma área de apoio às produções do site. A ideia do financiamento coletivo serve para cobrir os custos com a produção do projeto, seja para gastos com a própria equipe, como domínio, hospedagem, edição e deslocamentos. O intuito é que elas continuem com a criação de conteúdo de qualidade. As formas de financiamento coletivo são pelos sites Padrim⁹⁶, Catarse⁹⁷ e o Patreon⁹⁸. Para os apoiadores do financiamento coletivo, há um newsletter quinzenal e, para alguns outros valores de apoio, há um encontro mensal virtual. Geralmente, as atividades de produção e de

⁹⁶ Disponível em: padrim.com.br/feitoporelas. Acesso no dia 21 de dezembro de 2021.

⁹⁷ Disponível em: catarse.me/feitoporelas. Acesso no dia 21 de dezembro de 2021.

⁹⁸ Disponível em: patreon.com/feitoporelas. Acesso no dia 21 de dezembro de 2021.

organização são por conta de Isabel Wittmann, mas a equipe ajuda na colaboração do projeto, de acordo com o tempo disponível por cada uma.

Além do financiamento coletivo, o *Feito por Elas* também conseguiu uma parceria pontual com o Telecine, com dicas de filmes feitos por mulheres que estavam disponíveis no catálogo, assim como spots anunciados no início do programa. Algumas parcerias eventuais, como sorteios de DVDs, camisetas e assinaturas de streamings também aconteceram durante a trajetória do site. Em relação à ideia da aceitação de conteúdos patrocinados em portais independentes, Isabel explica:

A gente aceitaria, obviamente, até porque realmente esse aspecto da produção de conteúdo é muito difícil, pensando que a gente doa essas horas de trabalho basicamente, né? O que a gente consegue no financiamento coletivo cobre os nossos custos de produção, mas não nos remunera efetivamente. Então, o nosso compromisso é sempre no sentido da qualidade do conteúdo, né? [...] Mas claro que entram questões pessoais e políticas, né? Nós somos um *podcast* que é marcadamente feminista e também marcadamente de esquerda (WITTMANN, 2021).

Atualmente, o *Feito por Elas* conta com o portal de notícias, o podcast e perfis nas seguintes redes sociais: Instagram, Facebook, Twitter, Spotify e um grupo no Telegram. No portal, as editorias que estão em vigência no momento são as de "Podcasts", "Críticas", "Blogs", "Colunas", "Indicações", "Notícias" e "Entrevistas", como pode ser observado a seguir:

Figura 2 - Página inicial do portal Feito por Elas



Fonte: Reprodução/Feito por Elas

O site surgiu apenas em março de 2019 para agregar os conteúdos publicados nas redes sociais do projeto. Nele, são contidas as análises críticas, as indicações, as notícias e as entrevistas relacionadas ao universo cinematográfico. Além disso, o Feito por Elas trabalha em outras frentes: no Twitter e no Facebook, as criadoras produzem notícias e notas sobre temas relacionados à mulher no cinema; à cobertura de eventos, festivais e premiações; à televisão; à representatividade e ao feminismo (WITTMANN, 2019). No perfil do Instagram @feitoporelas_, que conta atualmente com 6.711 seguidores, são publicadas indicações de filmes realizados por mulheres, cobertura de eventos, além de homenagens a diretoras, cineastas e roteiristas. Em rede social própria para o cinema, no Letterboxd, a equipe atribui notas para os filmes analisados, assim como são feitas listas com temas específicos.

O podcast foi o primeiro produto do projeto e, até hoje, continua sendo o destaque. Até o dia 22 de dezembro de 2021, o podcast conta com 157 episódios, em que todos possuem um recorte de gênero e abordam assuntos relacionados ao cinema e à televisão. O primeiro episódio foi ao ar no dia 2 de julho de 2016. O projeto iniciou para ser semanal, mas, atualmente, as criadoras o mantiveram de forma quinzenal.

3.3. Metodologia

Esta pesquisa tem por objetivo analisar, de forma comparativa, de que maneira a visibilidade feminina é representada nas produções das seguintes iniciativas jornalísticas independentes: *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*. Então, por meio da análise de conteúdo com abordagem qualitativa, é necessário o entendimento de como isso funciona e se é feito de maneira eficiente. A pesquisa se consolida como um estudo de caso (YIN, 2001), a partir de uma análise de conteúdo categorial (BARDIN, 2011), além de pesquisa bibliográfica sobre as temáticas de jornalismo independente e feminista, no qual são abordados livros de referência, periódicos científicos, teses e dissertações (GIL, 2017).

Outras problemáticas durante a elaboração da pesquisa foram pensadas como: Quais são as ações realizadas pelos portais que ajudam na visibilidade da mulher? Como está o cenário das iniciativas jornalísticas com perspectiva de gênero na internet no Brasil? E quais são as relações dos portais com os estudos de jornalismo independente e jornalismo feminista?

Dentre as ações que contribuem para essa visibilidade está desde a divulgação de produções realizadas por mulheres em filmes, como dados importantes sobre a presença feminina em atuações, produções e direções de longas e curtas metragens no Brasil e no mundo, sejam essas produções de orçamento limitado ou não. Dados que, na maioria das vezes, não são

divulgados pela grande mídia. Por isso, esses portais podem ser espaços para que esses levantamentos sejam lidos de forma mais acessível e voltada para um público específico. Além disso, os portais buscam trabalhar com o conceito de interseccionalidade, como defendido por Kimberlé Crenshaw (2004).

Na primeira fase da pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico referente às temáticas sobre jornalismo independente e feminista, além da coleta de dados nos portais em estudo e consulta de obras de referência, documentos na internet, periódicos, etc. A partir dessas leituras, o corpus da análise de conteúdo foi definido⁹⁹. Primeiramente, foi escolhido um período, no qual não houvesse séries de matérias exclusivas sobre grandes premiações, como o Oscar, por exemplo. Então, o período de recorte foi entre os meses de agosto a outubro. Para o *Mulher no Cinema*, os materiais consultados foram publicados em 2021, enquanto, para o *Feito por Elas*, as produções foram redigidas em 2020. Essa diferença de um ano surgiu devido à falta de conteúdos produzidos pela segunda iniciativa durante o ano de 2021.

Na fase analítica, é realizada uma análise qualitativa categorial (BARDIN, 2011), a partir dos textos selecionados dos dois portais escolhidos, buscando compreender em que medida os mesmos podem potencializar a visibilidade das mulheres que atuam na indústria cinematográfica no Brasil e no exterior. Para selecionar o corpus, procuramos um período de meses em que as publicações não sejam totalmente centradas em premiações do mercado hollywoodiano. Então, ao fazer uma análise, inicialmente, de forma observatória, foram definidos os meses de agosto a outubro, porém no portal *Mulher no Cinema* foram escolhidos publicações mais recentes, de 2021, e no portal *Feito por Elas* foram definidas matérias do ano de 2020, quando possuía um maior uso do site. Ao extrair os textos, utilizamos conceitos e discussões que foram encontradas na revisão e na literatura a respeito de gênero e representação midiática em iniciativas jornalísticas independentes. Então, em primeiro lugar, percebemos um recorte de gênero em todas as matérias, no qual são publicações que utilizam a mulher como protagonista. Além disso, em alguns trechos, encontramos a busca pela visibilidade e diversidade nas matérias. A visibilidade surgiu como uma forma de mostrar dados e levantamentos que são descritos nas matérias sobre a invisibilidade da representação feminina na indústria cinematográfica, principalmente para as mulheres trans e negras. Enquanto a

⁹⁹ Antes da definição do corpus da análise de conteúdo, foi feito um teste com uma pequena amostra que incluía cinco publicações no Instagram, assim como outras cinco matérias disponíveis de cada portal. Inicialmente, as categorias encontradas para o portal *Mulher no Cinema* foram: *mulher como protagonista, visibilidade, linguagem inclusiva, agenda da indústria cinematográfica e elementos interativos*. Enquanto, na amostra de teste do portal *Feito por Elas* foram encontradas as categorias: *mulher como protagonista, visibilidade, agenda da indústria cinematográfica, diversidade e análise crítica*. Após essa pequena amostra, foi decidido trabalhar com uma análise de corpus maior, que consiste em 25 matérias do *Mulher no Cinema* e 15 matérias do *Feito por Elas*.

questão da diversidade se manifestou por meio da divulgação de filmes com diferentes nacionalidades e temáticas abordadas. Em consequência, a pesquisa agrupou os elementos em comum para formar, assim, cinco categorias para cada portal, procurando compreender os dados que se encontram em maior destaque. As informações foram examinadas para identificar temas em comum, sejam tópicos, ideias ou padrões de significado repetidos (CAULFIELD, 2019). As tabelas foram criadas pela ferramenta do Google Docs. Em seguida, a pesquisa realiza uma breve análise comparativa entre essas categorias encontradas por cada portal. Foram identificadas as semelhanças e diferenças sobre a abordagem de conteúdos, a periodicidade e as formas.

Além da análise de conteúdo, também entrevistamos as criadoras dos portais *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*, Luísa Pécora e Isabel Wittmann, respectivamente. A motivação da conversa surgiu pela busca de entender melhor como funciona a rotina das iniciativas, os seus principais objetivos e a opinião delas em relação à representatividade da mulher na imprensa e no mercado cinematográfico. Em alguns momentos, serão aplicados trechos da conversa para justificar a análise. Também, na análise, serão aplicados brevemente resultados de mecanismos de busca, como o Google, para visualizar se as publicações de entrevistas e matérias contribuem para a visibilidade das mulheres e de suas histórias. Ao aplicar a palavra-chave na ferramenta, observamos se aquela mulher ou longa-metragem está entre os principais resultados.

Em suma, esta monografia utiliza como modelo metodológico o estudo de caso, aplicando diferentes métodos, como entrevistas, documentos, mecanismos de busca, análise de conteúdo e análise comparativa. A seguir, serão detalhados os procedimentos metodológicos. Então, na busca pela eficiência desta pesquisa, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como abordagem a análise qualitativa, que pode ser definida como: “a presença ou a ausência de uma característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomada em consideração” (BARDIN, 2011, p. 27).

3.3.1. Estudo de caso

Com o intuito de esclarecer as questões geradas pela pesquisa, e, ainda, mediante a exposição da necessidade de se aprofundar no assunto, um dos métodos a ser utilizado será o estudo de caso. A técnica de pesquisa foi escolhida como uma estratégia de pesquisa abrangente (Yin, 2001), a fim de explorar com profundidade os portais, obtendo resultados mais consistentes para análise e interpretação.

Para esta pesquisa, o referencial teórico acerca do estudo de caso será a obra indispensável de Yin (2001), intitulada “Estudo de Caso: Planejamento e Métodos”. O autor realiza um profundo detalhamento do assunto, explanando etapas de planejamento, análise e exposição de ideias. Também será utilizada a pesquisa de Stake (1994, *apud* DUARTE, 2010¹⁰⁰) para complementar as principais questões teóricas discutidas por Yin (2001). O método busca compreender fenômenos individuais, sociais, organizacionais e políticos, além de serem aplicados de maneira extensiva em pesquisas nas ciências sociais (YIN, 2001).

De acordo com Yin (2001, p. 32), o estudo de caso é: "uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas". Ao utilizar esse método, é necessário ficar atento às problemáticas colocadas na investigação. Questionamentos que buscam responder o "como" e o "por que" são avaliados como mais explanatórias pelo autor (YIN, 2001). Stake (1994, p. 236, *apud* DUARTE, 2010), diferente de Yin (2001) define o estudo de caso como uma "escolha do objeto a ser estudado", não considerando como uma escolha metodológica. Além disso, para Stake (1994, *apud* DUARTE, 2010), o objeto a ser estudado não deve ser uma generalidade, mas sim algo "específico funcional", a exemplo deste último seriam uma pessoa ou uma sala de aula. Dessa forma, segundo o autor, estudos que se identifiquem como objetos seriam, independente da metodologia utilizada, classificados como estudo de caso.

Segundo Yin (2001), o diferencial do estudo de caso está na ampla coleta de evidências, que podem se manifestar de seis fontes diversas: documentos, entrevistas, registros em arquivo, artefatos físicos e observações. Porém, filmes, fotografias e testes psicológicos também podem ser exemplos de fontes possíveis. Independente das fontes de evidências utilizadas, há três princípios de coleta de dados (YIN, 2001): a.) aplicação de uma ampla variedade de fontes, e não somente uma; b.) elaboração de um banco de dados para o método de pesquisa; c.) manutenção de conexões de evidências.

No caso desta pesquisa, serão utilizados como fontes de evidências documentos, a partir de recortes das produções jornalísticas realizadas pelos portais, além de entrevistas feitas com cada criadora dos sites *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*. A seguir, terá um detalhamento sobre cada fonte usada.

Para chegar aos portais, foi utilizado o Mapa do Jornalismo Independente, desenvolvido pela Agência Pública, bem como o uso de pesquisas similares, que tratavam de

¹⁰⁰ STAKE, Robert E. **Case studies**. In: ; LINCOLN, Yvonna S. (Org.). Handbook of qualitative research, 1994. p. 236-247.

iniciativas e ações femininas independentes e feministas no audiovisual brasileiro (SANTOS; TEDESCO, 2017; WITTMANN, 2019). Foram utilizados os seguintes critérios: 1.) iniciativa que tenha como foco o cinema e os estudos de gênero; 2.) que seja independente e faça uso de financiamento coletivo. Dessa forma, foram identificados os portais *Mulher no Cinema*, de Luísa Pécora, e *Feito por Elas*, de Isabel Wittmann.

De acordo com Yin (2001), ao definir as problemáticas e os objetos a serem estudados, é iniciada a fase de preparação para a coleta de dados. Neste contexto, são necessárias habilidades específicas do pesquisador, treinamento e preparação, desenvolvimento de um protocolo e a condução de um estudo-piloto. Entre as habilidades desejadas do pesquisador ou da pesquisadora, segundo Yin (2001), estão: a.) ser capaz de realizar boas perguntas; b.) ser bom ouvinte; c.) ser capaz de encarar novas situações como oportunidades; d.) ter noção clara das questões estudadas; e.) ser imparcial em relação a noções preconcebidas.

Dessa forma, a pesquisa busca seguir algumas dessas habilidades específicas descritas por Yin (2001) durante a coleta dos dados, a realização das entrevistas com as fundadoras dos portais e a análise dos materiais selecionados.

3.3.1.1. Documentos

As informações documentais são instrumentos necessários em todos os tópicos do estudo de caso (YIN, 2001). Esse tipo de fonte de evidência pode aparecer de diversas formas, além de ser considerado obrigatório na coleta de dados. Alguns dos exemplos de documentos estão: cartas, memorandos, agendas, avisos, documentos administrativos, estudos, recortes de jornais e outros artigos publicados na mídia.

A primeira fase da pesquisa incluiu levantamento bibliográfico referente ao jornalismo independente e feminista, além da coleta de dados nos portais em estudo e consulta de livros de referência, teses, dissertações e documentos na internet (GIL, 2017). Ao longo da pesquisa, para fazer a coleta de dados, foi utilizada uma Planilha do Google, assim como o Google Docs, para a realização da categorização de elementos, segundo a análise de conteúdo de Bardin (2011).

Os documentos podem ser importantes na busca por detalhes específicos (YIN, 2001). Para esta pesquisa em questão, também foi utilizado um recorte dos textos jornalísticos produzidos pelas criadoras dos portais *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*. O recorte será necessário para investigar como e de que maneira os portais buscam visibilizar as mulheres que

atuam na indústria cinematográfica. Além disso, também foi realizada uma entrevista com cada fundadora dos respectivos sites, como observado a seguir.

3.3.1.2. Entrevistas

Ao fazer a escolha do estudo de caso como um recorte metodológico a ser utilizado, uma das mais importantes fontes de informações são as entrevistas (YIN, 2001). Dessa forma, na busca por maior profundidade em relação à temática, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, também conhecidas como semi-fechadas (FONSECA JÚNIOR, 2010) com uma representante de cada portal a ser analisado. A primeira entrevista foi realizada com a pesquisadora Isabel Wittmann, do portal *Feito por Elas*, em formato remoto no dia 15 de outubro de 2021, e a segunda foi feita com a jornalista Luísa Pécora, do portal *Mulher no Cinema*, também de forma remota, no dia 18 de novembro de 2021. Para a gravação das entrevistas, foi pedido, inicialmente, a autorização de ambas as entrevistadas, e o aplicativo utilizado foi o OBS Studio, programa de gravação gratuito e de código aberto.

Para as entrevistas, foram realizados roteiro com perguntas similares para as entrevistadas para permitir que as respostas fossem depois comparadas. Porém, elas ainda se enquadram como semi-estruturadas, uma vez que, para cada pergunta, houve uma exploração de cada resposta até esgotar o assunto, como definido por Duarte (2010):

Uma entrevista semi-aberta geralmente tem algo entre quatro e sete questões, tratadas individualmente como perguntas abertas. O pesquisador faz a primeira questão e explora ao máximo cada resposta até esgotar a questão. Somente então passa para a segunda pergunta. Cada questão é aprofundada a partir da resposta do entrevistado, como um funil, no qual perguntas gerais vão dando origem a específicas. [...] A entrevista é conduzida, em grande medida, pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, mas ajustada ao roteiro do pesquisador (DUARTE, 2010, p.66).

De acordo com Yin (2001), para o estudo de caso, é frequente que as entrevistas sejam realizadas de uma maneira espontânea. Dessa forma, o autor descreve sobre um tipo de entrevista conhecido como focal (MERTON et al., 1990, *apud* YIN, 2001¹⁰¹), em que a entrevista acontece por um período curto de tempo, por exemplo, uma hora. Para essas entrevistas, a abordagem é mais espontânea de caráter informal, porém o entrevistador ainda segue um roteiro de perguntas. No caso desta pesquisa, foi utilizado um roteiro de entrevista de caráter semi-estruturado (DUARTE, 2010), porém a forma de abordagem foi informal, como explicado por Yin (2001). Segundo o autor, um dos objetivos desse tipo de entrevista é

¹⁰¹ Merton, Robert K. et al. **A entrevista focada: um manual de problemas e procedimentos**, 1990.

consolidar certas informações que o entrevistador já acredita que sejam estabelecidas, permitindo que o entrevistado faça novos comentários em relação aos fatos questionados.

Entre algumas das temáticas questionadas por cada entrevistada, estão: o processo de criação do site, funcionamento do portal, desafios de se ter uma iniciativa independente, contexto profissional, formas de financiamento, representação da mulher na mídia e visibilidade feminina.

De acordo com Stake (2011), as entrevistas são utilizadas em pesquisas qualitativas por alguns dos seguintes propósitos: 1.) conseguir informações singulares ou interpretações pela pessoa entrevistada; 2.) coletar um número de informações de um grupo de pessoas; 3.) descobrir sobre alguma informação que os pesquisadores não conseguiram encontrar. No caso desta pesquisa, a entrevista, de base semi-estruturada, teve como objetivo obter informações sobre o funcionamento de cada um dos portais, assim como interpretações acerca das temáticas referentes à visibilidade feminina e jornalismo independente.

A aplicação de entrevistas como uma fonte de evidência é essencial, visto que os entrevistadores podem dar informações e interpretações relevantes para as problemáticas da pesquisa (YIN, 2001).

3.3.1.3. Mecanismos de busca

Durante a segunda etapa de análise desta monografia, utilizaremos o mecanismo de busca, o Google, para fazer pequenas localizações na *web*. A intenção, ao aplicar esse recurso, é verificar a visibilidade das mulheres que atuam na indústria cinematográfica por meio da divulgação de suas obras ou suas histórias nos portais *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*. Ou seja, na análise, em alguns casos, iremos utilizar palavras-chaves, como, por exemplo, o nome de uma diretora de cinema ou de uma atriz, na busca por identificar se aquele portal está, de fato, motivando uma visibilidade dessas mulheres. Caso, dentre as milhares de respostas de endereços, o uso da palavra-chave ocasione o aparecimento de alguma das iniciativas nos primeiros resultados da busca, a justificativa será que essa informação está sendo impulsionada por interesses, originando, portanto, uma visibilidade.

Além disso, ao aplicar a palavra-chave, ela será colocada entre aspas e, ainda, a busca será feita por meio de uma aba anônima do navegador. O objetivo é que as respostas não sejam influenciadas pelas informações do usuário, responsável pelo computador. "O resultado de uma busca é classificado e apresentado por um método conhecido como 'relevância'. Cada mecanismo de busca utiliza método próprio de classificação" (YAMAOKA, 2010). Essas

ferramentas procuram, como prioridade, a organização de conteúdos pelo maior número de acessos, apresentando os resultados de acordo com os critérios de relevância.

De acordo com Eloi Juniti Yamaoka (2010), os mecanismos de busca possuem quatro funções básicas: a.) a localização de documentos por meio do robô, conhecido por spider, agente; b.) o indexador, que extrai dados de documentos e armazena-os; c.) uma interface com o usuário; e d.) motor de procura que faz a pesquisa desejada no banco de dados. Entretanto, é importante destacar que é um método que há limitações devido ao grande volume de informação disponível na internet. Atualmente, as ferramentas de busca, por exemplo, têm dificuldades em recuperar e indexar resultados da Web, em especial, na conhecida Web oculta ou Web invisível. Algumas dessas páginas são: de rede programada, de sites protegidos, de documentos isolados na internet, além de conteúdos que ferem as políticas do provedor, como casos de pedofilia e pregação de supremacia racial, por exemplo. É importante ressaltar esses pontos, uma vez que o mecanismo de busca se manifesta nessa pesquisa somente como um complemento para os outros processos metodológicos, e não como a principal ferramenta metodológica desta monografia.

3.4. Análise de conteúdo: conceitos e método

Com o objetivo de compreender os elementos que constituem os portais analisados e como são utilizadas as categorias nas suas produções, a Análise de Conteúdo (AC) foi um dos métodos escolhidos para a pesquisa. Esse método está presente desde as primeiras pesquisas da *communication research* até aos trabalhos sobre o advento das novas tecnologias, demonstrando, assim, grande capacidade de adaptação às transformações no setor da comunicação (FONSECA JÚNIOR, 2010).

Há estudos que mostram que o método vem sendo aplicado, pelo menos, desde o século XVIII, quando foi realizada uma análise de uma coleção de hinos religiosos, intitulados *Os cantos de Sião*, na Suécia (FONSECA JÚNIOR, 2010; BARDIN, 2011). Em relação à história da imprensa e da mídia, o estadunidense H. Lasswell foi o primeiro a fazer análises de propagandas (BARDIN, 2011). Seu livro “Propaganda Technique in the World War”, publicado em 1927, foi considerado um marco inicial para a adoção regular do método de análise, assim como serviu de base para pesquisas acerca da Primeira e Segunda Guerra Mundiais

(HERSCOVITZ, 2007, *apud* SCHANDER, 2021¹⁰²). De acordo com Bardin (2011), atualmente, a Análise de Conteúdo (AC) é definida como:

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplica a "discursos" (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum dessas técnicas múltiplas e multiplicadas - desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos - é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência (BARDIN, 2011, p. 15).

Para Krippendorff (1990, *apud* FONSECA JÚNIOR, 2010¹⁰³), a Análise de Conteúdo busca do pesquisador ou da pesquisadora as seguintes referências: a.) os dados: esses são elementos básicos da metodologia, sendo necessário a clareza de como foram definidos e extraídos; b.) o contexto dos dados: é preciso definir e explicitar o contexto dos dados, de acordo com as convenções e problemas de cada disciplina; c.) o conhecimento do pesquisador: os conhecimentos e interesses do pesquisador podem determinar a construção do contexto, realizando, assim, as suas inferências; d.) o objetivo da análise de conteúdo: deve ser tratado com clareza o objetivo ou finalidade das inferências; e.) a inferência como tarefa intelectual básica: toda análise de conteúdo consiste em relacionar os resultados dos dados com outros elementos de seu contexto; f.) a validade como critério de sucesso: é importante a estabilização de critérios para validação dos resultados, a fim de comprovar se as inferências são exatas. Dessa forma, para este trabalho, serão utilizados esses elementos de referência definidos por Krippendorff (1990, *apud* FONSECA JÚNIOR, 2010).

A autora Bardin (2011) estruturou o método de Análise do Conteúdo em cinco fases: 1.) organização da análise; 2.) a codificação; 3.) a categorização; 4.) a inferência; e 5.) a informatização da análise das comunicações. No caso desta pesquisa, foram utilizados como base essas cinco etapas. Para esta pesquisa, a orientação metodológica, definida pela francesa Laurence Bardin (2011) em seu livro "Análise de Conteúdo", foi o principal referencial teórico escolhido. Segundo Bardin (2011), o processo de análise está organizado em torno de três fases cronológicas: 1.) a pré-análise; 2.) a exploração do material; 3.) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. O objetivo da análise é, de forma qualitativa, compreender as características das produções analisadas para posteriormente construir a mensuração, comparação e interpretação.

¹⁰² HERSCOVITZ, Heloiza. **Análise de conteúdo em jornalismo**. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007.

¹⁰³ KRIPPENDORFF, Klaus. **Metodología de análisis de contenido**. Barcelona: Paidós, 1990.

A pré-análise é entendida como a fase de organização, em que o objetivo é tornar operacional as ideias iniciais da pesquisa. Essa etapa possui, no geral, algumas finalidades, como: determinar os documentos a serem analisados; formular as hipóteses e os objetivos; e, por fim, elaborar os indicadores que comprovem a interpretação decorrente (BARDIN, 2011).

Então, nesta fase foi realizada a organização do material e leitura dos textos produzidos pelos portais *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*. Além disso, foi realizada a escolha da quantidade de produções a serem analisadas de cada um dos portais, bem como o período de análise. Para isso, o recorte do corpus foi constituído por meio da regra da pertinência, defendida por Bardin (2011), que significa que “os documentos retidos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise” (BARDIN, 2011, p. 117).

Neste contexto, o objetivo da pré-análise é compreender os elementos identificados na produção dos materiais dos portais, para que, na segunda etapa de análise, seja entendido de que maneira os portais podem contribuir para a visibilidade feminina presente na indústria cinematográfica. Diante das leituras do *corpus* estabelecido, do contexto dos dados, os elementos que orientavam as principais características dos produtos independentes foram desmembrados e agrupados em unidades de registro, por meio das características semelhantes que esses apresentavam.

Para a coleta dos dados, foram escolhidas produções que não estivessem relacionadas com assuntos de grande relevância e repercussão na mídia, especialmente, nos veículos de comunicação tradicionais. A justificativa desta escolha tem como objetivo analisar a seleção dos materiais de ambos portais, sem a interferência de grandes acontecimentos, a fim de entender como é feita a visibilidade da mulher. Inicialmente, foi realizada uma pequena amostra com publicações do Instagram e de matérias de cada respectivo portal. Porém, foi decidida a análise de 25 matérias do portal *Mulher no Cinema*, distribuídas entre os meses de agosto a outubro de 2021. Não foram escolhidas matérias produzidas na categoria "TV" do site *Mulher no Cinema*, uma vez que a prioridade são produções jornalísticas sobre longas-metragens. No período selecionado, entre agosto a outubro, não tiveram matérias nas seções de "Críticas" e "Em cartaz" e "Agenda", devido ainda a adoção de medidas de combate ao coronavírus. Enquanto isso, para o portal *Feito por Elas*, foram escolhidas 15 matérias do site entre o período de agosto a outubro do ano de 2020, sendo que cinco destas publicações incluem textos resumidos sobre os episódios de podcast e áudios disponibilizados no *SoundCloud*, plataforma online de áudio. Diferente do ano do material coletado no *Mulher no Cinema*, as produções do *Feito por Elas* foram escolhidas em 2020, devido à insuficiência de matérias em

texto escrito realizadas em 2021, visto que a iniciativa buscou focar apenas na produção de conteúdo para o podcast. Também há uma diferença numérica em relação à quantidade de matérias consultadas por ambos os sites. Enquanto o *Mulher no Cinema* possui um total de 25 produções, o *Feito por Elas* contou apenas com 15 matérias. A justificativa se deu, pois tínhamos como principal intuito a escolha do período de agosto a outubro, no qual são períodos em que não há muita divulgação de grandes eventos e premiações do cinema internacional, como o Oscar. Além disso, durante o recorte entre os meses de agosto a outubro de 2020, foram retiradas das análises do *Feito por Elas* as matérias sobre a 44ª Mostra de São Paulo e os episódios de podcast sobre a série *Fleabag*, uma vez que foram uma coletânea de séries especiais produzidas sobre essas temáticas pelo portal no período do recorte delimitado, o que poderia implicar na análise do conteúdo, já que são matérias similares.

Em relação à segunda fase, a exploração do material consiste em operações de codificação, decomposição ou enumeração, a partir de medidas que foram previamente elaboradas. No caso da terceira fase, os resultados são entendidos "de maneira a serem significativos" (BARDIN, 2011, p. 131). É nessa última etapa que são feitas as provas de validação a fim de chegar nas conclusões do material coletado para análise.

Nesta pesquisa, é aplicada a análise de conteúdo de tipo categorial e temática. Ela busca desmembrar o texto em unidades, com o objetivo de agrupá-las em um número de categorias reduzidas (FONSECA JÚNIOR, 2010). A técnica é mais antiga e, na prática, é a mais utilizada (FONSECA JÚNIOR, 2010; BARDIN, 2011). Entre as diversas formas de categorização, encontra-se também a análise temática, que é rápida e eficaz (FONSECA JÚNIOR, 2010).

3.5. Análise comparativa

Para este método, não há uma nomenclatura definida, podendo ser chamado de "estudo comparativo", "análise comparativa" ou "direito comparado" (REBOUÇAS; MARQUES; LEITE, 2016). De acordo com os autores, essa técnica é intitulada de pesquisa comparativa, em que o principal objetivo da metodologia é a ação de comparar.

A comparação, enquanto momento da atividade cognitiva, pode ser considerada como inerente ao processo de construção do conhecimento nas ciências sociais. É lançando mão de um tipo de raciocínio comparativo que podemos descobrir regularidades, perceber deslocamentos e transformações, construir modelos e tipologias, identificando continuidades e descontinuidades, semelhanças e diferenças, e explicitando as determinações mais gerais que regem os fenômenos sociais (SCHNEIDER; SCHMITT, 1998, p.1).

De acordo com Gil (2012, *apud* REBOUÇAS; MARQUES; LEITE, 2016¹⁰⁴), na medida em que esses métodos esclarecem acerca dos procedimentos técnicos a serem utilizados, proporcionam ao pesquisador os meios adequados para garantir a objetividade e a precisão no estudo de ciências sociais. Dentre esses métodos de procedimentos estão o método histórico, o método estatístico, o estudo de caso e o método comparativo.

Para responder ao problema de pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico dos conceitos inerentes ao tema, usado também para embasar a análise comparativa das categorias levantadas na análise de conteúdo nas produções selecionadas junto aos portais supracitados, que produzem matérias de divulgação da indústria cinematográfica do Brasil e do mundo.

Dessa forma, o objetivo da pesquisa foi analisar comparativamente de que maneira os materiais selecionados foram utilizados como ferramenta de visibilidade feminina por meio de análise das produções dos portais *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*. Então, serão comparadas as semelhanças e diferenças entre os códigos agrupados para a formação das categorias, além das dissemelhanças de produções de cada portal. Não serão comparados os conteúdos em relação às formas, por exemplo.

Vale ressaltar que há uma diferença quantitativa entre as publicações, que ocorre devido à uma diferença de periodicidade entre as produções publicadas nos meses de agosto a outubro pelos portais. É importante também destacar que há uma diferença em relação ao ano de publicação das matérias, enquanto trabalharemos com um recorte de 2021 no *Mulher no Cinema*, em *Feito por Elas* esse recorte será nos meses de 2020. Isso aconteceu, como já explicado anteriormente, devido ao conteúdo do *Feito por Elas*, no portal, ser dedicado para o compartilhamento dos episódios produzidos no podcast. E, além disso, o período de agosto a outubro é um dos mais essenciais para analisar, visto que são períodos em que não há um enfoque exclusivo para grandes premiações do cinema internacional. Nesta pesquisa, vale destacar que essa diferença entre a periodicidade das publicações e também entre quantidade de materiais consultados foram, inclusive, limitações indicadas nesse processo de comparação entre os dois portais.

¹⁰⁴ GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**, 2012.

3.6. Códigos presentes nos conteúdos dos portais *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*

Após a conclusão da pré-análise, vista na análise de conteúdo por Bardin (2011), é iniciada a fase de exploração do *corpus* selecionado, no qual inclui 40 textos, sendo 25 matérias do *Mulher no Cinema* e outras 15 publicações do *Feito por Elas*. Neste contexto, foi produzida uma tabela com os principais códigos/elementos encontrados em comum nas matérias consultadas. O objetivo é investigar os temas e os padrões similares de cada portal para, assim, entender se esses contribuem para a visibilidade feminina na indústria cinematográfica e se é feita de maneira eficiente. Nos apêndices desta pesquisa, é encontrada a tabela com os códigos em comum encontrados nas matérias do portal *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*. A seguir, é disponibilizada as tabelas com a última etapa da análise categorial, em que se consiste na formação das categorias. Nela, foram identificados padrões em comum, foi transformado os códigos em categorias (CAULFIELD, 2019), como pode ser observado a seguir:

Quadro 1 - Códigos presentes no site *Mulher no Cinema* organizados em categorias

| Categorias definidas | Códigos recomendados (unidades de registro) agrupados por aproximação |
|---------------------------------|---|
| <i>Mulher como protagonista</i> | Diretora belga Mini biografia sobre a autora Fontes de mulheres Outros filmes feitos por mulheres no streaming Evento com perspectiva de gênero Homenagem a uma cineasta Divulgação de obras feitas por uma diretora Fontes e vozes de mulheres Presença potencializada de mulheres em premiação Divulgação dos filmes feitos por mulheres Curtas e documentários brasileiros dirigidos por mulheres Divulgação dos nomes das mulheres indicadas ao prêmio Diretora neozelandesa Fonte feminina Divulgação de outras séries centradas em mulheres Diretora franco-libanesa Cineasta neozelandesa Atriz espanhola Filme feito por mulher Direção feminina Mini biografia sobre a diretora Fonte de mulheres Outros filmes dirigidos por mulheres Diretoras mulheres Entrevista em texto com duas cineastas Entrevista com produtora cinematográfica Fonte mulher |

| | |
|---------------------|--|
| | <p>Fortalecimento da mulher em espaços de ação Diretora de cinema da Arábia Saudita Primeiro longa-metragem dirigido por uma mulher na Arábia Saudita Retratar a história real das mulheres Encorajar mulheres Diretora australiana Primeiro longa-metragem da diretora Filme de olhar feminino e empoderador Biografia da diretora brasileira Três gerações de mulheres Transformações da protagonista Fonte mulher Mulher diretora brasileira Cineasta brasileira Longa-metragem sobre histórias de ativistas Presença de mulheres no cinema Performances das atrizes Filme com foco na figura feminina Filmes dirigidos e codirigidos por mulheres Filme de Istambul com foco na figura da mulher Variedade do trabalho das mulheres no cinema Documentário brasileiro com foco em artistas femininas Filme com mulher como protagonista Autobiografia sobre cineasta belga Diretora brasileira Filme dirigido por cineasta brasileira premiada Curta de ficção dirigido por brasileira Filme dirigido por brasileira Documentário feito por cineasta brasileira Cineasta belga História sobre mulheres latino-americanas Longa de estreia de diretora americana Recente longa de diretora americana Curta independente de cineasta neozelandesa Filme com foco na mulher em Israel Drama iraniano com foco na figura da mulher Longa-metragem por diretora francesa Primeira mulher negra a ganhar a categoria como roteirista Escritora, diretora, produtora e atriz inglesa Cineasta saudita Outras produções cinematográficas da cineasta</p> |
| <i>Visibilidade</i> | <p>Presença de filmes não-mainstreams Uso de entrevista em vídeo Estatísticas e levantamentos da representação de mulheres nas categorias Primeira vez mulheres sendo premiadas nas categorias de direção de série dramática e de comédia. Presença LGBTQI+ Presença de interseccionalidade Visibilidade de prêmio para mulheres Interseccionalidade Presença de parceria com Mostra Amotara, de mulheres indígenas Presença de filmes indígenas Fim de estereótipos raciais</p> |

| | |
|---|--|
| | <p> Interseccionalidade Visibilidade de longas nacionais Pôr fim a estereótipos Interseccionalidade (cursos de gênero e raça no Brasil) Fortalecimento da participação plural Repercussão/Visibilidade internacional Levantamentos/pesquisas sobre a desigualdade de gênero Direitos das mulheres Promover mudanças Fim de estereótipos Filme queer Fim de narrativas hiperssexualizadas Temática lésbica Festivais de cinema LGBTQIA+ Invisibilidade de histórias de jovens mulheres queer Presença de interseccionalidade (outras opressões: racismo, o classismo, os preconceitos relacionados à orientação sexuais) Visibilidade história Filme com base em mulheres pouco conhecidas durante a ditadura militar Presença de mulheres negras no cinema Visibilidade de filmes/documentários de mulheres de diversas nacionalidades Documentário sobre mulheres negras na política Obras com acessibilidade Pluralidade de vozes Visibilidade do trabalho de diretoras brasileiras Filme francês com foco na mulher e em questões raciais Filme de diretora americana com temática LGBTQIA+ Diversificação de diretoras, de gêneros e de nacionalidades Cinema independente de baixo orçamento Cinema brasileiro independente Filme com questões raciais Desafios da visibilidade de mulher negra no cinema Divulgação com exclusividade Presença de cinema independente </p> |
| <p><i>Diversidade de narrativas</i></p> | <p> Diversidade de nacionalidade Longa pernambucano Longa-metragens gaúchos Diversidade de nacionalidades Fontes diversificadas e equitativas Diversidade de gêneros e temáticas Diversidade de nacionalidade Pressão social na Arábia Saudita Longa-metragem passa na Austrália Longa-metragem em que passa na adolescência Temáticas sobre impacto da tecnologia e das fake news Reflexão sobre as relações familiares Aborda a repressão das mulheres Questões ligadas aos direitos humanos Questões religiosas Violência de regimes ditatoriais Questões raciais Realidade do Brasil no governo atual Presença de países latino-americanos </p> |

| | |
|--|--|
| | <p>Divulgação de filme indígena com foco na mulher Divulgação de documentário sobre minoria muçulmana Filmes não-mainstreams Filme do sul de Taiwan Documentário sobre casamento forçado Documentário por diretora mulher sobre pessoas em situação de rua Filme com temática de relacionamento abusivo Temática de mulheres grávidas no sertão pernambucano Padrões de dominação patriarcal e violência sexual em mulheres africanas Documentário que se passa no Níger, que contém temáticas de racismo e classismo Curta-metragem brasileiro dirigido por mulher sobre ditadura Filme de cineasta brasileira sobre a importância da cultura oral Longa de diretora brasileira que aborda o contexto político e social do País Longa com temática ligada à juventude Temáticas de relacionamento tóxico e crise de identidade Temáticas de abuso sexual, racismo e homofobia</p> |
| <p><i>Subjetividade no discurso jornalístico</i></p> | <p>Notícia histórica Levantamento sobre as edições do Emmy Crítica à premiação Emmy Contextualização com perspectiva de gênero e com mirada crítica Presença crítica em texto Aprofunda debate Crítica ao governo de Jair Bolsonaro Falta/insuficiência de políticas públicas Pandemia e a falta de investimentos no setor pelo governo Bolsonaro Barreiras encontradas por ser mulher no cinema Debate sobre regionalização da produção audiovisual no Brasil Contextualização Crítica à alta presença de homens na indústria cinematográfica Reflexão a problemas sociais Empregabilidade de profissionais de diferentes regiões Falta de incentivo a políticas públicas no governo Bolsonaro Crítica a reflexos de uma sociedade conservadora e patriarcal Fim de opressões e preconceitos Preservação do filme para a memória da cultura brasileira Negligências do governo federal Apagamento de mulheres artistas Racismo estrutural em mulheres Crítica a premiação do Globo de Ouro Fim de preconceitos e estereótipos na sociedade conservadora;</p> |
| <p><i>Agenda cinematográfica</i></p> | <p>Plataforma brasileira de streaming - pouco conhecida</p> |

| | |
|--|--|
| | <p> Divulgação de filmes estrangeiros Dicas de filmes Promover mulheres Pauta de serviço Programação de Festival sobre Audiovisual Festival de cinema brasileiro Parcerias Divulgação de oficina Agenda Premiação de cinema brasileiro Filmes não-mainstreams Premiação internacional Série mainstream Séries internacionais Premiação internacional Série internacional Lista de mulheres que venceram as categorias da premiação Premiação internacional Festival de cinema internacional Sinopse do filme Divulgação de filmes Estreia de longa-metragem Lista das mulheres premiadas no Festival Festival de cinema nacional Entretenimento/Curiosidade (SILVA, 2014) Filmes nacionais Festival internacional Pauta de serviço, divulgação de evento online e gratuito Curtas metragens indígenas Curtas brasileiros Filmes não-mainstream Contextualização sobre o filme Curtas-metragens internacionais/estrangeiros Longa-metragem brasileiro Evento gaúcho de cinema Filme com baixo orçamento Processos da construção do filme Pauta de serviço Festival de Gramado Evento nacional Divulgação de formas de transmissão Divulgação de filme brasileiro Mini sinopse do filme Programação do Festival Filmes nacionais Curtas de baixo orçamento Filme brasileiro de pouco orçamento Produção audiovisual no Brasil Filmes de baixo orçamento Filme indicado a premiação Presença do filme em salas de cinema no Brasil Contextualização do filme Processo do filme Filme com orçamento limitado Filme nacional Festival de Gramado Divulgação das plataformas de streaming Processos do roteiro </p> |
|--|--|

| | |
|--|---|
| | Filme se passa no Rio Grande do Sul Longa-metragem brasileiro Processo de construção do filme Presença do filme em streamings Filme de baixo orçamento Locação do filme Referências e inspirações Combinação de ficção com documentário Mostra de São Paulo Pauta de serviço Festival em formato híbrido Exibições em plataforma de serviço de streaming Programação gratuita Dicas de filmes para streamings Divulgação de diferentes gêneros do cinema Festival Internacional de Curitiba Evento de cinema independente Pauta de serviço Programação online Produções nacionais e estrangeiras Dicas de filmes dirigidos por mulheres no Festival Dicas de filmes nos streamings Filme dirigido por ganhadora de Oscar Pauta de serviço Filme premiado Trailer divulgado com exclusividade Pauta sobre estreia de filme Premiação Emmy Pauta de serviço Estreia de longa da Arabia Saudita nos cinemas brasileiros |
|--|---|

Fonte: A autora (2022)

Na próxima tabela foram categorizados os códigos encontrados em comum nas respectivas matérias e produções do site *Feito por Elas*. As categorias definidas foram similares às analisadas no portal *Mulher no Cinema*.

Quadro 2 - Códigos presentes no site *Feito por Elas* organizados em categorias

| Categorias definidas | Códigos presentes (unidades de registro) agrupados por aproximação |
|---------------------------------|--|
| <i>Mulher como protagonista</i> | Mulher como protagonista do filme Cineasta e roteirista francesa Produtora e diretora estadunidense Presença de protagonismo feminino Filme com foco na mulher Diretora estadunidense Diretoras brasileiras Filmes dirigidos por mulheres Protagonistas femininas Temáticas de lutas enfrentadas pelas mulheres Experiência feminina Direção francesa Longas roteirizados por mulheres Cineasta chinesa |

| | |
|----------------------------------|--|
| | <p>Programa apresentado por mulheres Filme roteirizado por mulher Dirigido por atriz e cineasta francesa de origem senegalesa Cineasta e atriz Cineasta Protagonismo feminino Mulher como protagonista Dirigido por mulher</p> |
| <i>Visibilidade</i> | <p>Filme que expõe permanência de preconceitos de classe, gênero e raça Iniciativa feminista #MeTooBrasil Temática LGBTQIA+ Temas de violência vividas por pessoas trans Filme de protagonismo feminino negro Temas como racismo, violência doméstica e política Questões de religião Invisibilidade de mulheres roteiristas dentro do mercado cinematográfico Dados/levantamentos sobre mulheres roteiristas Marco na história do cinema estadunidense Adolescentes com deficiência Temas pouco abordados</p> |
| <i>Diversidade de narrativas</i> | <p>Imagem da beleza da mulher Temáticas de sexo e drogas Juventude feminina Mudanças de comportamento feminino Temáticas relacionadas à melancolia e à sensação de perigo Filme de romance estadunidense Temas de relacionamento afetivo Diversidade de nacionalidades Laços de amizade Filme que se passa no Vietnã Relação entre Hong Kong e China Filme anti-comunista Drama romântico com sobrenatural Temas de questões pós-coloniais e capitalismo tardio em Senegal Temas relacionados à política Presença da ditadura na Espanha Temas relacionados à independência, amizade, relacionamentos afetivos e vício em redes sociais Questões relacionada à juventude Temas entre medo e o desejo</p> |

| | |
|---|--|
| <i>Subjetividade no discurso jornalístico</i> | Análise crítica Contextualização Linguagem em primeira pessoa Identificação pessoal com a história Crítica à falta de direção feminina em filmes de franquias Crítica de filme Evita estereótipos Texto em primeira pessoa do plural Texto em primeira pessoa do singular Marca uma opinião Texto informal Gírias Texto em primeira pessoa Assume um ponto de vista Linguagem inclusiva |
| <i>Agenda cinematográfica</i> | Filme estrangeiro Cinema independente Filme com baixo orçamento Referências a outros filmes Elementos complementares do filme Festival de Curitiba Pauta de serviço Transmissão online Filme de orçamento limitado Dicas de filmes sobre mulheres Parceria Parceria paga com streaming Dicas de filmes Longa mainstream Mudança na ficção científica Filme indicado ao Oscar Longa disponível no streaming Festival de Veneza Filme premiado Filme de baixo orçamento Filme independente Anime independente Indicação Misto de documentário com ficção Indicação de filme Disponível em streaming Cinema independente Documentário premiado |

Fonte: A autora (2022)

De acordo com a análise categorial de Bardin (2011), assim como o estudo de análise temática de Caulfield (2019), foram definidas cinco categorias para os portais *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*. A seguir, serão apresentadas de forma detalhada as categorias para, no próximo capítulo, continuar com a análise.

3.6.1 Mulher como protagonista

Dentre os códigos em comum consultados nas produções, foi encontrada a presença da mulher como protagonista nas matérias veiculadas pelos portais *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*. Essa figura feminina aparece desde notícias relacionadas a atrizes do cinema *mainstream* estadunidense, como também textos e entrevistas com diretoras de cinema independente. A categorização confirma a missão e os objetivos principais dos portais que são de compartilhar produções cinematográficas realizadas por mulheres, que estejam dentro ou fora das telas. A perspectiva de gênero nas produções dos portais é um diferencial do que é observado nas grandes iniciativas jornalísticas de entretenimento, a exemplo do Omelete¹⁰⁵. É possível observar até mesmo nos títulos das produções. A cada festival ou premiação no âmbito do cinema, há um recorte de gênero. Exemplo disso são as matérias: "Diretoras dominam categorias de curta do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro" e "Pela primeira vez, mulheres vencem Emmy de direção de drama e comédia", do *Mulher no Cinema*. A presença feminina em grandes premiações teve destaque nessa categorização, uma vez que foram encontrados códigos referentes à presença potencializada de mulheres em premiações.

Para esta categoria, os trechos e as palavras retiradas referiam a presença feminina nas matérias, alguns dos códigos são: direção feminina, atriz espanhola, filmes realizados por mulheres, mini biografia sobre as cineastas, etc. Nas categorias a seguir serão tratadas em como se deu a visibilidade nas produções dos portais e, ainda, como é distribuída a diversidade, principalmente esta última alcançando como foco a variedade de temáticas abordadas.

Além de compartilhar produções realizadas por mulheres diretoras e roteiristas, a categoria também aparece em relação às temáticas dos longas-metragens. No material coletado, foram encontradas produções sobre documentário brasileiro com foco em artistas femininas, histórias sobre mulheres latino-americanas, drama iraniano centrado na figura da mulher, etc.

Um ponto pertinente para essa categorização é que as iniciativas estudadas destacam o trabalho realizado pelas mulheres na indústria cinematográfica, resgatando, assim, a história do cinema feminino que é invisibilizada pela grande mídia (WITTMANN, 2019). Além disso, apesar da limitação do *corpus* analisado para esta pesquisa, foi encontrada uma busca pela diversidade de mulheres representadas, em especial, de diferentes nacionalidades, buscando os princípios da interseccionalidade, que será observado nas categorias a seguir.

¹⁰⁵ Disponível em: <https://www.omelete.com.br>. Acesso no dia 11/01/2022.

3.6.2. *Visibilidade*

A segunda categoria definida é composta pelos códigos presentes associados à visibilidade. Refere-se a falta da presença das mulheres na mídia e no cinema, assim como a invisibilidade de temáticas que são pouco abordadas na grande mídia tradicional. No material consultado, foram encontradas matérias que abordam longas-metragens, em especial aqueles independentes, de baixo orçamento, que expõem a permanência de preconceitos de classe, gênero e raça. Também foram encontradas temáticas de iniciativa feminista, como, por exemplo, a #MeTooBrasil¹⁰⁶, campanha brasileira que incentiva vítimas a compartilharem depoimentos e desabafos sobre violências e abusos sexuais silenciados.

A categorização também parte da presença dos princípios da interseccionalidade, quando minorias se duplicam ou triplicam. Alguns dos filmes ou conteúdos abordados pelos portais foram sobre opressões, como: racismo, classismo e preconceitos relacionados à orientação e à identidade sexual. Dentre os códigos encontrados que se identificam com essa busca por visibilidade de minorias, estão: temáticas LGBTQI+, presença de temas sobre juventude de pessoas com deficiência, obras com acessibilidade, mulheres em posição de destaque, protagonismo negro, etc. A presença da visibilidade do cinema independente, ou seja, aquele de orçamento limitado, também é presente nos materiais consultados, principalmente no portal *Mulher no Cinema*. Dessa forma, foram divulgados filmes brasileiros independentes, que são dirigidos e/ou roteirizados por mulheres.

O levantamento de pesquisas e dados sobre a presença da desigualdade das mulheres no cinema também é uma forma de visibilidade, visto que são debates e reflexões necessárias para serem abordadas na imprensa. É uma forma de buscar promover mudanças, pôr fim aos estereótipos e defender os direitos das mulheres.

3.6.3. *Diversidade de causas abordadas*

O jornalismo independente tem como uma das suas principais particularidades a pluralidade de temáticas abordadas e de fontes. Enquanto a primeira categoria é referente à presença da mulher nos textos – atriz, diretora, roteirista – e a segunda contextualiza à respeito da invisibilidade da mulher na mídia, a terceira categoria, em material consultado, se relaciona com a diversificação de nacionalidades e temáticas que são pouco exploradas na grande mídia

¹⁰⁶ Disponível em: <https://metoobrasil.org.br/sobre-nos>. Acesso no dia 11/01/2022.

tradicional. Dentre as temáticas encontradas, estão: assuntos relacionados a sexo, drogas, comportamento feminino, melancolia, amizade, medo, redes sociais, tecnologia, *fake news*, relações familiares, violências de regimes ditatoriais, questões raciais, questões religiosas, minoria muçulmana, relacionamento abusivo, pessoas em situação de rua, mulheres grávidas, padrões de dominação patriarcal, violência sexual, importância da cultura oral, juventude, crise de identidade, homofobia e classismo.

Em relação aos materiais que abordavam filmes brasileiros, era possível encontrar críticas ao governo atual, abordando a realidade do Brasil. Todas essas temáticas têm como foco a perspectiva de gênero. É importante destacar que alguns dos assuntos, como “família”, “amizade”, “comportamento feminino” são temas recorrentes no jornalismo feminino, que era designado para uma parcela da população (BANDEIRA, 2015). No entanto, os veículos analisados também apresentam ideias mais contestadoras, relacionadas à política e à religião. Dessa forma, pautas como violência contra mulher, direito das mulheres, representação da mulher e até mesmo questões mais reivindicatórias são algumas das particularidades encontradas na imprensa feminista (POPADIUK; WOITOWICZ, 2018; *apud* SCHANDER, 2020). Além disso, como uma forma de visibilizar pautas, os conteúdos analisados também trouxeram a importância da cultura indígena, a situação de imigrantes e as questões relacionadas à classe, raça e gênero. Neste contexto, são temáticas discutidas por jornais alternativos e independentes (PASSONI, 2019), visto que, são assuntos que têm uma presença distorcida e superficial em grandes meios de comunicação.

3.6.4. Subjetividade no discurso jornalístico

A quarta categoria é sobre a subjetividade no discurso jornalístico. Uma das características encontradas na prática jornalística tradicional é o princípio da objetividade. Para Schudson (2001, *apud* GARCEZ E SILVEIRINHA, 2020¹⁰⁷), essa particularidade está relacionada com a busca pela verdade e fortemente ligado a grupos hegemônicos e patriarcais. Além disso, o pesquisador (2001) acrescenta que a objetividade também aparece relacionada à ideia de neutralidade e imparcialidade, como se fosse uma oposição ao conceito de subjetividade. Autores como Tuchman (1972, *apud* GARCEZ E SILVEIRINHA, 2020¹⁰⁸), no entanto, discutem que é perceptível que a remoção da subjetividade do jornalista não é totalmente almejada nas práticas jornalísticas. Isso acontece devido à impossibilidade de

¹⁰⁷ Schudson, M. **The objectivity norm in American journalism**, 2001.

¹⁰⁸ Tuchman, G. **Objectivity as strategic ritual: An examination of newsmen's notions of objectivity**, 1972.

separação entre objetividade e subjetividade. A escolha de uma pauta, de uma fonte, de uma frase diz a respeito da subjetividade do jornalista. Neste sentido, o conceito de subjetividade não será entendido como uma oposição à objetividade, mas sim um complemento.

Para Garcez e Silveirinha (2020), a hierarquização de dados e informações em uma produção jornalística são consideradas manifestações de subjetividade. Além disso, para as autoras, o jornalismo dito como objetivo não está reconhecendo os diferentes pontos de vista das próprias desigualdades. Como o caso desta pesquisa, tratam-se de veículos com perspectiva de gênero, em que a missão é ter um ponto de vista feminista, “como um lugar a partir do qual as feministas podem articular um discurso contra-hegemônico e defender uma sociedade menos repressiva” (HEKMAN, 1997, p. 363, *apud* GARCEZ E SILVEIRINHA, 2020¹⁰⁹). Apesar de ser um assunto complexo, é necessário ser discutido brevemente sobre a subjetividade na prática jornalística, ainda mais quando os objetos a serem analisados possuem perspectiva de gênero.

Ao analisar o material consultado, foram encontrados alguns textos – em especial no *Feito por Elas* – em primeira pessoa do singular ou plural. Também foi possível encontrar nos discursos a presença de gírias e informalidade. Em alguns textos, as produções assumiram um ponto de vista com um olhar analítico. Algumas das críticas feitas pelos portais em suas matérias são: o apagamento de mulheres artistas, a questão da regionalização da produção audiovisual no Brasil, a alta presença de homens na indústria cinematográfica, a insuficiência de políticas públicas de incentivo ao cinema, o racismo estrutural em mulheres, além das questões de negligências do governo federal atual.

3.6.5. Agenda cinematográfica

Apesar da busca pela visibilidade de minorias, pela diversidade de narrativas e pelo protagonismo feminino, a maioria dos materiais consultados para esta pesquisa ainda utilizam de um gênero de jornalismo tradicional, baseando-se, em especial, na pauta de serviço. De acordo com Temer e Nunes (2011), o jornalismo cultural surgiu para traduzir eventos de literatura, cinema e arte, a partir de uma linguagem simples e acessível. A agenda cinematográfica surgiu como um dos principais elementos em comum encontrados nas matérias de ambos portais. Essa categoria, de certa forma, também confirma a missão e os objetivos das iniciativas jornalísticas, uma vez que são projetos de incentivo a eventos da indústria cinematográfica no Brasil e no mundo, com o foco na perspectiva de gênero.

¹⁰⁹ Hekman, S. **Truth and Method: Feminist Standpoint Theory**, 1997.

Neste contexto, como ambos os portais tratam de assuntos no setor audiovisual, os conteúdos partem dessa premissa. Os destaques estão para matérias com foco em eventos e premiações nacionais e internacionais, em estreias de filmes e indicações de longas. No entanto, é pertinente que a maioria dos códigos agrupados nesta categoria são de produções independentes, que possuem orçamento limitado. Além disso, são curtas e longas-metragens de diferentes regiões do Brasil, bem como outros lugares do mundo. Sendo assim, é pertinente a atenção das autoras a escreverem textos jornalísticos voltados para a diversidade de narrativas, a fim de viabilizá-las, como discutido nas categorias definidas anteriormente.

4 ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS CATEGORIAS NOS PORTAIS *MULHER NO CINEMA E FEITO POR ELAS*

Após a construção de categorias, como detalhado anteriormente, apresentamos a seguir a segunda etapa de análise. Nesta fase é possível compreender como são visualizadas as categorias a partir de trechos das matérias analisadas de ambos os portais. Como aporte teórico, será utilizado o estudo de análise de conteúdo de Bardin (2011) e as pesquisas sobre jornalismo independente e jornalismo feminino e feminista. Além disso, as entrevistas realizadas com as criadoras dos projetos *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas* serão comentadas durante a análise do *corpus*, em complemento às referências aos conteúdos das produções das duas iniciativas, assim como às questões sobre representatividade da mulher no audiovisual e limitações de projetos independentes na internet.

4.1. Mulher como protagonista nos portais *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*

Como já discutido, os portais analisados *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas* são iniciativas que possuem como recorte a perspectiva de gênero. Além disso, os projetos buscam contribuir para a igualdade de gênero, abordando temáticas relacionadas à atuação das mulheres na indústria cinematográfica. Posto isso, a partir da análise do *corpus* consultado, foi confirmada a presença do protagonismo feminino nos materiais produzidos pelos portais, uma vez que a mulher apareceu de fato como sujeito principal.

É pertinente essa categorização, uma vez que a presença da mulher — na mídia ou na indústria cinematográfica — ainda se encontra em espaços reduzidos. Nos meios de comunicação convencionais, as pautas, sejam sociais ou culturais, são apuradas a partir de uma ideia patriarcal, em que os homens são vistos como o sujeito universal. Exemplo disto é a pesquisa do Projeto de Monitoramento de Mídia Global de 2020¹¹⁰, que apresentou uma regressão na representação das mulheres, a partir da coleta e análise de matérias dos principais veículos tradicionais do Brasil, pois os homens aparecem com 73% como fator de presença em assuntos e fontes, enquanto as mulheres se manifestam apenas com 27%.

No caso dos dois projetos estudados, a perspectiva de gênero surgiu com o objetivo de superar essas desigualdades encontradas na mídia convencional. Segundo Costa (2018, p. 133), "a abordagem dos fenômenos sociais sem uma perspectiva de gênero resulta na

¹¹⁰ Fonte em: https://whomakesthenews.org/wp-content/uploads/2021/08/GMMP2020.ENG_FINAL.pdf. Acesso no dia: 18/01/2022.

invisibilização dos impactos específicos e diferenciais na vida das mulheres". Da mesma forma, nas iniciativas de jornalismo com perspectiva de gênero, é importante que articulações sobre raça, classe e orientação sexual sejam contempladas nas matérias jornalísticas. No caso do *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*, essas questões também são necessárias para estarem presentes em suas matérias, visto que há também dificuldades impostas às mulheres — em particular, negras, lésbicas e *trans* — para ascender à qualidade de atrizes, produtoras e diretoras na indústria cinematográfica (WITTMANN, 2019).

A pequena amostra coletada para esta pesquisa consiste em 25 matérias escritas do portal *Mulher no Cinema* disponíveis entre os meses de agosto, setembro e outubro de 2021, e em 15 matérias do portal *Feito por Elas* publicadas no período de agosto a outubro de 2020. A escolha de anos distintos foi dada devido à falta de conteúdos textuais no ano de 2021 no portal *Feito por Elas*, visto que o foco da iniciativa está, atualmente, nos episódios de podcast. Além disso, cinco das 15 matérias do *Feito por Elas* possuem um texto resumido sobre o episódio do podcast e o áudio do programa disponibilizado. Porém, para essa análise, o foco será no conteúdo escrito.

No material consultado, os textos mencionam a atuação das mulheres no cinema nacional e internacional. Então, o protagonismo feminino apareceu em matérias sobre o trabalho de diretoras mulheres, assim como em divulgações de curtas e longas-metragens que são centrados na figura feminina. Isabel Wittmann, do *Feito por Elas*, em entrevista para este trabalho, explica como é a abordagem dos conteúdos produzidos pelo portal sob a perspectiva de gênero:

O nosso objetivo é focar nas **mulheres nos cinemas**, mas a gente fala de cinema de uma maneira geral sobre o **olhar dos estudos de gênero**. E aí isso nos permite falar sobre, obviamente, filmes escritos, dirigidos, protagonizados por homens também, mas aí vem a ambiguidade do nome Feito por Elas, né? Que não só o cinema é feito por elas, mas essa análise parte da gente que é da **nostra bagagem quanto mulheres profissionais da crítica e do jornalismo** (WITTMANN, 2021).

A partir deste relato, é possível perceber que, apesar da maioria do conteúdo ter o recorte em cineastas mulheres, as produções cinematográficas realizadas por homens também são abordadas em suas publicações. No entanto, o protagonismo feminino se mantém presente nas matérias jornalísticas, uma vez que há uma perspectiva de gênero na construção desses conteúdos, baseando-se, principalmente, em estudos feministas. O *Feito por Elas* é composto por uma equipe de cinco mulheres, em que parte delas se dedica aos estudos de cinema e de gênero sob diferentes olhares. Stephania Amaral, por exemplo, estuda filmes brasileiros de

terror dirigidos por mulheres, Camila Vieira se dedica ao cinema brasileiro contemporâneo e Isabel Wittmann, criadora do portal, faz doutorado em Antropologia, com pesquisa em Estudos de Gênero e Corpo. Diante disso, as colaboradoras possuem diversas bagagens que, sem dúvidas, se transformam em análises de perspectivas distintas.

Nesta categoria, é importante ressaltar a forma como é feito o olhar feminino nos portais *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*. Uma das maneiras se dá quando, a partir de comentários sobre um evento ou festival de cinema, busca-se trazer o recorte do protagonismo feminino. Algumas das matérias analisadas trouxeram como título “Festival de Gramado: veja os filmes dirigidos por mulheres e como assisti-los”, “Emmy premia ‘The Crown’, ‘O Gambito da Rainha’, Michaela Coel e duas diretoras”, “Confira os filmes dirigidos por mulheres para ver no Olhar de Cinema”. Isso também acontece ao redigirem notícias sobre estreias em plataformas de streamings, como em: “10 filmes dirigidos por mulheres para ver online no Olhar de Cinema”, “5 filmes dirigidos por mulheres para ver no streaming em setembro” e “Elas vão à luta: quatro filmes sobre mulheres e suas batalhas”. A jornalista Luísa Pécora, do *Mulher no Cinema*, falou sobre essa escolha feita ao fazer a cobertura desses eventos:

Eu diria que a minha cobertura do Oscar é igual a dos veículos [tradicionais], só que ela está **centrada apenas nas mulheres**, então, assim, eu também vou falar quem ganhou, quem perdeu, quem disse aquilo, mas me interessa focar nisso [**na figura da mulher**], porque tem outros mil filmes ali. Não adianta você focar somente nos dois filmes que vão ganhar [...] Eu faço listas, por exemplo, de 20 filmes da programação que são **dirigidos por mulheres** para você assistir, cinco filmes do streaming todo mês [**feito por mulheres**] (PÉCORA, 2021).

Somente observando os títulos das matérias é possível perceber esse recorte dado, diferente dos outros meios de comunicação convencionais. Ao buscar outras notícias de mídias tradicionais sobre o Festival de Gramado, encontramos duas matérias, com os respectivos títulos: "Começa hoje a 49ª edição do Festival de Gramado¹¹¹", no jornal O Povo, e "Festival de Gramado 2021: Tudo o que você deve saber sobre a 49ª edição do evento¹¹²", do portal Adoro Cinema". Nos textos do O Povo e do Adoro Cinema, o filme brasileiro “O Novelo”, dirigido por Cláudia Pinheiro e com roteiro de Nanna de Castro, foi o único longa de destaque, produzido por mulheres, mencionado nas matérias. Enquanto isso, em matéria do *Mulher no Cinema*, "Festival de Gramado: veja os filmes dirigidos por mulheres e como assisti-los", além

¹¹¹ Fonte: <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2021/08/13/comeca-hoje-a-49-edicao-do-festival-de-cinema-de-gramado.html>. Acesso no dia 14 de jan de 2022.

¹¹² Fonte: <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-160087/>. Acesso no dia 14 de jan de 2022.

do “O Novelo”, longas como “A Primeira Morte de Joana”, de Cristiane Oliveira, e “Carro Rei”, de Renata Pinheiro, também foram mencionados.

Figura 3 - Página de matéria sobre Festival de Gramado em portal *Mulher no Cinema*

Festival de Gramado: veja os filmes dirigidos por mulheres e como assisti-los

notícias Redação - 12 de agosto de 2021



Fonte: Mulher no Cinema

Além dessa diferenciação encontrada nos títulos das matérias consultadas, os portais *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*, em suas produções jornalísticas, buscam visibilizar os projetos audiovisuais de outras cineastas. Na notícia do dia 7 de outubro de 2021, do portal *Mulher no Cinema*, é comentado sobre cinco filmes de Chantal Akerman, diretora belga conhecida pelo tom feminista em suas obras. No entanto, é possível também perceber que há um destaque na matéria para produções audiovisuais de outras cineastas disponíveis no streaming, contribuindo, assim, para uma confirmação da categoria definida como mulher como protagonista.

Além dos filmes de Akerman, o [streaming] Supo Mungam Plus tem vários outros **filmes dirigidos por mulheres** entre as estreias previstas para outubro. Um dos principais destaques é *Você Nunca Esteve Realmente Aqui* (2017), longa-metragem **dirigido por Lynne Ramsay** que ganhou dois prêmios no Festival de Cannes: o de melhor roteiro para a **própria cineasta** e o de melhor ator para Joaquin Phoenix.

As demais estreias são *Rebeldes de Verão* (2020), de **Martina Saková**, disponível a partir do dia 12; *O Alfaiate* (2020), de **Sonia Liza Kenterman**, que estreia no dia 15; *Além dos Sonhos* (2017), de **Rojda Sekersöz**, previsto para 22 de outubro; *Adam & Evelyn* (2018), de Andreas Goldstein & **Jakobine Motz**, e *O Retorno* (2018), de **Malene Choi**, ambos disponíveis no dia 29. Todos estes longas são inéditos nos cinemas brasileiros.

O Mulher no Cinema entrevistou **outras cineastas** que têm filmes no catálogo do Supo Mungam Plus, como **Shahrbanoo Sadat**, diretora de *O Orfanato* (2019); **Antoneta Kastrati**, diretora de *Zana* (2019); e **Katie Found**, diretora de *Meu Primeiro Verão* (2020). (MULHER NO CINEMA, 2021b¹¹³).

Os filmes mencionados na matéria acima são produzidos por mulheres, além da sua maioria ser independente. Da lista, o de maior destaque no universo cinematográfico é o *Você Nunca Esteve Realmente Aqui* (2017), filme que recebeu dois prêmios no Festival de Cannes. A jornalista Luísa Pécora, ao ser perguntada sobre a representação das mulheres nas mídias convencionais, explica que notícias sobre longas-metragens indicados ao Oscar, ao Cannes ou que estão estreando nas maiores salas de cinema são os que mais dominam o noticiário, sendo que a maioria é produzida por homens. Dessa forma, as cineastas mulheres acabam tendo menos visibilidade nas matérias.

No geral da seção de Cultura, as **mulheres já têm menos espaço ali**. Esse espaço já vai ser muito reduzido. Vai ter uma **Sofia Coppola** de vez em quando, mas isso não vai ser comum, principalmente, se você começar a entrar no **cinema brasileiro** [...] O que é feito por **mulheres negras**, por exemplo, vai diminuir cada vez mais essa possibilidade de espaço desse tipo de filme num lugar na mídia convencional (PÉCORA, 2021).

Ao analisar os códigos presentes, também foi possível encontrar um olhar dos portais frente aos princípios de interseccionalidade. Neste contexto, mulheres com uma variedade de nacionalidades, raças, etnias e classes sociais foram representadas nos materiais consultados. Este assunto terá um destaque melhor nas categorias de Diversidade e Visibilidade.

Essa categorização também confirma que os portais ajudam na potencialização da visibilidade de mulheres que atuam na indústria cinematográfica, uma vez que, todas as matérias consultadas possuem um recorte de gênero. Além disso, a mulher como protagonista confirma os principais objetivos dos portais, colocando, assim, o público em contato com o trabalho de mulheres. A seguir, será analisada de que forma é feita a visibilidade nos portais *Mulher no Cinema e Feito por Elas*, a partir das matérias consultadas.

4.2. Visibilidade nos portais *Mulher no Cinema e Feito por Elas*

¹¹³ MULHER NO CINEMA. **Mais cinco filmes de Chantal Akerman chegam ao Supo Mungam Plus**, 2021b. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/noticias/noticias-de-casa-e-mais-4-filmes-de-chantal-akerman-quegam-ao-supo-mungam-plus/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

A categoria “visibilidade” surgiu a partir da observação de códigos que possuíam uma característica entre si, são eles: a presença de interseccionalidade, o fortalecimento de participação plural, a busca pelo fim das desigualdades de gênero e a presença da mulher na mídia e no campo do cinema. Além disso, a questão da visibilidade não é tratada somente na mídia, mas sim no setor audiovisual como um todo, uma vez que há restrições ao acesso da mulher a determinados fazeres do cinema. Um exemplo disto é a pesquisa do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (Gemaa), com informações fornecidas pelo Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual, da Agência Nacional do Cinema (Ancine), que apresenta números desproporcionais, nos quais há uma predominância entre diretores do gênero masculino, correspondendo a 98%, enquanto mulheres aparecem apenas com 2% (LUSVARGHI; SILVA, 2019).

Apesar da similaridade com a categoria *mulher como protagonista*, essa tem por objetivo mostrar as abordagens interseccionais, assim como apresentar dados e levantamentos que abordem a desigualdade ainda imposta pelas mulheres. Dessa forma, como são duas iniciativas jornalísticas independentes de posicionamento contra-hegemônico, os principais objetivos giram em torno de temáticas com espaço limitado na mídia tradicional. *Mulher do Cinema*, por exemplo, devido à desigualdade de gênero ainda imposta na indústria cinematográfica, tem como missão refletir e divulgar produções de profissionais do setor, publicando, dessa forma, vídeos, críticas, pesquisas e entrevistas. “O objetivo é tanto dar espaço às mulheres que fazem cinema quanto colocar o público em contato com o trabalho delas” (MULHER NO CINEMA, 2015).

No caso do *Feito por Elas*, a ideia do projeto surgiu para discutir e divulgar obras, valorizando as produções de diretoras e incentivando o público a conhecê-las. “Mais do que diretoras, pretendemos dar visibilidade para as diferentes mulheres que trabalham nas mais diversas áreas dentro do cinema” (FEITO POR ELAS, 2016). Ou seja, ambas iniciativas buscam contribuir com a visibilidade de mulheres que atuam no universo cinematográfico, por meio da produção de matérias, entrevistas e análises críticas. Os conteúdos redigidos pelos portais são necessários para o público ter conhecimento dos produtos audiovisuais dirigidos, roteirizados e protagonizados por mulheres, em especial, de diferentes raças, etnias, sexualidades, classes, religiões e histórias.

Na categoria anterior, o protagonismo feminino foi um dos elementos mais encontrados nas produções dos portais e, de certa forma, a mulher como sujeito é essencial para a visibilidade feminina. No entanto, nessa categorização são abordadas, além do gênero,

questões relacionadas às abordagens interseccionais, que expõem a permanência de preconceitos de classe, gênero e raça.

Em uma matéria do portal *Feito por Elas*, em parceria com o Telecine, as autoras realizaram uma lista de cinco filmes com roteiros elaborados por mulheres. Na matéria, elas utilizam de um dado referente à invisibilidade dessas mulheres que ocupam o cargo de roteirista, como pode ser visto a seguir:

Em 12 anos, **nenhuma mulher ganhou o prêmio de melhor roteiro na premiação do Oscar**. Em 2007, **Diablo Cody** foi a última a receber a estatueta de melhor roteiro original por *Juno*, enquanto **Diana Ossana** ganhou melhor roteiro adaptado por *O Segredo de Brokeback Mountain*, em 2005. A disparidade de reconhecimento na principal premiação da indústria do cinema reflete também o **baixo índice de participação de mulheres roteiristas dentro do mercado cinematográfico de Hollywood**. Segundo dados do site *Women and Hollywood*, **mulheres roteiristas integraram a equipe de apenas 20 dos 100 filmes de maior bilheteria lançados em 2019**. Para celebrar as profissionais que desempenham tal função, o *Feito por Elas* garimou no catálogo do Telecine cinco longas-metragens com **roteiros criados por mulheres** (FEITO POR ELAS, 2020¹¹⁴).

As informações mencionadas do site *Women and Hollywood* e da premiação do Oscar são necessárias para a construção da matéria por serem levantamentos relevantes para a compreensão da desigualdade de participação de mulheres roteiristas dentro da indústria cinematográfica. Geralmente, esses dados são ignorados ou pouco noticiados pelos grandes meios de comunicação. Isso é um exemplo da presença ainda minimizada de mulheres na história do cinema, uma vez que, até hoje, elas ocupam espaços reduzidos no mercado cinematográfico (WITTMANN, 2019). Essa invisibilidade não acontece somente no cinema, mas em outras manifestações, como literatura, ciência, história, política e arte (LUSVARGHI; SILVA, 2019). É importante ressaltar que essa notícia acima é sobre uma lista de cinco produções audiovisuais roteirizadas por mulheres. Então, o uso dos dados foi uma escolha das autoras para apresentar as dificuldades da função desempenhada por mulheres, assim como viabilizar essas informações para os leitores.

Isabel Wittmann, criadora do *Feito por Elas*, ao ser questionada sobre o portal ser um espaço para potencializar a visibilidade de mulheres que atuam dentro da indústria cinematográfica, explica:

Eu gosto de pensar que os **trabalhos das mulheres** que a gente aborda são tão incríveis que já deveriam chegar para as pessoas sem precisar passar por nós assim. São trabalhos maravilhosos por si só. Então, o que a gente faz, eu acho, muitas vezes,

¹¹⁴ FEITO POR ELAS. **Filmes hollywoodianos com roteiros feitos por mulheres para ver no Telecine**, 2020a. Disponível em: <https://feitoporelas.com.br/filmes-hollywoodianos-com-roteiros-feitos-por-mulheres-para-ver-no-telecine/>. Acesso em: 11 jan. 2022.

é tentar chamar atenção para obras que a gente pensa que talvez as pessoas poderiam estar olhando mais. Mas é claro que a gente também fala daquilo que é o “pipocão” e que tá todo mundo comentando. (WITTMANN, 2021).

A fala de Isabel Wittmann confirma que as produções do portal são redigidas para facilitar a informação para o público leitor. No *Feito por Elas*, Isabel e as colaboradoras desempenham uma curadoria de produções cinematográficas e de personalidades femininas do cinema para que os leitores possam ter um contato com as obras e as histórias dessas mulheres. No entanto, Isabel também acrescenta que há uma divulgação de obras do “pipocão”, produtos *mainstream*, que são da massa. Recentemente, séries de televisão como *Loki* e *Wanda Vision*, produções da Marvel, foram comentadas pelas colaboradoras em seu podcast.

No caso do *Mulher no Cinema*, na amostra consultada, há uma matéria com recorte de gênero sobre a presença de diretoras mulheres nas categorias de curta-metragem do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro em 2021, em comparação com o ano anterior. Nesta notícia, Luísa Pécora apresentou dados sobre a quantidade de mulheres representadas na premiação, como observado no trecho a seguir:

Cineastas mulheres mostraram força nas categorias de curta-metragem e de documentário do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, que anunciou seus indicados na última semana. Filmes dirigidos ou codirigidos por mulheres representam **três dos cinco concorrentes a melhor longa documental e 12 dos 18 curtas na disputa.**

A força das mulheres no curta já tinha sido demonstrada no ano passado, quando dirigiram 13 dos 15 filmes indicados nas três categorias que a premiação dedica ao formato. Em 2021, o destaque ficou com o troféu de curta de animação, ao qual **todos os concorrentes têm uma mulher na direção** (MULHER NO CINEMA, 2021c¹¹⁵).

O trecho acima pertence à matéria com o título “Diretoras dominam categorias de curta do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro”. A matéria contém uma perspectiva de gênero, ou seja, a premiação se manifesta em segundo plano, enquanto, em primeiro plano, surge o recorte de gênero. Essa matéria engloba códigos presentes tanto na primeira categoria “mulher como protagonista”, como também os dados e os levantamentos apurados pela jornalista enaltecem a necessidade de dar visibilidade a mulheres que atuam nas funções de direção e codireção no universo cinematográfico. Em geral, na mídia convencional, matérias sobre o Grande Prêmio do Cinema Brasileiro destacam apenas os vencedores das principais categorias, não levando em consideração a perspectiva de gênero. É importante destacar que a

¹¹⁵ MULHER NO CINEMA. **Diretoras dominam categorias de curta do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro**, 2021c. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/noticias/diretoras-dominam-categorias-de-curta-do-grande-premio-do-cinema-brasileiro/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

significância desses dados advém da especificidade do conteúdo dos portais analisados, uma vez que são iniciativas jornalísticas de nicho.

Outro ponto identificado nesta categoria diz a respeito à busca por uma maior representatividade em espaços midiáticos. Algumas iniciativas jornalísticas independentes, em especial as contra hegemônicas, procuram uma pluralidade de vozes para compor as matérias. Posto isso, ao selecionar os códigos da amostra consultada, foi percebida a abordagem interseccional em algumas matérias produzidas por ambos os portais. Então, além da perspectiva de gênero, temáticas referentes à classe, raça, etnia e sexualidade foram fundamentais para a análise das produções cinematográficas. É perceptível a presença de matérias que atribuem os marcadores de raça, classe e sexualidade. Isabel Wittmann, do *Feito por Elas*, ao ser perguntada sobre a questão dos princípios da interseccionalidade, afirma que é um olhar buscado por ela e pelas colaboradoras para realizar as críticas de cinema:

A questão da **interseccionalidade** acaba vindo quase que de uma forma natural, assim, no meu caso, porque já sou pesquisadora de gênero e sexualidade mesmo, são os temas com os quais eu trabalho há quase uma década. Então é o recorte, a lente que eu uso para analisar, fazer as leituras de mídia mesmo ou de cinema e tudo mais, mas eu acho que também é a **diversidade** que tá presente na própria equipe colabora com isso, eu gostaria até que fosse mais (WITTMANN, 2021).

Em *Mulher no Cinema*, Luísa Pécora realizou uma entrevista com Haifaa Al Mansour, primeira mulher saudita a se tornar cineasta. Na matéria, a jornalista chama a atenção para a necessidade de contextualizar a pressão social e os marcadores de desigualdade de gênero na sociedade saudita.

Muitas restrições seguem em vigor e o país atualmente ocupa a **147ª posição do Índice Global da Desigualdade de Gênero**, publicado pelo Fórum Econômico Mundial, que reúne 156 países (**o Brasil, vale dizer, está em 93º lugar**) [...] Não surpreende, portanto, que a primeira cena de *A Candidata Perfeita* mostre a protagonista, Maryam, dirigindo um carro, **algo que era proibido às mulheres sauditas até 2018**. Interpretada por Mila Alzahrani, Maryam é uma médica competente e qualificada, mas frequentemente **desrespeitada** por colegas e pacientes homens que se recusam a ser atendidos por ela [...] O processo eleitoral no centro do filme reflete **outro direito conquistado pelas mulheres sauditas, este em 2015: o de votar e concorrer nas eleições**. Al Mansour mostra que o caminho até o poder é difícil, com Maryam enfrentando a desconfiança do eleitorado, o conservadorismo que segue regendo a sociedade e o receio da própria família, já **vista com maus olhos pelo fato** de o pai ser músico e de a mãe, quando viva, ter sido cantora (MULHER NO CINEMA, 2021d¹¹⁶).

¹¹⁶ MULHER NO CINEMA. Haifaa Al Mansour: “É uma boa época para ser cineasta na Arábia Saudita”, 2021d. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/entrevistas/haifaa-al-mansour-e-um-bom-momento-para-ser-cineasta-na-arabia-saudita/>. Acesso em: 14 jan. 2022.

Na abordagem interseccional, grupos minoritários, incluindo muçulmanos, judeus, indígenas, negros e LGBTs são de equivalente notoriedade para o conceito sociológico¹¹⁷. No trecho da matéria acima, é possível compreender as desigualdades e discriminações existentes na sociedade saudita. Com essa abordagem, é visível que o sexismo, o conservadorismo e as estruturas patriarcais são inseparáveis e, assim, buscam excluir ou discriminar grupos de indivíduos de diversas maneiras. Neste exemplo, são as mulheres sauditas, cujos direitos estão sendo conquistados de forma morosa na sociedade. Luísa Pécora comenta o fato de ter sido muito tardio o direito a votar e a concorrer às eleições (em 2015), bem como o direito da mulher dirigir, conquistado somente em 2018. No filme *A Candidata Perfeita*, a personagem Maryam tem uma profissão reconhecida, porém é visível o desrespeito de colegas e pacientes apenas pelo fato dela ser mulher. Além disso, a protagonista passa por preconceitos em relação às profissões dos pais, uma vez que não são respeitadas pela sociedade saudita. Essas colocações utilizadas por Luísa Pécora em sua matéria são necessárias para os leitores do portal reconhecerem as desigualdades enfrentadas por mulheres da Arábia Saudita.

A interseccionalidade está presente em algumas produções dos portais *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*, porém um elemento importante nesta categoria é a visibilidade para as temáticas raciais e LGBTQIA+. Em algumas matérias, as iniciativas buscam divulgar uma diversidade de curtas e longas-metragens, em especial independentes, que retratam questões sociais importantes para a sociedade. O *Feito por Elas*, por exemplo, em uma matéria publicada no dia 14 de setembro de 2020, indicou o filme *As Viúvas*, de 2018, que tem como temática central o protagonismo feminino. É possível comprovar a busca por uma diversidade de temáticas trabalhadas, além de que, ao indicar o filme, contribui para a visibilidade de atrizes, roteiristas e até da importância dos próprios assuntos tratados no longa: racismo, violência doméstica e política. Todas as temáticas são desenvolvidas incluindo como recorte as opressões e os preconceitos de gênero. A seguir um breve resumo dos filmes pode ser visto:

As Viúvas (2018)

Na narrativa de **As Viúvas (2018)**, **quatro mulheres** que não têm nada em comum – exceto uma dívida deixada para trás pelas atividades criminosas dos falecidos maridos – tomam o destino pelas mãos e conspiram para conseguir se livrar do problema “herdado” e garantir um futuro. Liderado por **Verônica (Viola Davis)**, **o grupo se forma com Alice (Elizabeth Debicki)**, **Linda (Michelle Rodriguez)** e **Belle (Cynthia Erivo)**. Elas se reinventam e se unem por causa das circunstâncias, mas a forma como enfrentam os desafios pode muito bem representar a união feminina pela sobrevivência nas mais diversas situações da realidade, inclusive tocando em temas como **racismo, violência doméstica e política**. O thriller tem direção de Steve

¹¹⁷ Fonte: <https://www.politize.com.br/interseccionalidade-o-que-e/>. Acesso no dia 19/01/22.

McQueen e roteiro do próprio diretor em parceria com **Gillian Flynn, conhecida por Garota Exemplar (2014)** (FEITO POR ELAS, 2020¹¹⁸).

Além disso, as iniciativas buscam abordar temáticas que são pouco desenvolvidas pela mídia tradicional, que será melhor descrito na categoria “diversidade”. Porém, em entrevista com a diretora brasileira Lucia Murat, a jornalista Luísa Pécora faz questionamentos sobre os longas-metragens *Que Bom Te Ver Viva* e *Ana, sem título*. Os filmes misturam ficção e documentário para contar as histórias de mulheres que tiveram espaços minimizados ou invisibilizados durante a ditadura militar. Enquanto o primeiro retrata a vivência de mulheres do movimento estudantil universitário, o segundo longa trata do lado do movimento negro frente ao regime imposto pela época.

Figura 4 - Cena de performance incluída no filme “Ana, sem título”, de Lucia Murat



Fonte: Divulgação / Mulher no Cinema

¹¹⁸ FEITO POR ELAS. **Elas vão à luta: quatro filmes sobre mulheres e suas batalhas**, 2020b. Disponível em: <https://feitoporelas.com.br/elas-va-a-luta-quatro-filmes-sobre-mulheres-e-suas-batalhas/>. Acesso em: 18 jan. 2022.

As causas abordadas são sobre mulheres ativistas, assim como Murat, que foram presas e torturadas durante o regime militar. A história passa em um período que marca a segunda fase do movimento feminista (SARMENTO, 2019), ao longo da transição da década de 1960 para a de 1970 durante a ditadura. Luísa Pécora questiona sobre as diferenças entre os dois documentários, enquanto o primeiro tinha como entrevistadas mulheres somente brancas, o segundo, *Ana, sem título*, se diferencia pela presença da experiência dos negros durante a ditadura militar.

Luísa Pécora: Em 2019, co-organizei um debate sobre o Que Bom Te Ver Viva em São Paulo, no qual uma **jovem da plateia disse ter se incomodado com o fato de todas as entrevistadas serem brancas**. No caso de Ana. Sem título, a questão racial é extremamente importante e chama a atenção até pelo fato de não termos muitos filmes sobre a **experiência dos negros durante a ditadura**. Por que você quis abordar este tema desta vez?

Lucia Murat: Acho que há dois aspectos aí. O Que Bom Te Ver Viva era sobre **mulheres que tinham participado da luta armada, sido presas e torturadas**. A maior parte dessas pessoas vinha do movimento estudantil universitário, e na época quem fazia universidade era realmente a elite branca. E eram pouquíssimas mulheres, inclusive – na minha classe eram apenas cinco. Então o filme reflete isso. Agora, **a questão do Ana vem decorrente de uma preocupação que o movimento negro está colocando e para a qual nós, brancos, temos de olhar**. Não dá para continuarmos dizendo que não somos racistas, mas seguirmos com o mesmo tipo de atitude. Acho que a discussão está no filme em função de o movimento negro estar exigindo que isso se faça. Não é por boa vontade minha, evidente. É responder a algo que está colocado na sociedade (MULHER NO CINEMA, 2021¹¹⁹).

A presença dos documentários em matéria do *Mulher no Cinema* é de extrema importância, uma vez que a maior parte do público do portal é composto por estudantes de audiovisual em início de carreira e por amantes de cinema. Então, a diversidade de temáticas é necessária, pois são trazidas à tona questões sociais e raciais pouco abordadas na mídia, com um recorte de gênero.

Na matéria a seguir, Luísa Pécora, do *Mulher no Cinema*, faz uma entrevista com a produtora brasileira Aletéia Selonk, fundadora da Okna Produções. Nela, a jornalista questiona a entrevistada sobre um audiovisual mais igualitário, baseando-se em aproximações de gênero e raça:

Luísa Pécora: Você também é professora de produção audiovisual na PUC-RS e a atual presidente do Fórum Brasileiro de Cinema e Educação Audiovisual (Forcine). O que os cursos e docentes podem fazer para ajudar a criar um **audiovisual mais igualitário no Brasil, tanto em gênero como de raça?**

¹¹⁹ MULHER NO CINEMA. Lucia Murat: “Acredito realmente que este horror vai terminar”, 2021e. Disponível: <https://mulhernocinema.com/entrevistas/lucia-murat-acredito-realmente-que-este-horror-vai-terminar/>. Acesso em: 17 jan. 2022.

Aletéia Selonk: O ensino e a formação para o audiovisual é uma das pautas que me encantam e por isso mantenho-me comprometida com ela. Os cursos têm a ambiência perfeita para fomentar as transformações e evoluções que queremos ver no audiovisual brasileiro, e os docentes são os mediadores, os potencializadores deste processo. As **diversidades** presentes em nossa sociedade precisam de uma vez por todas estarem inseridas em nosso audiovisual, bem como nos corpos discentes e docentes de todos os espaços dedicados à formação. Esta presença é importante para fortalecer esta **participação plural** que desejamos. Ao mesmo tempo, **precisamos fortalecer uma educação baseada em uma visão decolonial, rompendo com o eurocentrismo que dominou o pensamento acadêmico até aqui. Precisamos ter espaços de formação acolhedores para todas as pessoas que queiram se dedicar ao nosso segmento, lembrando que representantes desta diversidade sempre contribuíram para a evolução do audiovisual, mas muitas vezes foram minimizados ou riscados da história** (MULHER NO CINEMA, 2021f¹²⁰).

Aletéia Selonk é produtora executiva e iniciou sua carreira profissional no audiovisual em 1995, em Londrina, sua cidade natal. Dois anos depois, ela se mudou para Porto Alegre e continua se dedicando a projetos para cinema e televisão. Algumas de suas produções foram: *A teoria dos vidros quebrados* (2020), de Diego Fernández Pujol, e *A primeira morte de Joana* (2021), de Cristiane Oliveira. No trecho acima, Aletéia esclarece pontos importantes para o fortalecimento de uma participação plural dentro do audiovisual no Brasil: 1.) a consolidação de uma educação fundamentada na visão decolonial; 2.) o rompimento com o pensamento do eurocentrismo; 3.) a criação de espaços acolhedores; 4.) e contribuir com a visibilidade de representantes destas diversidades, que foram minimizados ou apagados da história do cinema. Luísa Pécora, ao perguntar sobre a possibilidade de se estabelecer um cinema nacional mais igualitário, contribui para a importância da visibilidade de diversidades presentes que, infelizmente, ainda são minimizadas ou completamente ignoradas pelo mercado cinematográfico.

¹²⁰ MULHER NO CINEMA. Aletéia Selonk: “Produção audiovisual brasileira está unida, resistindo e lutando”, 2021f. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/entrevistas/aleteia-selonk-producao-audiovisual-brasileira-esta-unida-resistindo-e-lutando/>. Acesso em: 17 jan. 2022.

Figura 5 - Cena do filme “A Primeira Morte de Joana”, de Cristiane Oliveira, uma das produções da Okna, de Aletéia Selonk



Fonte: Divulgação / Mulher no Cinema

O filme *A Primeira Morte de Joana*, por exemplo, retrata a descoberta da lesbianidade de uma garota de 13 anos, trazendo uma reflexão sobre as relações familiares. A história foca em três gerações de mulheres que vivem em uma cidade do Rio Grande do Sul e, durante a narrativa, são apresentados “os reflexos de uma sociedade conservadora e patriarcal nas relações das próprias mulheres” (MULHER NO CINEMA, 2021). O longa integrou a programação do 29º Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade, sendo dirigido por Cristiane Oliveira e produzido por Aletéia Selonk.

Também, nesta pesquisa, foram pesquisados os nomes da diretora Cristiane Oliveira e da produtora Aletéia Selonk na ferramenta de busca do Google, entre parênteses e por meio da guia anônima do navegador, para investigar a visibilidade dessas mulheres na mídia por meio das menções feitas pelo portal *Mulher no Cinema*. Ao buscar os resultados da busca, para Cristina, uma guia com as principais matérias sobre a diretora no *Mulher do Cinema* apareceu como segundo resultado, e, para Aletéia, a entrevista feita por Luísa Pécora para o portal surgiu como primeiro resultado da lista. Além disso, a produtora esteve em outros veículos de nicho, como o *Filme B* e o *Cinema com Rapadura*, porém não foram identificadas notícias em portais de mídia convencionais. Em geral, pode-se concluir que o portal reforça a busca pela visibilidade das obras feitas por essas mulheres, por meio da divulgação de entrevistas ou notícias. Pode-se ver a imagem dos resultados no Google a seguir:

Figura 6 - Ferramenta de busca do Google (Cristiane Oliveira)

<https://mulhernocinema.com> > Início > cristiane oliveira ▾
[cristiane oliveira | Mulher no Cinema](#)
 Depois de estrear no longa-metragem com o premiado **Mulher do Pai**, a diretora **Cristiane Oliveira** volta a fazer um belo retrato de uma menina em um momento de ...

Fonte: Busca do Google (2022)

Figura 7 - Ferramenta de busca do Google (Aletéia Selonk)

<https://mulhernocinema.com> > entrevistas > aleteia-selo... ▾
[Aletéia Selonk: “Produção audiovisual brasileira está unida ...](#)
 27 de out. de 2021 — Leia a entrevista com **Aletéia Selonk**, fundadora da Okna Produções, responsável por filmes como "Mulher do Pai" e "A Primeira Morte de Joana"

Fonte: Busca do Google (2022)

Além da busca pela visibilidade da mulher como protagonista, por temáticas pouco exploradas na mídia convencional e por abordagens interseccionais, foi perceptível nas iniciativas a divulgação, em sua maioria, de projetos de cinema independente. Ou seja, produções audiovisuais de orçamento limitado e que não são ligados diretamente a grandes produtoras cinematográficas. Um dos exemplos disso é a indicação do filme intitulado “De nuevo otra vez (2019)”, de Romina Paula, pelas colaboradoras do *Feito por Elas*.

De nuevo otra vez (2019), de Romina Paula

Na estreia da **atriz Romina Paula** atrás das câmeras em **De nuevo otra vez (2019)**, a **diretora filma** seu convívio com a mãe e o filho de 3 anos, em um retorno às raízes para se descobrir também como filha. Neste misto de **documentário e ficção, espanhol e alemão**, há montagens divertidas e instigantes, quebra da quarta parede e brincadeiras com fotografias antigas. Em pouco tempo, ela confessa sentimentos que fogem do senso comum, como o distanciamento ao olhar alguém de perto, lança questões profundas como “a melancolia é um privilégio da juventude?” e traça linhas tênues entre medo e desejo. **O filme foi comentado no nosso podcast sobre a mostra 8º Olhar de Cinema e está disponível no acervo da Mubi (FEITO POR ELAS, 2020¹²¹).**

O filme está disponível no Mubi, plataforma de *streaming* que contém uma curadoria de filmes dos mais variados gêneros e diretores, conhecido, especialmente, por possuir curtas e longas-metragens de orçamentos limitados. A indicação deste filme é necessária para a visibilidade do cinema independente, visto que está presente de forma minimizada na mídia convencional. Ao pesquisar o título do filme na ferramenta de busca, por

¹²¹ FEITO POR ELAS. **De nuevo otra vez (2019), de Romina Paula**, 2020c. Disponível em: <https://feitoporelas.com.br/de-nuevo-otra-vez-2019-de-romina-paula/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

meio da guia anônima, é possível identificar a indicação do longa pelo site *Feito por Elas*. Dessa forma, é confirmado que o portal pode ser um espaço para visibilizar os filmes independentes de diretoras mulheres, que, infelizmente, não possuem tanto destaque na mídia tradicional. Além da matéria no portal, o longa *De nuevo otra vez* foi mencionado no podcast *Feito por Elas*. Em *Mulher do Cinema*, Luísa Pécora entrevista Katie Found, do filme independente *Meu Primeiro Verão*. Na conversa, a entrevistada fala sobre o orçamento limitado para produção do longa:

Katie Found: Para mim, o aspecto mais importante do filme é a sinceridade e autenticidade das atuações. É um **filme independente**, com um **orçamento muito pequeno**, então nunca poderíamos ter enquadramentos super elaborados: foi tudo filmado com câmera na mão, salvo por meia diária na qual tivemos uma Steadicam [equipamento que funciona como estabilizador da câmera]. **Tudo foi bem cru, reduzido ao mínimo, tanto na estética quanto na filmagem** [...]

O **cinema independente** vai sofrer muito. As grandes produtoras vendem seus projetos com muito mais facilidade para os players e conseguem muita grana. **A gente vai ter mais dificuldade ainda para produzir**. E aí como é que ficam esses profissionais? É um grande mercado, faculdades e mais faculdades foram se abrindo ao longo dos anos. Esses estudantes vão para onde? Esses profissionais vão viver como? É uma situação muito grave, mas a gente vai ter de dar um jeito (MULHER NO CINEMA, 2021g¹²²).

Os argumentos de Katie Found são necessários para levantar uma reflexão sobre as características técnicas e estéticas do longa-metragem que surgiram devido ao orçamento limitado, além de contextualizar a atual situação do cinema nacional independente. Diferente do que é noticiado pela mídia tradicional, o *Mulher do Cinema* procura proporcionar essas observações, visto que ter um projeto independente dispõe de limitações e de dificuldades, ainda mais no Brasil, onde não há políticas públicas de incentivo à arte. Exemplo disto são as informações do Painel de Dados Observatório Itaú Cultural¹²³, que mostrou que os grupos mais prejudicados na área de economia criativa foram os profissionais especializados na cultura, por exemplo, nas artes cênicas, artes visuais, cinema e música. Além disso, em 2019, o Ministério da Cultura foi extinto e, ainda, foi apresentado um corte de pelo menos 50% do Fundo Setorial do Audiovisual para o ano de 2020 (LUSVARGHI; SILVA, 2019). Os portais *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas* também fizeram matérias sobre o Festival Olhar de Cinema, evento dedicado ao cinema independente. Enquanto a primeira iniciativa abordou a edição 2021, a segunda tratou sobre a edição de 2020. De acordo com o que está sendo abordado nesta

¹²² MULHER NO CINEMA. **Katie Found sobre “Meu Primeiro Verão”**: “É uma carta de amor às conexões queer”, 2021g. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/entrevistas/katie-found-sobre-meu-primeiro-verao-fiz-uma-carta-de-amor-as-conexoes-queer/>. Acesso em 18 jan. 2022.

¹²³ Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-06/falta-de-investimentos-levam-perda-de-empregos-na-cultura>. Acesso no dia 27/01/22.

categoria, é possível perceber que as matérias sobre o festival foram essenciais para a visibilidade das produções independentes ao serem divulgadas para os leitores dos portais.

Essa categoria, portanto, busca refletir sobre como as iniciativas *Mulher no Cinema e Feito por Elas* podem ser espaços de visibilidade para mulheres que atuam no mercado cinematográfico. Sendo assim, por meio de entrevistas, notícias e listas de indicações de filmes, diretoras, roteiristas e cineastas, em especial as que contribuem com projetos independentes, passam a serem reconhecidas pelo público que consome as iniciativas. Além disso, é possível perceber uma visibilidade de temáticas devido à diversidade encontrada nos longas-metragens indicados ou noticiados pelas autoras dos portais, bem como uma diversificação de nacionalidades de diferentes diretoras, roteiristas e atrizes.

4.3. Diversidade de causas abordadas nos portais *Mulher no Cinema e Feito por Elas*

Nesta categorização, a diversidade se manifestou a partir das diferentes causas abordadas encontradas em curtas e longas-metragens apresentados nas notícias, entrevistas e listas de indicações realizadas pelas autoras dos portais *Mulher no Cinema e Feito por Elas*. Mesmo com o impacto da desigualdade de gênero na indústria cinematográfica, as mulheres se desafiam no cinema, transmitindo diferentes narrativas em formatos documentais ou ficcionais (BESSA, 2019). Como as iniciativas jornalísticas independentes valorizam a pluralidade de fontes e de causas abordadas, a categorização surgiu de forma essencial para se entender como é feita essa diversidade em ambos portais. Foram identificados assuntos referentes à pressão social e à repressão de mulheres na Arábia Saudita, questões religiosas, violências de regimes ditatoriais, violência doméstica contra a mulher, racismo, questões indígenas, casamentos forçados, relações familiares, juventude, etc.

Em comparação com as outras categorias, essa tem como intuito apresentar as diversidades geográficas e de temáticas abordadas pelos curtas e longas metragens produzidos por mulheres. Enquanto isso, a primeira categoria diz a respeito da presença das mulheres – menções à diretoras, atrizes, cineastas, roteiristas –, já a segunda é relacionada às abordagens interseccionais e de dados relacionados ao fim da desigualdade de gênero, enquanto a terceira categoria é conectada com a presença de diversas temáticas e nacionalidades, encontradas em curtas e longas-metragens, na maioria ligados ao cinema independente.

Um exemplo de diversidade de temática abordada é encontrado na entrevista feita pela jornalista Luísa Pécora com a diretora Haifaa Al Mansour, do filme *A Candidata Perfeita* (2019), no qual a história se passa na Arábia Saudita. Em um trecho da entrevista, a jornalista

pergunta o que fez a diretora voltar ao local de nascimento para contar a história.

Luísa: O que fez você querer voltar à **Arábia Saudita** para contar esta história?

Haifaa Al Mansour: Grandes mudanças estão acontecendo na **Arábia Saudita**, e senti que queria contribuir no sentido de encorajar as pessoas a tirar proveito dessas mudanças positivas. Passamos por um longo período no qual nada mudava, no qual parecia impossível haver qualquer abertura ou relaxamento das restrições culturais sob as quais vivíamos, especialmente no que dizia respeito à **vida das mulheres**. Agora, no entanto, tem sido até difícil acompanhar o ritmo das mudanças. O desafio, então, é encorajar as pessoas a saírem às ruas e aproveitarem as oportunidades que passaram a ter. Especialmente para as **mulheres**, uma enorme mudança de pensamento será necessária para que possam compreender e abraçar completamente as liberdades que agora podem explorar (MULHER NO CINEMA, 2021d).

Em *A Candidata Perfeita*, a diretora apresenta uma visão honesta da Arábia Saudita, conduzindo temáticas sobre a pressão social das mulheres, as questões artísticas e as relações familiares. No trecho acima, Haifaa Al Mansour comenta sobre as diferenças entre a gravação deste filme e seu primeiro longa, *O Sonho de Wajda*. Gravado diretamente de uma *van*, em 2011, a diretora seguia regras e leis da sociedade saudita, que incluíam a proibição de uma mulher ser vista trabalhando ao lado de um homem. Era um período em que qualquer forma pública de expressão artística era hesitada pela sociedade. Nos últimos anos, com reformas nas leis, Haifaa conseguiu gravar seu longa *A Candidata Perfeita* com direito a interagir com atores e colegas da equipe. A matéria do *Mulher no Cinema* é fundamental para entender as transformações das leis e das regras que regiam os demais espaços da sociedade da Arábia Saudita. Também é uma oportunidade dos leitores estarem em contato com uma diversidade de produções audiovisuais realizadas por mulheres e que contribuem para uma amplitude de culturas.

Figura 8 - Cena do filme A Candidata Perfeita (2019)



Fonte: Divulgação / Mulher no Cinema

Em 02 de setembro de 2020, é observado que o episódio do podcast do *Feito por Elas* consistiu na história do filme *Atlantique* (2019), dirigido pela cineasta francesa de origem senegalesa Mati Diop. O longa é um drama que aborda temáticas pós-coloniais sobre o capitalismo tardio no Senegal. Isabel Wittmann, em entrevista para esta monografia, explica que há um planejamento realizado por ela e pelas colaboradoras em relação às diretoras que serão abordadas, em especial, nos episódios do podcast.

No início era muito marcado o **rodízio de continentes**. A gente tem um Excel uma lista das **diretoras separadas por continentes**, então assim, esse próximo programa vai ser da **Ásia**, o próximo programa vai ser da **África, América, Oceania** e a gente ficava intercalando [...] Então, hoje, a gente divide mais, em vez de entre continentes, pensando entre **diretoras históricas e diretoras contemporâneas**. Então, a gente tem listas de filmes que fizeram sucesso dos anos 90 para cá, individuais, e diretoras que tiveram importância histórica dos anos 80 para trás (WITTMANN, 2021).

Em 02 de outubro, a *Mulher no Cinema* fez uma lista de filmes brasileiros e internacionais dirigidos por mulheres para se ver online por meio do Festival Olhar de Cinema, de Curitiba. Um dos filmes indicados é o *O Bem Virá*, da diretora Uilma Queiroz, que traz a história de mulheres grávidas que vivem no período de seca em Pernambuco. O documentário apresenta a luta pela sobrevivência, no qual a mulher se limitava ao compromisso de gerenciar a sua própria miséria. Sobre a diversidade de regionalização, a jornalista Luísa Pécora, em entrevista com a produtora Aletéia Selonk, traz essa questão em debate, relacionando-se com a produção audiovisual brasileira, uma vez que há uma presença maior do eixo Rio-São Paulo no cinema brasileiro de massa.

Você é do Paraná, a Okna tem sede em Porto Alegre e muitos dos filmes do catálogo foram realizados na **região Sul do Brasil**. Na sua opinião, **qual a importância de fortalecer profissionais, empresas e produções de diferentes regiões do país?**

Sou uma entusiasta do tópico da **regionalização** da produção audiovisual. Em um país continental como o Brasil, os imaginários, paisagens e costumes são um patrimônio importantíssimo do nosso país e precisam chegar às nossas narrativas audiovisuais. Ao mesmo tempo, arranjos produtivos regionais ativos e saudáveis contribuem para a engrenagem do que entendemos como a indústria audiovisual brasileira. **É muito importante que o potencial do setor** – econômico, cultural, social e até mesmo ambiental – **possa estar distribuído e representado em todas as regiões do país de modo a participar do contexto da sociedade que queremos** (MULHER NO CINEMA, 2021f).

Sendo assim, a busca por uma pluralidade de fontes, de causas abordadas e de regionalidades contribui para a diversidade de temáticas a serem observadas nos portais. Geralmente, a maioria das produções de conteúdos sobre cinema e cultura nos meios de comunicação convencionais são voltados para o mercado cinematográfico de Hollywood. Ou seja, são divulgados longas-metragens que estão em ascensão nas principais bilheterias de cinema. A importância de uma diversidade geográfica é reforçada para que os leitores e os ouvintes – no caso do podcast *Feito por Elas* – estejam em contato com uma diversidade de culturas e temáticas abordadas. Dentre as nacionalidades das diretoras, atrizes e roteiristas mencionadas por ambos portais estão: belgas, neozelandesas, espanholas, franco-libanesas, sauditas, australianas, latino-americanas, iranianas, estadunidenses, francesas, inglesas, muçulmanas e brasileiras. Luísa Pécora entrevistou a australiana Katie Found, do filme *Meu Primeiro Verão*. Ela contou um pouco sobre como é ser uma diretora mulher na indústria cinematográfica da Austrália.

Luísa: Você é a **primeira cineasta da Austrália que entrevisto para o Mulher no Cinema**. Gostaria de saber um pouco sobre como é ser mulher e trabalhar no audiovisual do seu país.

Katie Found: Infelizmente as **mulheres** ainda precisam lutar para serem ouvidas da mesma forma que os homens nesta indústria. **Histórias centradas em jovens mulheres, e especialmente jovens mulheres queer, são facilmente esquecidas**. Alguns consideram histórias assim como “ingênuas”, o que é uma pena. O amor jovem e queer é poderoso e transformador. Precisamos dele nas nossas telas (MULHER NO CINEMA, 2021g).

Como relatado pela diretora australiana, é possível observar que há uma invisibilidade de produções cinematográficas que abordem temáticas LGBTQIA+ e de gênero. Nesta matéria, é possível encontrar códigos referentes às categorias “mulher como protagonista”, “visibilidade” e “diversidade de causas abordadas”. A última categoria faz referência ao fato da história ser contada por uma diretora australiana, no qual aborda questões

sobre amor na juventude e lesbianidade. Diferente das temáticas *queer* frequentemente hiperssexualizadas, *Meu Primeiro Verão* narra o início do amor entre duas jovens, de forma autêntica e sensível, que possuem vidas distintas em uma mesma região rural da Austrália.

Figura 9 - Cena do filme *Meu Primeiro Verão*, da australiana Katie Found



. Fonte: Divulgação / Mulher no Cinema

Em relação à diversificação de temáticas, foi possível verificar na amostra consultada causas abordadas referentes à família, laços afetivos, amizades, juventude, medo, tecnologia, desejo, capitalismo, regimes ditatoriais e governo atual brasileiro. Na história da mídia imprensa feminina brasileira, discutida no segundo capítulo desta monografia, algumas dessas temáticas mencionadas pelos portais eram incluídas em produções escritas pela imprensa, uma vez que tratavam de assuntos “tipicamente” femininos para a época, como relações familiares e amorosas. No entanto, além dessas temáticas, alguns dos filmes divulgados pelas iniciativas *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*, seja por meio de análise ou de indicações de listas, apresentam assuntos que são voltados à esquerda e ao feminismo. Sendo, portanto, temáticas encontradas, geralmente, na imprensa feminista, uma vez que eram majoritariamente contra-hegemônicas e buscavam os direitos das mulheres e a ideia de igualdade entre gêneros.

A jornalista Luísa Pécora, por exemplo, em uma matéria sobre filmes para assistir no Festival Olhar de Cinema, de Curitiba, indicou o documentário “As Preces de Delfine”, de 2021. A história narra a vida de uma jovem negra de Camarões que vive na Bélgica. O documentário aborda os padrões de dominação patriarcal, além de retratar situações de violência sexual, em que mulheres africanas são extremamente afetadas.

Figura 10 - Cena do documentário *As Precês de Delfine* (2021)



Fonte: Divulgação/Mulher no Cinema

Ainda sobre a diversidade de temáticas, em agosto de 2020, o *Feito por Elas* realizou um episódio de podcast sobre o filme *A Culpa é do Fidel* (*La Faute à Fidel!*, 2006), estreia da cineasta Julie Gavras, em que mostra a problemática da ditadura cubana sob a visão de uma menina de 9 anos de idade que vive uma vida burguesa durante a década de 1970. O programa foi apresentado por Isabel Wittmann e Kel Gomes. Não foi somente o portal *Feito por Elas* que buscou trabalhar a temática dos regimes ditatoriais a partir de um recorte de gênero. O *Mulher no Cinema*, em uma lista de filmes de diretoras mulheres em *streaming* durante o mês de setembro de 2021, indicou um curta-metragem intitulado *Torre*, da diretora brasileira Nádia Mangolini, que, por meio da animação, apresenta o impacto da ditadura militar em uma família. Ademais, a jornalista Luísa Pécora, ao entrevistar a diretora Lucia Murat, discute sobre essa temática ser trabalhada por mulheres, como pode ser visto no trecho a seguir:

Luísa Pécora: Há algum desafio específico para os cineastas que querem abordar esse período [ditadura]? Algum **tema** que deveria ser mais explorado ou algo que é importante ter em mente?

Lucia Murat: O personagem principal do meu próximo filme, *O Mensageiro*, é um soldado. Sempre tive muita dificuldade de lidar ficcionalmente com o lado de lá e acho que lidar com torturador para mim é quase impossível. Mas é um filme interessante porque trabalho com dois personagens que em geral são vistos de forma secundária: a mãe de uma presa política e um soldado. E há uma possibilidade de diálogo entre os dois, que acho importante neste momento de polarização. Essa discussão é interessante também: **tanto valorizar os personagens que normalmente não são trabalhados quanto o diálogo entre eles e a discussão de como a violência repercute neles** (MULHER NO CINEMA, 2021e).

A diretora Lucia Murat, uma das mais importantes cineastas brasileiras, abordou a ditadura militar em dois longas que dirigiu, são eles: *Que Bom Te Ver Viva* e *Ana, Sem Título*. Sob a perspectiva de gênero, o tema também teve destaque na imprensa feminista, marcando a segunda onda do movimento (SARMENTO, 2019). Nesta categoria, a diversidade de causas abordadas apareceu para assegurar a busca pela pluralidade de assuntos em iniciativas jornalísticas independentes, que possuem como particularidades as abordagens feministas e esquerdistas.

4.4. Subjetividade no discurso jornalístico nos portais *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*

A subjetividade no discurso jornalístico é a quarta categoria encontrada na amostra consultada. Essa característica é mencionada em alguns materiais acadêmicos que estudam projetos jornalísticos independentes com perspectiva de gênero, como os portais *Az Mina* e *Catarinas*, duas iniciativas feministas que abordam temáticas referentes à violência de gênero, aos direitos das mulheres e aos estereótipos de gênero. O próprio recorte das iniciativas é compreendido como uma quebra da neutralidade, uma vez que há um ponto de vista a ser defendido (GARCEZ; SILVEIRINHA, 2020). A subjetividade feminina pode ser entendida como uma formação de multiplicidade de condições de dominação e de sujeição que ocorreram na sociedade contemporânea (SANTOS E TEMER, 2016). Na mídia convencional, há uma prática desigual em relação ao gênero observada na produção de conteúdos e na representação das mulheres (GARCEZ E SILVEIRINHA, 2020). Porém, é importante destacarmos que ao assumir a subjetividade no discurso jornalístico não consiste na rejeição da objetividade (SCHANDER, 2021). Apesar de algumas matérias consultadas e no discurso das criadoras durante a entrevista apontarem uma quebra da neutralidade, entendemos que a objetividade e a subjetividade são complementares.

Primeiramente, antes de analisar as reportagens consultadas de ambos os portais, é possível perceber que ambos os portais aplicam essa subjetividade, uma vez que, ao estabelecerem o recorte de gênero, buscam quebrar o tradicional que é noticiado e divulgado em grandes meios de comunicação, como é comentado por Isabel Wittmann em entrevista para a monografia:

Essa questão da **imparcialidade**, da **objetividade**. Então, a gente acaba assumindo que esse não é o nosso lugar, né? O próprio recorte já leva esse encaminhamento, né? [...] Então, essa objetividade, eu não vou dizer que não seja um desejo nosso, mas eu entendo que, do ponto de partida, ela já é colocada em cheque porque a ilusão da objetividade é o que nos faz ter hoje um maior número de homens na crítica e um

maior número de filmes é dirigidos e escritos por homens sendo criticados, porque se entende que isso como uma **neutralidade**, né? E a **visão objetiva é ignorar. Não enxergar gênero, não enxergar raça, não enxergar classe e tudo mais. Então, se a gente tá enxergando esses marcadores, a gente já tá partindo de uma não-objetividade** (WITTMANN, 2021)

A prática jornalística é fortemente influenciada pelas desigualdades sociais, mantidas pelo sistema capitalista e patriarcal (GARCEZ E SILVEIRINHA, 2020). Então, apesar da objetividade ser associada à busca da verdade, como defendido por autores como (SCHUDSON, 2001, *apud* GARCEZ E SILVEIRINHA, 2020), o jornalismo objetivo é visto como uma representação do senso comum, que é relacionado aos ideais hegemônicos e patriarcais, inviabilizando, assim, a presença de grupos minoritários (GARCEZ E SILVEIRINHA, 2020). Isabel Wittmann, do *Feito por Elas*, acredita que o jornalismo objetivo ignora esses marcadores sociais, como observado no trecho acima. Sendo assim, ela confirma que a característica subjetiva se tornou presente em suas análises e matérias desde a escolha de se criar uma iniciativa com um recorte na mulher do cinema. Porém, entendemos nesta análise que a subjetividade surge como um complemento, uma vez que há nas matérias uma presença de objetividade, como também de marcadores que apresentam um posicionamento crítico e uma opinião pessoal das autoras.

Para a categorização, os códigos agrupados e analisados foram: crítica a premiação, racismo estrutural em mulheres, invisibilidade de mulheres artistas, reflexos de uma sociedade conservadora e patriarcal. Nesta categoria, é perceptível outras formas de subjetividade, como, por exemplo, a feminina. Ambos portais utilizam da subjetividade feminina para definir os objetivos das iniciativas, a escolha das diretoras a serem abordadas, o recorte decidido nos títulos e nos conteúdos das matérias de listas e de indicações, assim como também na sustentação de um posicionamento crítico.

No *Feito por Elas*, as autoras fazem análises críticas de curtas e longas-metragens, utilizando a linguagem em primeira pessoa para exprimir a sua opinião. É possível perceber em uma crítica por Isabel Wittmann sobre o filme *Aos Treze*, de 2003, da diretora Catherine Hardwicke, a aplicação:

Nessa época **já tinha saído da casa dos meus pais**, mas **ainda estava em uma fase de querer descobrir quem eu era, me afirmar como indivíduo**, então, apesar da idade mais velha que as protagonistas, ainda se estabelecia uma certa identificação. **Mesmo assim lembro de ter achado meio exagerado. Revendo agora quase 20 anos depois não achei tão pesado nos temas que aborda**, mas com outra perspectiva em relação à idade, achei as meninas muito novas (FEITO POR ELAS, 2020d¹²⁴)

¹²⁴ FEITO POR ELAS. *Aos Treze (2003)*, 2020d. Disponível em: <https://feitoporelas.com.br/aos-treze-2003/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

Neste trecho acima, a autora relata uma experiência própria para fazer a crítica do filme, empregando características de si mesma. A partir do seu olhar, das suas vivências e suas experiências, Isabel compartilha sua opinião a respeito do filme. No exemplo, inicialmente, a autora do texto havia assistido o longa quando era mais nova, porém, ao reassistir após 20 anos, ela passou por outras experiências, obtendo novas perspectivas. Outro exemplo é tirado do *Feito por Elas*, que fez uma matéria indicando o curta “In my room”, de 2020, para seus leitores. Nela, a autora também escreveu o texto em primeira pessoa, manifestando-se como sujeito. “Assisti a esse curta certeiro da Mati Diop na condição atual de isolamento, praticando a tradução literal do título In my Room (“em meu quarto”), com vozes mentais rodando em minha cabeça” (FEITO POR ELAS, 2020e¹²⁵). *In my room* é um curta da diretora e atriz Mati Diop, que narra a transformação do olhar feminino por meio de um escape a um universo imaginário. A escolha do curta-metragem também confirma a primeira categorização “mulher como protagonista” por ser uma matéria sobre uma diretora mulher sob a perspectiva feminina na condição atual de isolamento. Outra indicação realizada pelo *Feito por Elas* foi o anime *Aggretsuko*¹²⁶, da personagem Sanrio da Hello Kitty. O texto também foi escrito em primeira pessoa, no qual a autora coloca seus comentários pessoais em evidência.

Além da utilização da primeira pessoa, foram identificadas marcas de uma linguagem informal, constituída por gírias, como observado no trecho da matéria sobre o anime *Aggretsuko*: “Berrar guturais incompreensíveis é a forma da bichinha de desabafar da rotina hostil em um ambiente de trabalho cheio de desafios e abusos (eu fazia algo bem semelhante quando era mais *xovem*)” (FEITO POR ELAS, 2020f).

É importante ressaltar que em iniciativas jornalísticas com perspectiva de gênero é perceptível a presença da aplicação do cotidiano ou suas próprias vivências nos textos. A categorização relacionada à subjetividade surge assim como uma forma de sustentação de um posicionamento crítico. É possível observar em notícias sobre premiações, eventos ou festivais, em especial os mais conhecidos como Oscar e o Emmy. Geralmente, a informação se manifesta por meio do recorte de gênero, raça ou localização geográfica. Em *Feito por Elas*, por exemplo, Isabel Wittmann, em sua análise sobre o filme *Aos Treze*, de Catherine Hardwick, destaca brevemente a vida profissional da diretora, mas também busca uma reflexão sobre a falta de

¹²⁵ FEITO POR ELAS. **In my room (2020)**, de Mati Diop, 2020e. Disponível em: <https://feitoporelas.com.br/in-my-room-2020-de-mati-diop/>. Acesso em: 19 jan. 2022.

¹²⁶ FEITO POR ELAS. **Aggretsuko**, 2020f. Disponível em: <https://feitoporelas.com.br/aggretsuko/>. Acesso em: 19 jan. 2022.

direção feminina em franquias de filmes. Catherine teve, em 2008, a experiência de dirigir o primeiro filme da saga Crepúsculo, que arrecadou mais de 400 milhões, um sucesso em termos financeiros.

Com o sucesso, ela [Catherine] **foi afastada da direção dos outros filmes**, que foram todos dirigidos por homens e como o filme foi considerado ruim, ela também teve dificuldades de conseguir arrumar outros trabalhos. **Em uma entrevista para a Vanity Fair ela diz “depois de Crepúsculo, vieram mais 4 filmes da franquia, 3 Divergentes, 4 Jogos Vorazes, e nenhum deles foi dirigido por uma mulher. Isso partiu meu coração”.** **Quantos diretores de filmes “ruins” de franquias, com bom desempenho comercial, não são premiados com mais trabalhos bem remunerados em filmes ruins de franquias?** (FEITO POR ELAS, 2020d).

Ao comentar sobre a entrevista da diretora para a Vanity Fair, o portal *Feito por Elas* assume um posicionamento em relação à invisibilidade de diretoras mulheres em filmes de sagas ou franquias. Apesar do bom desempenho comercial da diretora, Catherine ainda esteve de fora dos outros filmes de Crepúsculo. Além disso, é incluída uma informação que outras sagas, franquias e trilógias do universo *teen* não foram dirigidas por mulheres.

No portal *Mulher no Cinema*, foi publicada uma matéria sobre a premiação do Emmy, em que, pela primeira vez, mulheres venceram nas categorias de drama e de comédia. Na matéria, a jornalista Luísa Pécora assume um posicionamento ao fazer uma crítica à falta de mulheres não brancas nas indicações das categorias citadas.

Nenhuma das duas categorias premiou mulheres não brancas até agora. Em 2021, também houve prêmios de roteiro para mulheres: a inglesa Michaela Coel venceu na categoria de minissérie por *I May Destroy You*; e Aniello ganhou roteiro de comédia por *Hacks*, numa parceria com Jen Statsky e Paul W. Downs [...] Coel foi uma das poucas pessoas não brancas a receber um prêmio na edição deste ano do Emmy. Aliás, não houve nenhum ator ou atriz negro premiado, apesar do número recorde de indicados. Embora não tenha vencido, Mj Rodriguez fez história como a primeira mulher trans a ser indicada a melhor atriz de série dramática, tendo sido reconhecida pelo trabalho em *Pose* (MULHER NO CINEMA, 2021h¹²⁷).

A matéria traz como informação um olhar referente à invisibilidade da presença de mulheres negras na premiação do Emmy. Além disso, na matéria, Luísa ressalta a nomeação da atriz Mj Rodriguez por ter feito história como a primeira mulher trans a ser indicada. Sendo assim, como é possível observar nos materiais consultados, a subjetividade também aparece no discurso jornalístico para assumir um posicionamento crítico, utilizar a linguagem pessoal e

¹²⁷ MULHER NO CINEMA. **Pela primeira vez, mulheres vencem Emmy de direção de drama e comédia**, 2021h. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/noticias/pela-primeira-vez-mulheres-vencem-emmy-de-direcao-de-drama-e-comedia/>. Acesso em: 22 jan. 2022.

quebrar a imparcialidade. Além dessas particularidades descritas, os próprios portais se assumem subjetivos devido ao recorte de gênero em suas produções.

4.5. Agenda cinematográfica nos portais *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*

Nas categorias anteriores, analisamos de que forma a mulher aparece como protagonista nas produções jornalísticas, além de observarmos de que maneira são realizadas a visibilidade de mulheres e de determinadas temáticas, a diversidade de causas abordadas e, por fim, a subjetividade do discurso jornalístico nos materiais consultados. Essas categorias alcançaram, de certa forma, a mulher como protagonista e a pluralidade de temáticas, características de iniciativas jornalísticas com perspectiva de gênero.

Sendo assim, nesta categoria, nos códigos identificados em comum, surgiu uma sequência de elementos relacionados à agenda cinematográfica. São códigos que dizem a respeito a algumas matérias de serviço e, além disso, trazem como temáticas principais: estreia de curtas e longas-metragens em cinemas brasileiros ou em plataformas de streaming, notícias sobre festivais, oficinas, mostras e eventos de cinema nacional e internacional, além de dicas e de indicações de listas de filmes com perspectiva de gênero. Dessa forma, a categoria não poderia estar fora da análise do discurso.

Como foi observado no segundo capítulo desta monografia e na categoria sobre mulher como protagonista, a imprensa feminina surgiu para divulgar informações e acontecimentos sobre literatura, teatro e moda. De certa forma, as duas iniciativas analisadas neste trabalho possuem características dessa imprensa feminina, uma vez que a maioria das matérias são de serviço vinculados a um tipo de entretenimento, que é o cinema. No entanto, com a inclusão de alguns dos elementos encontrados nas categorias analisadas anteriormente, as iniciativas também podem ser associadas à imprensa feminista, visto que se preocupam com questões de interseccionalidade, assumem um ponto de vista sobre assuntos relacionados a problemas de gestão política, além de terem um recorte subjetivo na figura da mulher que trabalha em produções audiovisuais no Brasil e no mundo.

Ao trazer essa contextualização, serão realçadas algumas das matérias consultadas para este trabalho. O *Mulher no Cinema*, no dia 20 de outubro de 2021, por exemplo, fez matéria sobre o filme iraniano independente *Yalda - Uma Noite de Perdão*, protagonizado pela atriz Sadaf Asgari. A matéria é enquadrada como uma pauta de serviço, voltada para o entretenimento, por constar como conteúdo o lançamento do trailer. Uma informação também pertinente é a linguagem utilizada: “vídeo divulgado com exclusividade”, que reforça a

importância dos conteúdos publicados pelo portal. Apontar a exclusividade também é uma forma de enaltecer o prestígio e a legitimidade deste veículo de comunicação, ao propiciar conteúdos relevantes ao seu público antes da concorrência.

Figura 11 - Matéria sobre trailer divulgado com exclusividade pelo Mulher no Cinema

Veja o trailer de “Yalda”, filme iraniano premiado em Sundance

videos Redação - 20 de outubro de 2021



Premiado no Festival de Sundance, o drama iraniano *Yalda – Uma Noite de Perdão* chega aos cinemas brasileiros em 4 de novembro, com distribuição da Imovision. Protagonizado pela atriz Sadaf Asgari, *Yalda* é o segundo longa de ficção de Massoud Bakhshi, diretor de *A Respectable Family* (2012).

Yalda é uma coprodução do Irã com França, Alemanha, Suíça e Luxemburgo. No Festival de Sundance, o ganhou o prêmio de melhor filme de ficção da competição internacional. No Festival de Berlim, foi exibido na mostra Generation 14plus do Festival de Cinema de Berlim, dedicada a filmes com temas ligados à juventude.

Veja o trailer de *Yalda*, divulgado com exclusividade pelo Mulher no Cinema:



Fonte: Reprodução/Mulher no Cinema

O *Mulher no Cinema* também trabalha pautas de estreias de produções audiovisuais em plataformas de streaming. Em 7 de outubro de 2021, foram divulgados cinco filmes da diretora belga Chantal Akerman disponíveis no Supo Mungam Plus, plataforma brasileira de streaming pouco conhecida. Também em outubro, durante a Mostra de São Paulo, foram divulgados oito longas-metragens realizados por mulheres. Além das exibições dos

filmes pela plataforma Mostra Play, os títulos também estavam disponíveis nas plataformas Itaú Cultural Play e Sesc Digital. Além disso, durante os meses de agosto, setembro e outubro, período escolhido de análise do material, a jornalista Luísa Pécora produziu listas com dicas de filmes dirigidos por mulheres para assistir online, em plataformas de streaming como Netflix, HBO Max, Amazon Prime Video, Now, Telecine, Belas à La Carte, Supo Mungam Plus, GloboPlay, Reserva Imovision, entre outras. Em entrevista para a monografia, Luísa Pécora afirma que, dentre os conteúdos feitos para o projeto, realizar entrevistas é a sua parte preferida, porém ela entende que produzir listas com dicas de filmes dirigidos somente por mulheres é necessário para deixar o público em contato com aquelas produções, assim como a importância de diversificar as fontes.

Para as pessoas, [lista] é muito bom. Você vai ao cinema, principalmente se for um cinema grande assim de shopping, não vão ter cinco ou dez filmes dirigidos por mulheres, vão ter dois, né? E se tiver dois, às vezes não tem nenhum. Ou você abre a Netflix e não é algo que está ali para você. **Então, tem os filtros, que no jornalismo também existe isso porque, você vai fazer uma matéria sobre “filmes de terror de grandes diretores que você precisa assistir”.** E vocês como jornalistas sempre foram nos mesmos: Hitchcock, Tarantino, etc, entende? Você colabora para esse mesmo cânone. **Eu tenho um trabalho que é de diversificar isso, não é só em lista, mas também para entrevistar alguém. Quem é essa fonte? Será que não tem uma roteirista negra que possa falar nossa matéria sobre roteiro?** (PÉCORA, 2021).

O *Feito por Elas* também faz listas com dicas de filmes com perspectiva de gênero. Em setembro de 2020, o portal indicou quatro longas-metragens de diferentes propostas em que as personagens femininas vão à luta. Em agosto do mesmo ano, para celebrar as profissionais que desempenham a função de roteirista, o portal fez uma curadoria de cinco filmes disponíveis no catálogo do Telecine, com roteiros criados por mulheres. É importante ressaltar que, dentre a pequena amostra coletada, a iniciativa realizou essas duas matérias, em parceria com o Telecine, o que acrescenta um interesse comercial às publicações - para agregar audiência especificamente para este parceiro do projeto jornalístico. O *streaming* foi um dos parceiros da iniciativa e Isabel, em entrevista, relata sobre essa parceria e a produção desses conteúdos:

A gente até teve parceria por cerca de um ano com o Telecine. Então, nós produzimos conteúdo que era patrocinado pelo Telecine com indicações de filmes que estavam disponíveis no catálogo. **A gente dava aquela “cavucada” legal no catálogo deles para dar dicas, mas, realmente, isso tem a ver com o que a gente se interessa, fazendo isso com a qualidade que a gente gostaria de ter para que as pessoas reconhecessem o conteúdo que a gente está produzindo.** Então, a gente produziu tanto listas de indicação lá no site, quanto também nas “chamadinhas” na abertura do programa, spots, né? (WITTMANN, 2021).

Além das listas com dicas de curtas e longas-metragens, os portais fazem

publicações em seus portais sobre premiações, mostras e eventos do universo cinematográfico. É importante ressaltar que todas essas notícias possuem como recorte o protagonismo feminino, ou seja, são matérias que trazem em seus títulos menções a diretoras, roteiristas, cineastas ou a presença dessas mulheres nos eventos. No portal *Mulher no Cinema*, dentre os festivais e mostras de cinema mencionadas estão: Festival de Cannes, Cabíria Festival - Mulheres & Audiovisual, Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, Emmy internacional, Festival de Veneza, Festival de Gramado, Festival de Curtas, Mostra de São Paulo, Olhar de Cinema - Festival Internacional de Curitiba e Sundance. No *Feito por Elas*, na amostra coletada, foi produzida uma notícia de serviço sobre o Olhar de Cinema - Festival Internacional de Curitiba (edição 2020), porém outros eventos, como o Festival de Veneza e o Festival de Curitiba, são mencionados em suas análises críticas de longas-metragens.

Figura 12 - Matéria sobre o festival Olhar de Cima no portal Feito por Elas



NOTÍCIAS

Confira os filmes dirigidos por mulheres para ver no Olhar de Cinema

6 de outubro de 2020

O 9º Olhar de Cinema – Festival Internacional de Curitiba começa amanhã, dia 7 de outubro. A cerimônia de abertura vai acontecer às 19h do dia 7 de outubro e será transmitida pelo [canal do youtube do Festival](#).

Para Onde Voam as Feiticeiras, de Eliane Caffé, Carla Caffé e Beto Amaral, é o filme de abertura. O longa une encenações e improvisos de sete artistas de rua de São Paulo, expondo a permanência de antigos preconceitos de classe, gênero e raça. É a estreia do documentário, que foi selecionado para o *Cinelatino Rencontres de Toulouse*, mas não chegou a ser exibido em virtude da pandemia de COVID-19.

Fonte: Feito por Elas

A matéria acima trata do Festival Olhar de Cinema, que reúne produções nacionais e internacionais do cinema independente, ou seja, aquelas de baixo orçamento. Além disso, foi possível perceber, durante a análise dos materiais, que há uma atenção maior pela divulgação de filmes independentes ao invés do cinema *mainstream*, filmes encontrados nas salas de cinemas de grandes shoppings. Geralmente, os filmes de baixo orçamento estão disponíveis em

plataformas de *streamings* pouco conhecidas, como o Mubi, por exemplo. No *Mulher do Cinema*, das 25 matérias consultadas, 22 mencionam filmes independentes, sejam brasileiros ou internacionais. As outras três matérias são sobre a premiação do Emmy internacional, que mencionam séries de televisão que possuem destaque na indústria cinematográfica, como *The Crown*, *The Handmaid's Tale* e *O Gambito da Rainha*, produções que estão disponíveis nas grandes plataformas de *streaming*.

No caso do *Feito por Elas*, das 15 matérias analisadas, 13 mencionam filmes independentes, enquanto duas matérias indicam filmes como *O Diabo Veste Prada* (2006), inspirado no livro de Lauren Weisberger e com roteiro adaptado por Aline Brosh McKenna, e o *E.T.: O Extraterrestre* (1982), dirigido por Steven Spielberg e roteiro de Melissa Mathison. A presença de uma maior quantidade de filmes independentes mencionados em seus conteúdos é importante para entender a busca por uma produção diferenciada da encontrada nos principais portais de notícia sobre cinema do Brasil.

4.6. Similaridades e diferenças: breve análise comparativa entre os portais

Os portais *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas* são duas iniciativas jornalísticas independentes de propostas similares, uma vez que abordam assuntos do universo cinematográfico por um olhar dos estudos de gênero. Foi possível confirmar essa similaridade por meio da análise dos códigos agrupados para a formação das categorias. Primeiramente, as duas iniciativas procuram destacar as mulheres em suas produções. O protagonismo se manifesta por meio da divulgação de filmes produzidos por mulheres, além do próprio olhar subjetivo de cada colaboradora do site. As iniciativas também têm como propósito fazer abordagens interseccionais em seus conteúdos, além de diversificarem as temáticas e as fontes de suas produções. É possível identificar uma diversidade, por exemplo, de causas abordadas. Há temáticas sobre acessibilidade, pessoas trans, negras. Todas inseridas em um assunto principal: o cinema.

Apesar de uma vasta diversidade de nacionalidades, infelizmente, na pequena amostra coletada, não foram encontrados grandes resultados referentes a uma diversidade de raça e orientação e/ou identidade sexual no *Feito por Elas* ao se comparar com o portal *Mulher no Cinema*. Já a mulher como protagonista se encontra em toda a amostra consultada de ambos portais. Mas é importante destacar que há uma diferença quantitativa entre os materiais consultados para a análise. O período de recorte foi de três meses, em *Mulher no Cinema* foram investigadas 25 matérias publicadas em 2021 e, em *Feito por Elas*, foram 15 matérias analisadas

de 2020. As criadoras dos sites, em entrevistas para a monografia e nas páginas do “Quem somos”, afirmam que buscam trabalhar com olhares diversos para as questões de classe, raça e orientação e identidade sexual. Porém, no material aqui analisado, das 15 matérias do *Feito por Elas*, apenas duas se referiram ao protagonismo da mulher negra e uma à temática LGBTQIA+, na qual esta última era a indicação do filme sobre Indianara Siqueira, ativista trans e uma das idealizadoras da *Casa Nem*, espaço para pessoas LGBTQIA+ que se encontram em situação de vulnerabilidade, como observado abaixo:

Dirigido pela francesa radicada no Brasil Aude Chevalier-Beaumel e pelo brasileiro Marcelo Barbosa, *Indianara* (2019) foi indicado a Palma Queer no Festival de Cannes e apresenta a **trajetória da ativista trans Indianara Siqueira**. Mulher revolucionária, ela é uma das idealizadoras da Casa Nem, abrigo para pessoas LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade, no Rio de Janeiro. O longa documenta – entre o político e o pessoal e de maneira bastante próxima – o cotidiano afetivo e também os atos de resistência da protagonista em meio às ameaças e violências constantes vividas pelas **pessoas trans no Brasil**. Há registros de Marielle Franco e também da repercussão da morte dela, que trazem ainda mais camadas ao longa (FEITO POR ELAS, 2020b).

Figura 13 - Cena do documentário sobre a trajetória da ativista trans Indianara Siqueira



Fonte: Divulgação/Feito por Elas

Em relação ao material consultado pelo Portal *Mulher no Cinema*, foi perceptível pelo menos 12 matérias que tiveram como destaque o protagonismo da mulher negra de um total de 25 textos analisados. Além disso, em relação às questões LGBTQIA+,

foram seis matérias das 25 matérias consultadas. Um dos filmes analisados por Luísa Pécora foi o *Meu Primeiro Verão*, da diretora australiana Katie Found, um longa com temática lésbica que esteve nos principais festivais de cinema LGBTQIA+ ao redor do mundo. Abaixo, está um trecho da matéria:

A **diretora australiana Katie Found** encontrou na internet o impulso que faltava para realizar seu primeiro longa-metragem, *Meu Primeiro Verão*. Na ocasião, ela buscava o que definiu como “um bom **filme queer**”, capaz de “expressar a conexão queer de forma autêntica e bonita”. Diante da dificuldade de encontrar o que queria, decidiu que era hora de colocar no papel – e na tela – a história de amor que há tempos ela tinha na cabeça (MULHER NO CINEMA, 2021g).

Da mesma forma que há uma preocupação com a perspectiva de gênero em matérias sobre premiações e festivais de cinema, consideramos que deve haver uma atenção maior para as questões de classe, raça e orientação sexual, visto que há um apagamento maior em relação a essas temáticas na mídia convencional. Por exemplo, no Brasil, ser mulher e negra é sofrer duplamente (GALDINO, 2018). Então, para pôr fim à invisibilidade, é necessário preservar e exaltar o cinema negro nacional (OLIVEIRA, 2019). O *Mulher no Cinema* e o *Feito por Elas*, portanto, devem ser espaços para visibilizar obras de mulheres, mas contemplando as diferenças de temáticas abordadas.

Sobre as diferenças nas produções de conteúdo, o *Feito por Elas* tem como foco o podcast, comentando sobre filmes dirigidos por mulheres. O portal da iniciativa é um espaço para compartilhar os episódios do programa, assim como para colocar notícias e críticas ligadas ao universo cinematográfico. Atualmente, o *Feito por Elas* tem uma periodicidade maior nas redes sociais e no podcast. Devido a uma limitação na equipe, o portal atualmente está ativo apenas para compartilhar os episódios do programa de podcast e, geralmente, críticas em texto de longa-metragem disponíveis em mostras e festivais de cinema nacional e internacional. Quando existiam mais publicações em texto, os conteúdos eram focados em resenhas, críticas e listas com indicação de filmes para serem assistidos. Por isso, uma das justificativas de ter escolhido o ano de 2020 como análise é por haver mais produções de conteúdo textuais, que é o principal foco da análise.

Em *Mulher no Cinema*, o portal é considerado o “coração” da iniciativa. Diferente do *Feito por Elas*, todos os conteúdos são pensados para serem publicados no site. Nas redes sociais, por exemplo, são realizadas publicações secundárias sobre datas comemorativas, indicação de filmes e estreias. Além disso, a maioria do conteúdo publicado no portal é formada por notícias, entrevistas e listas com indicações de filmes feitos por mulheres. Em entrevista

para esta monografia, Luísa Pécora, do *Mulher no Cinema*, é questionada sobre uma menor presença de conteúdos opinativos e analíticos no portal.

Eu fazia mais críticas. Na pandemia, eu parei porque eu fiquei 20 meses sem falar sobre nada que estreava. Eu fiquei muito preocupada em incentivar as pessoas a irem às salas de cinema sem estar seguro ainda. E eu também tenho uma certa regra minha que, se eu entrevisto a diretora, eu não escrevo a crítica do filme porque eu acho que é um ou outro [...] Acho que tem muita crítica, é debate, podcast, gente conversando sobre as coisas, mas esse espaço da realizadora falar ele ainda é menor. Então acho que entrevista, notícias e lista são as coisas que eu publico mais (PÉCORÁ, 2021).

Diferente de Luísa, Isabel Wittmann, do *Feito por Elas*, explica sobre a atual rotina de produção de conteúdos, que são, geralmente, focados na crítica em texto ou em áudio, com os episódios do podcast.

Então, em virtude das demandas, eu até tentei começar um espaço de notícias no site, mas ele não foi para frente justamente pelas nossas demandas, pela falta de tempo para redigir adequadamente, porque a gente não queria simplesmente replicar os press releases. Então essa preocupação de, como eu falei, se é para fazer um conteúdo, que ele seja um conteúdo de qualidade para quem está consumindo, seja em termos de informação, de análise, o que for. Então, a gente acaba não produzindo notícias, especificamente, pela dificuldade que a gente tem de tempo para fazer essa cobertura. Então o foco acaba sendo, realmente, na crítica e na divulgação. No caso da divulgação, ela está focada mais nas redes sociais (WITTMANN, 2021).

Essa é a principal diferença entre os portais: enquanto o *Mulher no Cinema* tem uma quantidade maior de entrevistas, notícias e listas com dicas de filmes dirigidos por mulheres, o *Feito por Elas*, em suas publicações, faz uma reflexão crítica sobre determinado filme, série de televisão ou projeto feito por diretoras. Geralmente, as produções escritas do *Feito por Elas* possuem uma análise pessoal, de acordo com os conhecimentos de cada colaboradora. No entanto, apesar das iniciativas terem diferenças na rotina de produção, ambos projetos buscam o compartilhamento de curtas e longas-metragens realizados por mulheres, em especial, produções individuais, contribuindo, assim, para a visibilidade desses projetos ao colocarem as obras em contato com o público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho concentra-se no estudo de iniciativas jornalísticas que propõem conteúdos distintos dos encontrados no meio *mainstream*. São projetos que buscam pôr fim à representação de estereótipos e à invisibilidade de mulheres na mídia. Após pesquisas e estudos em relação ao jornalismo independente e ao jornalismo feminista, é possível entender que esse tipo de produção – com exceção às iniciativas mais conservadoras – tem como proposta de trabalho abordar assuntos sobre diversidade, sendo construído a partir de uma pluralidade de fontes e de pesquisas (SOUSA, 2020). Além disso, as iniciativas jornalísticas independentes podem ser entendidas como práticas positivas que ampliam a utilização democrática e igualitária na mídia (FERNANDES, 2014).

O objetivo principal desta pesquisa foi analisar, com abordagem qualitativa e comparativa, de que maneira a visibilidade de mulheres, que atuam dentro e fora das telas de cinema, é representada nas iniciativas jornalísticas *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*. Mesmo com algumas limitações, os portais buscam a superação dos estereótipos, além de estarem ligados a iniciativas conscientes sobre o papel da mulher na sociedade. Esses projetos, portanto, podem ser indutores da visibilização das mulheres que atuam na indústria cinematográfica, setor que também sofre com estereótipos, clichês e preconceitos.

Durante o processo de pesquisa, ao realizar as entrevistas com as fundadoras das iniciativas e ao observar os materiais consultados, entendemos que essa visibilidade feminina se constitui, em especial, por meio da divulgação das produções audiovisuais realizadas por essas mulheres. No *Mulher do Cinema*, há uma diferença ainda mais significativa em relação a essa visibilidade, uma vez que podemos identificar uma presença maior dessas mulheres nos conteúdos difundidos, sobretudo como fontes de entrevistas. Neste portal, observamos uma menor ênfase às análises críticas sobre os filmes (priorizada no *Feito por Elas*), porém o portal traz entrevistas aprofundadas com diretoras, produtoras e atrizes, ressaltando, principalmente, os desafios de ser mulher no mercado cinematográfico, além das dificuldades de se produzir produtos audiovisuais independentes, em meio à priorização dada pela mídia tradicional aos longas-metragens *hollywoodianos*, que quase sempre monopolizam os grandes cinemas do Brasil e as principais plataformas de *streaming*. Assim, esses conteúdos são necessários para potencializar a visibilidade das mulheres que atuam na construção de um cinema diferente, não hegemônico, em especial aquelas que trabalham nos bastidores, em cargos de direção e roteiro, por exemplo.

Já no *Feito por Elas* a visibilidade das mulheres aparece de uma forma distinta, por meio de conteúdos produzidos mais pessoais e analíticos. Como a maioria das produções são análises de curtas e longas-metragens, a visibilidade se dá pela seleção e divulgação desses materiais. Ou seja, é feita, inicialmente, uma curadoria de filmes e séries produzidos por mulheres e, em seguida, são feitas análises de forma crítica e pessoal, seja por meio dos episódios de *podcast* ou pela da comunicação escrita, e, assim, é feita a divulgação nos canais do projeto, possibilitando que o público passe a conhecer trabalhos cinematográficos feitos por mulheres.

Além disso, é importante destacar que os dois portais buscam trabalhar com uma abordagem interseccional. Neste contexto, ao pensar na figura feminina, são identificadas as múltiplas experiências vividas por mulheres que são marcadas não apenas pelo gênero, mas também pela raça, sexualidade, classe e etnia (COSTA, 2018).

Ao destrinchar as matérias analisadas em códigos, tornou-se possível observar uma série de elementos que foram agrupados por afinidade nas seguintes categorias: a) mulher como protagonista, confirmando a presença de um recorte de gênero nas produções dos veículos; b) visibilidade, tratando de dados, levantamentos e abordagens interseccionais, que criticam a presença ainda permanente de preconceitos de classe, gênero e raça na sociedade atual; c) diversidade, mostrando a presença de novas vozes e temáticas abordadas ao jornalismo cultural; d) subjetividade no discurso jornalístico, apresentando uma linguagem mais pessoal e assumindo um posicionamento crítico; e) agenda cinematográfica, sustentando a missão e os objetivos das iniciativas jornalísticas, visto que são projetos de incentivo a eventos da indústria cinematográfica no Brasil e no mundo, com o foco na perspectiva de gênero.

Neste contexto, na primeira categoria, encontramos uma diferença entre cobertura de eventos e festivais sobre cinema, em especial, no portal *Mulher no Cinema* em relação aos meios de comunicação convencionais. Enquanto há matérias gerais em portais de notícias tradicionais ou até mesmo de nicho, como no caso do *Omelete* e *Adoro Cinema*, noticiando sobre quais são os filmes indicados e onde se deve assistir aos eventos de premiação de audiovisual, o portal *Mulher do Cinema* busca a mulher como protagonista nas publicações. É possível perceber um recorte tanto nos títulos, como no próprio conteúdo das matérias analisadas. Nas matérias do *Feito por Elas*, também é evidenciada a presença de mulheres nos conteúdos publicados, a partir de análises de filmes ou séries feitos por mulheres ou que possuem como temática vivências femininas.

Em relação à segunda categoria, visibilidade, apesar de parecer com a primeira, teve como objetivo destacar os trechos das matérias que tratavam de informações pouco abordadas

na grande mídia, em especial sobre mulheres e cinema independente. Então, encontramos dados e levantamentos, algumas vezes, elaborados pelas próprias autoras dos portais, ou informações de outros sites e pesquisas, sejam nacionais ou internacionais, que abordavam as desigualdades e as invisibilidades encontradas no mercado cinematográfico. Além disso, visualizamos uma abordagem interseccional, que auxilia na visibilidade de mulheres que também passam por outras formas de opressão. Essa foi uma das categorias mais fundamentais para a pesquisa, visto que ela se relaciona e possui similaridades com outras duas, a mulher como protagonista e a diversidade de causas abordadas.

A terceira categoria, diversidade, surgiu para entender as diversidades identitárias encontradas nas matérias. Em princípio, a partir dos trechos em comum, observamos a presença de diferentes nacionalidades, ou seja, diretoras, roteiristas e atrizes que estão fora do eixo *hollywoodiano*. Além disso, o cinema brasileiro também teve destaque nas matérias produzidas pelo *Mulher no Cinema* e pelo *Feito por Elas*. Então, essa categoria foi importante para se entender o cuidado e a atenção das autoras para a criação de seus conteúdos, uma vez que há uma curadoria em relação às temáticas a serem abordadas. Também foram encontrados assuntos pouco abordados pela mídia convencional, como a temática LGBTQIA+, a descoberta da lesbianidade, a pressão social de mulheres na Arábia Saudita, entre outros. Essas temáticas abordadas pelos portais também possuem uma relação direta com a categoria visibilidade, uma vez que são temas pouco abordados na mídia tradicional, mas que são potencializados nas matérias jornalísticas do *Feito por Elas* e *Mulher no Cinema*.

A categoria subjetividade no discurso jornalístico se manifestou a partir da percepção de códigos em comuns, que assumiam uma linguagem pessoal nas produções dos portais, em especial no *Feito por Elas*. Além disso, encontramos, em muitos trechos, uma posição crítica, uma vez que as fundadoras dos sites são comprometidas com suas identidades femininas, assim como outros aspectos de suas identidades relacionais.

Por fim, a última categoria é intitulada como “agenda cinematográfica”, uma vez que, apesar desta pesquisa tratar, principalmente, sobre os estudos de gênero no meio jornalístico, a principal temática dos portais é o cinema. Então, visualizamos matérias sobre estreias de eventos, festivais e premiações, assim como análises críticas e indicações que fazem parte do universo cinematográfico em geral. Um ponto importante nesta categoria foi a presença de produções audiovisuais independentes que possuem pouco espaço na mídia convencional. Dessa forma, essa informação é necessária para se entender que as iniciativas buscam potencializar a visibilidade dessas produções, que, infelizmente, não possuem o destaque que mereciam, seja por uma falta de interesse ou conhecimento pela mídia convencional.

Em relação ao cenário das iniciativas jornalísticas com perspectiva de gênero no Brasil, podemos citar como exemplos os dois portais estudados. Durante a análise e a conversa com as fundadoras, percebemos algumas limitações e desafios ainda enfrentados. Os mais comentados e observados foram a falta de uma remuneração adequada e de um tempo maior para preparo das matérias. Como são iniciativas de pequeno alcance, principalmente o *Feito por Elas*, o financiamento coletivo funciona apenas para cobrir os custos das produções, como a edição dos episódios do podcast e, também, para uma remuneração simbólica entre as colaboradoras. A falta de tempo é descrita por ambas fundadoras: no *Feito por Elas*, a equipe possui outras atividades profissionais além dos canais de comunicação da iniciativa, enquanto no *Mulher no Cinema*, o conteúdo é realizado, na maior parte, somente por Luísa Pécora e, quando há colaborações, não é possível remunerar. Então, há, de certa forma, um acúmulo de múltiplas tarefas entre as fundadoras, a fim de continuarem produzindo seus conteúdos.

A relação dos portais com os estudos de jornalismo independente e jornalismo feminista também foi uma problemática pensada durante a elaboração da pesquisa. Neste contexto, observamos que ambos os portais são autodenominados independentes e possuem as particularidades descritas pelos autores como Fernandes (2014, 2019), Batista e Patrício (2017, 2019), Peruzzo (2009, 2018). Além disso, percebemos que a maioria dos conteúdos dos portais assume uma ótica feminista, que também foi elucidada por pesquisadores, a exemplo de Sousa (2020), Schander (2020), Rocha e Dancosky (2018), buscando, assim, o fim de estereótipos e preconceitos que são encontrados em textos jornalísticos conservadores.

No entanto, é perceptível algumas limitações nesta pesquisa, em especial, em relação aos conteúdos selecionados do portal *Feito por Elas*. Como a iniciativa, a partir de 2021, interrompeu a produção de notícias e entrevistas com cineastas, tivemos uma dificuldade em selecionar os materiais. Além disso, caso houvesse um maior tempo para realizar a pesquisa, seria interessante fazer um recorte maior, incluindo as publicações dos outros canais de comunicação dos projetos, a exemplo dos perfis do *Instagram* e *Twitter*, que são duas redes sociais utilizadas de forma constante pelas criadoras dos sites. Além disso, estudar a visibilidade feminina em dois portais de jornalismo de nicho pode ser entendido como uma limitação, uma vez que são conteúdos destinados, geralmente, para um pequeno grupo de pessoas que já são interessadas no assunto.

Pensando nisso, para futuras pesquisas, recomendamos estudar como as iniciativas jornalísticas com perspectiva de gênero, como a *Mulher no Cinema* e *Feito por Elas*, podem contribuir com a visibilidade feminina, rompendo com a “bolha” do jornalismo cultural de nicho. Como os conteúdos de ambos os portais são específicos, tanto em relação ao assunto,

quanto ao recorte de gênero, o público alcançado é limitado. Os principais consumidores são geralmente, jovens, que trabalham e/ou estudam sobre produções audiovisuais. Então, a sugestão é identificar como essas produções jornalísticas de nicho podem romper com a “bolha”, atingindo, portanto, um público amplo de pessoas.

O estudo, por fim, ilustra as principais particularidades encontradas em produções jornalísticas com recorte de gênero, como no caso de *Mulher no Cinema e Feito por Elas*. Para chegar nessas características, os conceitos de jornalismo independente, em especial, o digital, assim como as distintas definições sobre a imprensa feminina e feminista foram essenciais para compreender as particularidades identificadas nos materiais consultados. Podemos dizer que, apesar de suas limitações, os dois portais são espaços que buscam ampliar a visibilidade feminina, por meio dos seus diferenciais desde a forma de produzir os conteúdos, por meio de listas, análises críticas e entrevistas, como também pela própria perspectiva de gênero, ao utilizarem dados ou levantamentos sobre as invisibilidades e as desigualdades ainda existentes na sociedade atual. Então, este é, ainda, um panorama que recomenda um estudo contínuo, com a necessidade de ampliar o objeto de estudo e as perguntas de investigação para melhor compreender o fenômeno para, quem sabe, ampliar seu impacto social e de fato gerar transformações que ultrapassem as desigualdades de gênero que infelizmente prevalecem no ambiente midiático.

REFERÊNCIAS

ABI. **Representação de mulheres na mídia levará 67 anos para ser equilibrada, diz relatório.** Disponível em: <https://tinyurl.com/2p8r66cu>. Acesso em: 10 nov. 2021.

ALMEIDA, Gabriela Cavalcanti Carneiro de. A Construção do jornalismo feminista em perspectiva. In: Jornalismo, testemunhos e subjetividades. **Revista Acadêmica Semestral**. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, v. 18, n. 1, jan/jun. 2021.

ALSINA, Miguel. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ALVES, Yago Modesto.; BITAR, Marina Parreira Barros. Novas formas de financiamento no jornalismo sem fins lucrativos. **Prisma.Com**, (33), 2017, p.72-89. Disponível em: <https://doi.org/10.21747/16463153/33a4>. Acesso em: 05 out. 2021.

ANDERSON, C.W.; BELL, E.; SHIRKY, C. **O Jornalismo Pós-Industrial: Adaptação aos novos tempos**. FÉLIX, A (trad.) In: Revista de Jornalismo ESPM, n. 5, ano 2. São Paulo: ESPM, 2013.

ANDERSON, C. **A cauda longa**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2006.

ATTON, Chris; HAMILTON, James. **Alternative journalism**. Londres: Sage, 2008.

BANDEIRA, Ana Paula Bornhausen. Jornalismo feminino e jornalismo feminista: aproximações e distanciamentos. **Revista Vozes & Diálogo**, Itajaí, v. 14, n. 2, 2015. p. 190-199.

BATISTA, Raphaele. PATRÍCIO, Edgard. **Elementos de identidade jornalística em autonarrativas de grupos de produção de jornalismo independente em plataformas digitais**. 15o Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. ECA/USP – São Paulo – Novembro de 2017.

BATISTA, Raphaele Christine; PATRÍCIO, Edgard. **Credibilidade no jornalismo independente em plataformas digitais: uma análise a partir da Agência Pública**. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., 11-14 jun. 2019, Porto Alegre (RS). Anais... Porto Alegre (RS): Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**, São Paulo: Almedina Brasil, 2011.

BESSA, Karla. **Prefácio: Quando um gênero enquadra outras visões**. In: Mulheres atrás das câmeras: as cineastas brasileiras de 1930 a 2018. - 1.ed. - 368p. São Paulo: Estação Liberdade, 2019.

BLOGUEIRAS NEGRAS, QUEM SOMOS. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/quem-somos/>. Acesso em: 27 nov. 2021.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BUITONI, Dulcilia Schroeder. **Imprensa feminina**. 2.ed. Sao Paulo: Ática, 1990.

BUITONI, Dulcilia Schroeder. **A mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. [S.l: s.n.], 2009.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet – Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luiza X. De A. Borges. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2003.

CARPENTIER, Nico. **Media and Participation**: A site of ideological-democratic struggle. Bristol, UK: Intellect Ltd, 2011. Disponível em: <http://www.oapen.org/record/606390>. Acesso em: 10 out. 2021.

CARVALHO, Guilherme. Jornalismo alternativo na era digital: análise de reportagens da Agência Pública. **Revista Alterjor**, São Paulo, ano 5, v. 2, n. 10, jul/dez de 2014.

CARVALHO, Guilherme; BONA, Nívea. Jornalismo Alternativo na Era Digital: Projeto de Pesquisa. **Revista Intercom**: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015.

CAULFIELD, Jack. **How to Do Thematic Analysis | A Step-by-Step Guide & Examples**, 2019. Disponível em: <https://www.scribbr.com/methodology/thematic-analysis/>. Acesso em: 15 dez. 2021.

COSTA, Jéssica G. **Jornalismo Feminista**: estudo de caso sobre a construção da perspectiva de gênero no jornalismo. Dissertação: Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/193588>. Acesso em: 02 out. 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n.1, p. 171-188, jan. 2002.

_____, Kimberlé. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. In: VV.AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, 2004.

DOCUMENTÁRIO E FRONTEIRAS. **Catálogo do Documentário Brasileiro**. Disponível em: <http://documentariobrasileiro.com.br/catalogo/>. Acesso em: 10 set. de 2021.

DUARTE, C. L. Imprensa feminina e feminista no Brasil: nos primórdios da emancipação. **Revista XIX**, 1(4), 95-105. 2017a. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaXIX/article/view/21741>. Acesso em: 02 out. 2021.

_____, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX: dicionário ilustrado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017b.

DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. **Estudo de Caso**. In: Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. Org.: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio., 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010, p. 215-234.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **MÍDIA E QUESTÕES DE GÊNERO NO BRASIL**: pesquisa, categorias e feminismos. In: XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 11 a 14 de junho de 2019.

FEITO POR ELAS. **Quem somos**. Disponível em: <https://feitoporelas.com.br/sobre/>. Acesso em: 05 jan. 2022.

_____. **Filmes hollywoodianos com roteiros feitos por mulheres para ver no Telecine**, 2020a. Disponível em: <https://feitoporelas.com.br/filmes-hollywoodianos-com-roteiros-feitos-por-mulheres-para-ver-no-telecine/>. Acesso em: 11 jan. 2022.

_____. **Elas vão à luta: quatro filmes sobre mulheres e suas batalhas**, 2020b. Disponível em: <https://feitoporelas.com.br/elas-va-a-luta-quatro-filmes-sobre-mulheres-e-suas-batalhas/>. Acesso em: 18 jan. 2022.

_____. **De nuevo otra vez (2019)**, de Romina Paula, 2020c. Disponível em: <https://feitoporelas.com.br/de-nuevo-otra-vez-2019-de-romina-paula/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

_____. **AOS TREZE (2003)**, 2020d. Disponível em: <https://feitoporelas.com.br/aos-treze-2003/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

_____. **In my room (2020)**, de Mati Diop, 2020e. Disponível em: <https://feitoporelas.com.br/in-my-room-2020-de-mati-diop/>. Acesso em: 19 jan. 2022.

_____. **Aggretsuko**, 2020f. Disponível em: <https://feitoporelas.com.br/aggretsuko/>. Acesso em: 19 jan. 2022.

FERNANDES, Kamila Bossato. **Informação e engajamento político: a produção de sentido no jornalismo alternativo audiovisual no Brasil, na Espanha e em Portugal.** Tese. Universidade do Minho Instituto de Ciências Sociais. 2019.

_____, Kamila Bossato. **ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DO JORNALISMO AUDIOVISUAL: diferenças e semelhanças entre media tradicional e alternativo.** In: Diálogos entre Tradição e Contemporaneidade nos Estudos Latino-Americanos e Internacionais de Comunicação. Brasília (DF): Universidade de Brasília (UNB), 2014.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. **Análise de conteúdo.** In: Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. Org.: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio., 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010, p. 280-303.

FREITAS, Maria Manuel Pedrosa Simões. **A utilização das fontes jornalísticas na produção de jornalismo cultural em Portugal.** Universidade de Santiago de Compostela. Tese (Doutorado), 2020.

GALDINO, Melissa. **A escassez de jornalistas negras na bancada do telejornalismo brasileiro.** In: Mulheres no Jornalismo. Org.: Marli dos Santos; Ana Carolina Rocha Pessôa Temer, 2018, p. 33-53.

GARCEZ, Bibiana; SILVEIRINHA, João Maria. Objetividade jornalística e perspectiva feminina: por uma articulação. **Revista Mediapolis**, n. 10, Universidade de Coimbra, Portugal, 2020. DOI: https://doi.org/10.14195/2183-6019_10_8. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/mediapolis/article/view/2183-6019_10_8. Acesso em: 10 nov. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GOSCH, Raísa Moreira. **O conceito de jornalismo independente no contexto dos nativos digitais brasileiros.** Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de Jornalismo. Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/223837>. Acesso em: 10 set. 2021.

GUSTAFSON, Jessica. **Jornalistas e feministas: a construção da perspectiva de gênero no jornalismo.** Florianópolis: Insular, 2019a.
_____, Jessica. Um olhar feminista interseccional para subverter invisibilidades históricas. In: Jornalismo e Crítica de Mídia. **Revista Acadêmica Semanal: Estudos em Jornalismo e Mídia**, jan-jun. 2019b. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2019v16n1p214>. Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2019v16n1p214>. Acesso em: 06 nov. 2021.

GPS/JOR. Disponível em: <https://bit.ly/2QZI9J8>. Acesso em: 17 out. 2021.

HOLANDA, Karla. **Documentários (e afins) feitos por elas um painel.** In: Mulheres atrás das câmeras: as cineastas brasileiras de 1930 a 2018. - 1.ed. - 368p. São Paulo: Estação Liberdade, 2019.

IBGE – Biblioteca, Brasília. **RECENSEAMENTO do Brasil em 1872**, s.d. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em: 10 nov. 2021.

JELLINEK, Sérgio. **A promessa do jornalismo digital independente.** In: Observatório da imprensa. Ed. 803. 17 jun. 2014. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed803_a_promessa_do_jornalismo_digital_independente. Acesso em: 22 set. 2021.

LENZI, Alexandre. Jornalismo nativo digital brasileiro: Um estudo de caso do Nexo. **Revista FAMECOS**, v.27, 2020. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.36102>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/36102>. Acesso em: 20 jan. 2022.

LUSVARGHI, Luiza; SILVA, Camila Vieira da; FUSER, Marina Costin. **Mulheres atrás das câmeras**: as cineastas brasileiras de 1930 a 2018. - 1.ed. - 368p. São Paulo: Estação Liberdade, 2019, p. 18 - 74.

MARQUES DE MELO, José. Indústria Cultural, Jornalismo e Jornalistas. **Revista Intercom**, 1991. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/rbcc.v14i65.1320>. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1320>. Acesso em: 26 jan. 2022.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. Summus Editorial, 1978.

MESQUITA, L., FERNANDES, K. The New Praxeology of Digital Journalism in Latin America: Media Organizations Learn How to Walk by Running. In: **Journalism, Data and Technology in Latin America**. Edited by Ramón Salaverría, Mathias-Felipe de-Lima-Santos, 2021.

MORAES, Dênis; **A batalha da mídia**: governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios. Rio de Janeiro: Pão e Rosas: 2009.

MULHER NO CINEMA. **Sobre**. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/sobre/>. Acesso em: 06 jan. 2022.

_____. **Halyna Hutchins dará nome a uma bolsa de estudos para diretoras de fotografia**, 2021a. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/noticias/halyna-hutchins-dara-nome-a-uma-bolsa-de-estudos-para-diretoras-de-fotografia/>. Acesso em: 10 nov. 2021.

_____. **Mais cinco filmes de Chantal Akerman chegam ao Supo Mungam Plus**, 2021b. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/noticias/noticias-de-casa-e-mais-4-filmes-de-chantal-akerman-chegam-ao-supo-mungam-plus/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

_____. **Diretoras dominam categorias de curta do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro**, 2021c. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/noticias/diretoras-dominam-categorias-de-curta-do-grande-premio-do-cinema-brasileiro/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

_____. **Haifaa Al Mansour: “É uma boa época para ser cineasta na Arábia Saudita”**, 2021d. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/entrevistas/haifaa-al-mansour-e-um-bom-momento-para-ser-cineasta-na-arabia-saudita/>. Acesso em: 14 jan. 2022.

_____. **Lucia Murat: “Acredito realmente que este horror vai terminar”**, 2021e. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/entrevistas/lucia-murat-acredito-realmente-que-este-horror-vai-terminar/>. Acesso em: 17 jan. 2022.

_____. **Aletéia Selonk: “Produção audiovisual brasileira está unida, resistindo e lutando”**, 2021f. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/entrevistas/aleteia-selonk-producao-audiovisual-brasileira-esta-unida-resistindo-e-lutando/>. Acesso em: 17 jan. 2022.

_____. **Katie Found sobre “Meu Primeiro Verão”: “É uma carta de amor às conexões queer”**, 2021g. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/entrevistas/katie-found-sobre-meu-primeiro-verao-fiz-uma-carta-de-amor-as-conexoes-queer/>. Acesso em 18 jan. 2022.

_____. **Pela primeira vez, mulheres vencem Emmy de direção de drama e comédia**, 2021h. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/noticias/pela-primeira-vez-mulheres-vencem-emmy-de-direcao-de-drama-e-comedia/>. Acesso em: 22 jan. 2022.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. **Estudos Feministas**, v. 11, n. 1, Florianópolis: UFSC, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000100013>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100013>. Acesso em 28 nov. 2021.

NONATO, Cláudia. **O perfil diferenciado dos jornalistas associados ao sindicato de São Paulo**. In: As mudanças no mundo do trabalho do jornalista. Org: FIGARO, Roseli; NONATO, Cláudia; GROHMANN, Rafael. [S.l: s.n.], 2013, p. 133-188.

OLIVEIRA, de Denis. **Jornalismo alternativo, o utopismo iconoclasta**. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo USP (Universidade de São Paulo), nov. 2009.

_____, de Denis. **As fronteiras do jornalismo no Espaço Midiático**: a real dimensão da função ideológica da informação jornalística. Trabalho apresentado durante o IX Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação, 2008.

OLIVEIRA, Janaína. **Por um cinema negro no feminino**. In: Mulheres atrás das câmeras: as cineastas brasileiras de 1930 a 2018. - 1.ed. - 368p. São Paulo: Estação Liberdade, 2019.

PASSONI, Thalita Caturelli. **A motivação feminina no ato de empreender em mídias de jornalismo alternativo**. Dissertação - Jornalismo. Universidade da Beira Interior, set. 2019.

PÉCORA, Luísa. Entrevista concedida à autora, no dia 18 de novembro de 2021, por meio da plataforma Google Meet. Fortaleza, 2021.

PEIXOTO, Clarissa do Nascimento. Portal Catarinas: estudo de caso de Jornalismo de Novo Tipo. **Revista Vozes & Diálogo**. Itajaí, c;18, n01, jan/jun de 2019.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 17, pp. 131- 146, jun. 2009.

_____, Cicilia M.K. Possibilidades, realidade e desafios da comunicação cidadã na Web. Revista Matrizes: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação**. São Paulo, ECA-USP, v.12, n.3, p.77-100, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/issue/view/10940>. Acesso em: 04 set. 2021.

PRENSKY, M. **Digital Native, digital immigrants**. Digital Native immigrants. On the horizon, MCB University Press, Vol. 9, N.5, October, 2001. Disponível em: <http://www.nnstoy.org/download/technology/Digital+Natives+-+Digital+Immigrants.pdf> . Acesso em: 05. out. 2021.

PODER 360. **Menos de 1/3 dos editores-chefes de grandes redações são mulheres**. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/nieman/menos-de-1-3-dos-editores-chefes-de-grandes-redacoes-sao-mulheres/>. Acesso em: 06 nov. 2021.

REBOUÇAS, Gabriela Maia, LEITE, Martha Franco., & MARQUES, Verônica Teixeira. Pesquisa Comparativa Em Ciências Sociais E Humanas: Um Panorama De Seus Usos. **Interfaces Científicas - Humanas E Sociais**, 5(2), 2016, p. 21–32. DOI: <https://doi.org/10.17564/2316-3801.2016v5n2p21-32>. Acesso em: 16 dez. 2021.

RIBEIRO, Costa Beatriz. **Representações da mulher na imprensa feminista**: análise do discurso da Revista Matria. TCC: Universidade Federal do Ceará, 2013.

SARMENTO, Rayza. A cobertura jornalística sobre o feminismo brasileiro (1921 a 2016): relação de público e privado na narrativa sobre o ativismo. **NORUS - NOVOS RUMOS SOCIOLÓGICOS**, v. 7, p. 335-360, 2019.

SANTOS, Érica Ramos Sarmet dos; TEDESCO, Marina Cavalcanti. Iniciativas e ações feministas no audiovisual brasileiro contemporâneo. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis , v. 25, n. 3, p. 1373-1391, dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n3p1373>. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2017000301373&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 out. 2020.

SCHANDER, Gabriela. Feminismo em pauta, pautas do feminismo: análise temática da Revista AzMina. **18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo: SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo**, Brasília, p. 1-17, nov. 2020.

SCHANDER, Gabriela. **Por uma perspectiva de gênero no jornalismo**: construção de categorias analíticas e uma análise de conteúdo da Revista AzMina. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2021.

SCHMIDT, Eric, COHEN, Jared. **A Nova Era Digital**: como será o futuro das pessoas, das nações e dos negócios. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

SCHNEIDER, Sergio; SCHIMITT, Cláudia Job. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.

STAKE, Robert E. **Pesquisa Qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.

SINDICATO dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal. **Desigualdade de gênero no jornalismo**. Disponível em: http://www.sjpdf.org.br/images/Pesquisa_Desigualdade_de_G%C3%AAnero_no_Jornalismo_-_Resultados.pdf. Acesso em: 20 nov. 2021.

SOUSA, Nayara Nascimento de. Muito além da “caixinha feminista”: o jornalismo com perspectiva de gênero em portais independentes. **18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo: SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo**, Brasília, p. 1-16, nov. 2020.

SPAGNUOLO, S. **O Nexo pode realmente dar certo**: se as pessoas pagarem para ver, 2016. Available at: <https://goo.gl/hJ5mMR>. Acesso em 28 out. 2021.

ROCHA, Paula Melani; DANCOSKY, Andressa Kikuti. A diversidade de representações da mulher na cauda longa do jornalismo independente sobre gênero. **Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 139, p. 389-408, 2018.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; NUNES, Mônica Rodrigues. O jornalismo cultural e seus vínculos com o jornalismo feminino: a cultura entre as últimas tendências da moda e a crítica literária. **Revista Comunicação & Informação**, v.14, n. 1, p. 96-114, jan/jun. 2011.

THORMANN, Muller Raquel. **A representação da mulher no jornalismo**: uma análise comparativa entre Brasil e Portugal. Dissertação: Faculdade de Letras da Universidade de Porto, 2020.

VECCHIO-LIMA, M. D., & ALVES DE SOUZA, H. da C. **Espaços alternativos na internet como formas de visibilizar as mulheres no jornalismo brasileiro**. *Media & Jornalismo*, 17(31), 2017, p. 131-152. DOI: https://doi.org/10.14195/2183-5462_31_9.

VEIGA, Ana Maria. Gênero e cinema, uma história de teoria e desafios. **Revista Estudos Feministas**, set-dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n3p1355>.

VIEIRA, V. e SOUZA, S. D. **A mulher no noticiário brasileiro durante a Copa do Mundo 2014** (livro eletrônico). São Paulo: Rede Mulher de Educação, 2014.

WITTMANN, Isabel. Gênero e cinema na rede: o Feito por Elas como ferramenta de reflexão. **Revista Áltera**, João Pessoa, v. 2, n. 9, p. 155-181, jul/dez. 2019.

WITTMANN, Isabel. Entrevista concedida à autora, no dia 15 de outubro de 2021, por meio da plataforma Google Meet. Fortaleza, 2021.

WOITOWICZ, Karina Janz; PEDRO, Joana Maria. Feminismo e ativismo midiático: o jornalismo como estratégia de ação política. In: **Fazendo Gênero** 9, Florianópolis, 2010.

YAMAOKA, Eloi Juniti. **O uso da Internet**. In: Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. Org.: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio., 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010, p. 146-162.

YIN, Robert. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

_____, Robert K. **Pesquisa qualitativa: do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

**APÊNDICE A - LISTA DE CÓDIGOS ENCONTRADOS NAS MATÉRIAS
ANALISADAS DO PORTAL MULHER NO CINEMA**

| Nº | Título do material coletado (Portal Mulher no Cinema) | Códigos presentes – Unidades de registro ¹²⁸ |
|----|---|---|
| 1 | <p>[Notícias] 7 de out de 2021</p> <p>TÍTULO: <u>Mais cinco filmes de Chantal Akerman chegam ao Supo Mungam Plus</u></p> | <p>Diretora belga Plataforma brasileira de streaming - pouco conhecida Divulgação de filmes estrangeiros Presença de filmes não-mainstreams Mini biografia sobre a autora Uso de entrevista em vídeo Fontes de mulheres Outros filmes feitos por mulheres no streaming Dicas de filmes Promover mulheres</p> |
| 2 | <p>[Notícias] 6 de out de 2021</p> <p>TÍTULO: <u>Online e gratuito, Cabíria Festival exhibe 35 filmes e homenageia Lucia Murat</u></p> | <p>Pauta de serviço Programação de Festival sobre Audiovisual Evento com perspectiva de gênero Festival de cinema brasileiro Homenagem a uma cineasta Divulgação de obras feitas por uma diretora Parcerias Fontes e vozes de mulheres Divulgação de oficina Agenda</p> |
| 3 | <p>[Notícias] 2 de out de 2021</p> <p>TÍTULO: <u>Diretoras dominam categorias de curta do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro</u></p> | <p>Presença potencializada de mulheres em premiação Estatísticas e levantamentos da representação de mulheres nas categorias Divulgação dos filmes feitos por mulheres Premiação de cinema brasileiro Filmes não-mainstreams Curtas e documentários brasileiros dirigidos por mulheres Divulgação dos nomes das mulheres indicadas ao prêmio</p> |
| 4 | <p>[Notícias] 20 de set de 2021</p> <p>TÍTULO: <u>Pela primeira vez, mulheres vencem Emmy de direção de drama e comédia</u></p> | <p>Notícia histórica Levantamento sobre as edições do Emmy Premiação internacional Primeira vez mulheres sendo premiadas nas categorias de direção de série dramática e de comédia. Série mainstream Diversidade de nacionalidade Séries internacionais Presença LGBTQI+ Presença de interseccionalidade Crítica à premiação</p> |
| 5 | <p>[Notícias] 20 de set de 2021</p> <p>TÍTULO: <u>Emmy premia “The Crown”, “O Gambito da Rainha”</u></p> | <p>Premiação internacional Série internacional Visibilidade de prêmio para mulheres Diretora neozelandesa</p> |

¹²⁸ Os elementos presentes tiveram destaque em cores iguais, com o objetivo de contribuir para o agrupamento em categorias.

| | | |
|---|--|---|
| | <u>Michaela Coel e duas diretoras</u> | <p>Fonte feminina</p> <p>Contextualização com perspectiva de gênero e com mirada crítica</p> <p>Divulgação de outras séries centradas em mulheres</p> <p>Interseccionalidade</p> <p>Presença crítica em texto</p> <p>Lista de mulheres que venceram as categorias da premiação</p> |
| 6 | <p>[Notícias] 11 de set de 2021</p> <p>TÍTULO: <u>Mulheres ganham Leão de Ouro e prêmios de direção e roteiro no Festival de Veneza</u></p> | <p>Premiação internacional</p> <p>Festival de cinema internacional</p> <p>Diretora franco-libanesa</p> <p>Sinopse do filme</p> <p>Cineasta neozelandesa</p> <p>Divulgação de filmes</p> <p>Estreia de longa-metragem</p> <p>Atriz espanhola</p> <p>Lista das mulheres premiadas no Festival</p> |
| 7 | <p>[Notícias] 22 de ago de 2021</p> <p>TÍTULO: <u>“Carro Rei”, de Renata Pinheiro, vence Gramado; veja todas as premiadas</u></p> | <p>Festival de cinema nacional</p> <p>Filme feito por mulher</p> <p>Direção feminina</p> <p>Longa pernambucano</p> <p>Mini biografia sobre a diretora</p> <p>Fonte de mulheres</p> <p>Outros filmes dirigidos por mulheres</p> <p>Entretenimento/Curiosidade (SILVA, 2014)</p> <p>Filmes nacionais</p> <p>Longa-metragens gaúchos</p> |
| 8 | <p>[Notícia] 21 de ago de 2021</p> <p>TÍTULO: <u>Festival de Curtas exhibe filmes indígenas e brasileira premiada em Cannes</u></p> | <p>Festival internacional</p> <p>Pauta de serviço, divulgação de evento online e gratuito</p> <p>Diretoras mulheres</p> <p>Presença de parceria com Mostra Amotara, de mulheres indígenas</p> <p>Presença de filmes indígenas</p> <p>Curtas metragens indígenas</p> <p>Curtas brasileiros</p> <p>Filmes não-mainstream</p> <p>Contextualização sobre o filme</p> <p>Curtas-metragens internacionais/estrangeiros</p> <p>Diversidade de nacionalidades</p> |
| 9 | <p>[Notícias] 15 de ago de 2021</p> <p>TÍTULO: <u>“O Novelo”: Diretora e roteirista falam sobre filme que estreia em Gramado</u></p> | <p>Longa-metragem brasileiro</p> <p>Evento gaúcho de cinema</p> <p>Fim de estereótipos raciais</p> <p>Interseccionalidade</p> <p>Fontes diversificadas e equitativas</p> <p>Aprofunda debate</p> <p>Visibilidade de longas nacionais</p> <p>Filme com baixo orçamento</p> <p>Entrevista em texto com duas cineastas</p> |

| | | |
|----|--|--|
| | | <p>Pôr fim a estereótipos Processos da construção do filme</p> |
| 10 | <p>[Notícias] 12 de ago de 2021</p> <p>TÍTULO: <u>Festival de Gramado: veja os filmes dirigidos por mulheres e como assisti-los</u></p> | <p>Pauta de serviço Festival de Gramado Evento nacional Divulgação de formas de transmissão Divulgação de filme brasileiro Mini sinopse do filme Programação do Festival Filmes nacionais Curtas de baixo orçamento</p> |
| 11 | <p>[Entrevistas] 27 de out de 2021</p> <p>TÍTULO: <u>Aletéia Selonk: “Produção audiovisual brasileira está unida, resistindo e lutando”</u></p> | <p>Entrevista com produtora cinematográfica Contextualização Fonte mulher Crítica ao governo de Jair Bolsonaro Falta/insuficiência de políticas públicas Filme brasileiro de pouco orçamento Produção audiovisual no Brasil Pandemia e a falta de investimentos no setor pelo governo Bolsonaro Barreiras encontradas por ser mulher no cinema Diversidade de gêneros e temáticas Regionalização da produção audiovisual no Brasil Interseccionalidade (cursos de gênero e raça no Brasil) Fortalecimento da participação plural Fortalecimento da mulher em espaços de ação</p> |
| 12 | <p>[Entrevistas] 04 de set de 2021</p> <p>TÍTULO: <u>Haifaa Al Mansour: “É uma boa época para ser cineasta na Arábia Saudita”</u></p> | <p>Diretora de cinema da Arábia Saudita Contextualização Primeiro longa-metragem dirigido por uma mulher na Arábia Saudita Repercussão/Visibilidade internacional Filmes de baixo orçamento Filme indicado a premiações Presença do filme em salas de cinema no Brasil Diversidade de nacionalidade Levantamentos/pesquisas sobre a desigualdade de gênero Direitos das mulheres Promover mudanças Fim de estereótipos Pressão social na Arábia Saudita Retratar a história real das mulheres Encorajar mulheres</p> |
| 13 | <p>[Entrevistas] 30 de ago de 2021</p> <p>TÍTULO: <u>Katie Found sobre “Meu Primeiro Verão”: “É uma carta de amor às conexões queer”</u></p> | <p>Diretora australiana Primeiro longa-metragem da diretora Filme queer Fim de narrativas hiperssexualizadas Filme de olhar feminino e empoderador Contextualização do filme Longa-metragem passa na Austrália Temática lésbica Festivais de cinema LGBTQIA+ Processo do filme Longa-metragem em que passa na adolescência Filme com orçamento limitado Alta presença de homens na indústria cinematográfica Invisibilidade de histórias de jovens mulheres queer</p> |

| | | |
|----|--|---|
| 14 | <p>[Entrevista] 18 de ago de 2021</p> <p>TÍTULO: Renata Pinheiro retrata contexto brasileiro em “Carro Rei”: “É um filme do caos”</p> | <p>Filme nacional Festival de Gramado Temáticas sobre impacto da tecnologia e das fake news Biografia da diretora brasileira Divulgação das plataformas de streaming Processos do roteiro Reflexão a problemas sociais Empregabilidade de profissionais de diferentes regiões Falta de incentivo a políticas públicas no governo Bolsonaro</p> |
| 15 | <p>[Entrevistas] 17 de ago de 2021</p> <p>TÍTULO: Cristiane Oliveira fala sobre inspirações e bastidores de “A Primeira Morte de Joana”</p> | <p>Reflexão sobre as relações familiares Filme se passa no Rio Grande do Sul Longa-metragem brasileiro Três gerações de mulheres Crítica a reflexos de uma sociedade conservadora e patriarcal Fim de opressões e preconceitos Processo de construção do filme Transformações da protagonista Fonte mulher Mulher diretora brasileira Presença do filme em streamings Filme de baixo orçamento Aborda a repressão das mulheres Presença de interseccionalidade (outras opressões: racismo, o classismo, os preconceitos relacionados à orientação sexuais) Questões ligadas aos direitos humanos Questões religiosas Locação do filme Preservação do filme para a memória da cultura brasileira Negligências do governo federal</p> |
| 16 | <p>[Entrevistas] 02 de ago de 2021</p> <p>TÍTULO: Lucia Murat: “Acredito realmente que este horror vai terminar”</p> | <p>Cineasta brasileira Visibilidade história Filme com base em mulheres pouco conhecidas durante a ditadura militar Longa-metragem sobre histórias de ativistas Presença de mulheres no cinema Referências e inspirações Apagamento de mulheres artistas Racismo estrutural em mulheres Violência de regimes ditatoriais Combinação de ficção com documentário Performances das atrizes Filme com foco na figura feminina Questões raciais Presença de mulheres negras no cinema Realidade do Brasil no governo atual Presença de países latino-americanos</p> |
| 17 | <p>[Listas] 18 de out de 2021</p> <p>TÍTULO: 8 filmes dirigidos por mulheres para ver online e de graça na Mostra de SP</p> | <p>Filmes dirigidos e codirigidos por mulheres Mostra de São Paulo Pauta de serviço Festival em formato híbrido Exibições em plataforma de serviço de streaming Programação gratuita</p> |

| | | |
|----|--|---|
| | | <p>Divulgação de filme indígena com foco na mulher</p> <p>Divulgação de documentário sobre minoria muçulmana</p> <p>Filmes não-mainstreams</p> <p>Filme de Istambul com foco na figura da mulher</p> <p>Filme do sul de Taiwan</p> <p>Documentário sobre casamento forçado</p> <p>Documentário por diretora mulher sobre pessoas em situação de rua</p> <p>Visibilidade de filmes/documentários de mulheres de diversas nacionalidades</p> |
| 18 | <p>[Listas] 04 de out de 2021</p> <p>TÍTULO: <u>5 filmes dirigidos por mulheres para ver no streaming em outubro</u></p> | <p>Dicas de filmes para streamings</p> <p>Divulgação de diferentes gêneros do cinema</p> <p>Variedade do trabalho das mulheres no cinema</p> <p>Documentário brasileiro com foco em artistas femininas</p> <p>Filme com mulher como protagonista</p> <p>Autobiografia sobre cineasta belga</p> <p>Documentário sobre mulheres negras na política</p> <p>Filme com temática de relacionamento abusivo</p> |
| 19 | <p>[Listas] 02 de out de 2021</p> <p>TÍTULO: <u>10 filmes dirigidos por mulheres para ver online no Olhar de Cinema</u></p> | <p>Festival Internacional de Curitiba</p> <p>Evento de cinema independente</p> <p>Pauta de serviço</p> <p>Programação online</p> <p>Produções nacionais e estrangeiras</p> <p>Obras com acessibilidade</p> <p>Pluralidade de vozes</p> <p>Dicas de filmes dirigidos por mulheres no Festival</p> <p>Diretora brasileira</p> <p>Temática de mulheres grávidas no sertão pernambucano</p> <p>Filme dirigido por cineasta brasileira premiada</p> <p>Curta de ficção dirigido por brasileira</p> <p>Filme dirigido por brasileira</p> <p>Documentário feito por cineasta brasileira</p> <p>Visibilidade do trabalho de diretoras brasileiras</p> <p>Cineasta belga</p> <p>Padrões de dominação patriarcal e violência sexual em mulheres africanas</p> <p>História sobre mulheres latino-americanas</p> <p>Documentário que se passa no Níger, que contém temáticas de racismo e classismo</p> |
| 20 | <p>[Listas] 10 de set de 2021</p> <p>TÍTULO: <u>5 filmes dirigidos por mulheres para ver no streaming em setembro</u></p> | <p>Dicas de filmes nos streamings</p> <p>Longa de estreia de diretora americana</p> <p>Filme francês com foco na mulher e em questões raciais</p> <p>Recente longa de diretora americana</p> <p>Filme de diretora americana com temática LGBTQIA+</p> <p>Curta-metragem brasileiro dirigido por mulher sobre ditadura</p> |
| 21 | <p>[Listas] 04 de ago de 2021</p> <p>TÍTULO: <u>5 filmes dirigidos por mulheres para ver no streaming em agosto</u></p> | <p>Diversificação de diretoras, de gêneros e de nacionalidades</p> <p>Filme dirigido por ganhadora de Oscar</p> <p>Curta independente de cineasta neozelandesa</p> <p>Filme de cineasta brasileira sobre a importância da cultura</p> |

| | | |
|----|---|---|
| | agosto | oral Longa de diretora brasileira que aborda o contexto político e social do País Filme com foco na mulher em Israel |
| 22 | [Vídeos] 20 de out de 2021 TÍTULO: Veja o trailer de “Yalda”, filme iraniano premiado em Sundance | Pauta de serviço Filme premiado Drama iraniano com foco na figura da mulher Longa com temática ligada à juventude Cinema independente de baixo orçamento Trailer divulgado com exclusividade |
| 23 | [Vídeos] 23 de set de 2021 TÍTULO: Veja uma cena de “DNA”, novo filme de Maiwenn, diretora de “Meu Rei” | Pauta sobre estreia de filme Cinema brasileiro independente Longa-metragem por diretora francesa Filme com questões raciais Temáticas de relacionamento tóxico e crise de identidade |
| 24 | [Vídeos] 20 de set de 2021 TÍTULO: Veja o discurso de Michaela Coel no Emmy com tradução em português | Escritora, diretora, produtora e atriz inglesa Premiação Emmy Primeira mulher negra a ganhar a categoria como roteirista Crítica a premiação do Globo de Ouro Temáticas de abuso sexual, racismo e homofobia Desafios da visibilidade de mulher negra no cinema |
| 25 | [Vídeos] 03 de ago de 2021 TÍTULO: Veja o trailer de “A Candidata Perfeita”, de Haifaa Al Mansour | Cineasta saudita; Pauta de serviço; Divulgação com exclusividade; Estreia de longa da Arabia Saudita nos cinemas brasileiros; Fim de preconceitos e estereótipos na sociedade conservadora; Outras produções cinematográficas da cineasta; Presença de cinema independente; |

Fonte: A autora (2022)

**APÊNDICE B - LISTA DE CÓDIGOS ENCONTRADOS NAS MATÉRIAS
ANALISADAS DO PORTAL *FEITO POR ELAS***

| Nº | Título do material coletado (Portal Feito por Elas) | Códigos presentes – Unidades de registro ¹²⁹ |
|----|--|---|
| 1 | [Críticas] 11 de out de 2020 TÍTULO: Em minha pele | Mulher como protagonista do filme Análise crítica Contextualização Imagem da beleza da mulher Filme estrangeiro Cinema independente Cineasta e roteirista francesa |
| 2 | [Críticas] 7 de out de 2020 TÍTULO: Aos Treze | Produtora e diretora estadunidense Presença de protagonismo feminino Temáticas de sexo e drogas Juventude feminina Mudanças de comportamento feminino Linguagem em primeira pessoa Identificação pessoal com a história Filme com baixo orçamento Referências a outros filmes Crítica à falta de direção feminina em filmes de franquias |
| 3 | [Críticas] 8 de set de 2020 TÍTULO: Take this Waltz | Temáticas relacionadas à melancolia e à sensação de perigo Filme com foco na mulher Filme de romance estadunidense Crítica de filme Temas de relacionamento afetivo Diretora estadunidense Elementos complementares do filme Evita estereótipos |
| 4 | [Notícias] 06 de out de 2020 TÍTULO: Confira os filmes dirigidos por mulheres para ver no Olhar de Cinema | Festival de Curitiba Pauta de serviço Transmissão online Filme que expõe permanência de preconceitos de classe, gênero e raça Diretoras brasileiras Filme de orçamento limitado Iniciativa feminista #MeTooBrasil Filmes dirigidos por mulheres Diversidade de nacionalidades |
| 5 | [Notícias] 14 de set de 2020 TÍTULO: Elas vão à luta: quatro filmes sobre mulheres e suas batalhas | Texto em primeira pessoa do plural Dicas de filmes sobre mulheres Protagonistas femininas Temáticas de lutas enfrentadas pelas mulheres Experiência feminina Direção francesa Temática LGBTQIA+ |

¹²⁹ Os elementos presentes tiveram destaque em cores iguais, com o objetivo de contribuir para o agrupamento em categorias.

| | | |
|----|---|---|
| | | <p>Temas de violência vividas por pessoas trans Filme de protagonismo feminino negro Temas como racismo, violência doméstica e política Questões de religião Laços de amizade Parceria</p> |
| 6 | <p>[Notícias] 18 de ago de 2020</p> <p>TÍTULO: Filmes hollywoodianos com roteiros feitos por mulheres para ver no Telecine</p> | <p>Parceria paga com streaming Invisibilidade de mulheres roteiristas dentro do mercado cinematográfico Dados/levantamentos sobre mulheres roteiristas Dicas de filmes Longas roteirizados por mulheres</p> |
| 7 | <p>[Podcasts] 01 de out de 2020</p> <p>TÍTULO: Feito por Elas #123 Ann Hui</p> | <p>Cineasta chinesa Filme que se passa no Vietnã Relação entre Hong Kong e China Filme anti-comunista Programa apresentado por mulheres</p> |
| 8 | <p>[Podcast] 16 de set de 2020</p> <p>TÍTULO: Feito por Elas #122 E.T.: O Extraterrestre</p> | <p>Longa mainstream Filme roteirizado por mulher Mudança na ficção científica Filme indicado ao Oscar Longa disponível no streaming</p> |
| 9 | <p>[Podcast] 02 de set de 2020</p> <p>TÍTULO: Feito por Elas #121 Atlantique</p> | <p>Dirigido por atriz e cineasta francesa de origem senegalesa Drama romântico com sobrenatural Temas de questões pós-coloniais e capitalismo tardio em Senegal</p> |
| 10 | <p>[Podcast] 19 de ago de 2020</p> <p>TÍTULO: Feito por Elas #120 Barbara Loden</p> | <p>Cineasta e atriz Festival de Veneza Filme premiado Filme de baixo orçamento Marco na história do cinema estadunidense</p> |
| 11 | <p>[Podcast] 05 de ago de 2020</p> <p>TÍTULO: Feito por Elas #119 A</p> | <p>Cineasta Filme independente Temas relacionados à política</p> |

| | | |
|----|--|--|
| | <u>Culpa é do Fidel</u> | Presença da ditadura na Espanha |
| 12 | [Indicações] 08 de out de 2020 TÍTULO: <u>Aggretsuko</u> | Anime independente Texto em primeira pessoa do singular Marca uma opinião Texto informal Gírias Temas relacionados à independência, amizade, relacionamentos afetivos e vício em redes sociais Indicação |
| 13 | [Indicações] 24 de set de 2020 TÍTULO: <u>In my room (2020), de Mati Diop</u> | Texto em primeira pessoa Indicação Protagonismo feminino Assume um ponto de vista |
| 14 | [Indicações] 10 de set de 2020 TÍTULO: <u>De nuevo otra vez (2019), de Romina Paula</u> | Mulher como protagonista Misto de documentário com ficção Indicação de filme Disponível em streaming Cinema independente Questões relacionada à juventude Temas entre medo e o desejo |
| 15 | [Indicações] 27 de ago de 2020 TÍTULO: <u>Crip Camp: Revolução pela Inclusão</u> | Dirigido por mulher Adolescentes com deficiência Linguagem inclusiva Temas pouco abordados Documentário premiado |

Fonte: A autora (2022)